



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

JANAIZE BATALHA NEVES

**AS ARTES DE SER NAS ESCRIVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS**

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal, como pré requisito a obtenção do título de Mestra em Educação

ORIENTADOR PROF DR. MARCIO  
CAETANO

PELOTAS, 2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**AS ARTES DE SER NAS ESCRIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS**

JANAIZE BATALHA NEVES

PELOTAS,  
2022.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

N511a Neves, Janaize batalha

As artes de ser nas escrevivências de mulheres negras / Janaize batalha Neves ; Marcio Caetano, orientador. — Pelotas, 2022.

117 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Mulheres negras. 2. Escrevivências. 3. Racismo. 4. Geração. I. Caetano, Marcio, orient. II. Título.

CDD : 370

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

## **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço a vida e a toda ancestralidade que me guiou e me amparou para que eu pudesse driblar as estatísticas.

Pedindo licença às mais velhas, aquelas que vieram antes de mim, saudando as mais novas, aquelas que estão chegando, batendo cabeça para a Dona do meu Ôrí, peço Agô, agradeço por toda força que me emana e pelas inúmeras vezes que me carregou no colo não me deixando desistir.

Agradeço aos meus pais que me permitiram sonhar, estudar e me passaram ensinamentos preciosos que levarei para a vida toda.

Um parceiro, professor, terapeuta, meu orientador, obrigada pela acolhida, pela confiança, por todo aprendizado que me proporcionaste e por em momentos nos quais eu não acreditava em mim mesma, tu não soltou a minha mão, Adupé Marcio Caetano!

As minhas interlocutoras, obrigada por me permitirem entrar na vida de vocês e mergulhar nas *escrevivências* da trajetória de vida, tantos saberes, conhecimentos e amorosidade, vocês são gigantes.

A Rogéria obrigada por tanto, por acreditar, por apoiar, por me pegar da mão e me trazer até o mestrado, por ser porto seguro no meio a um tsunami, tua amizade é aconchego, é colo.

Professora Rita que maravilha poder contar contigo neste caminho, conversas, músicas, vídeos, tua ajuda foi extremamente importante para o meu ingresso e permanência no mestrado.

Ana, amiga que a pós graduação me deu, obrigada por toda paciência, por inúmeras contribuições na minha escrita e por me mostrar que o caminho na academia não precisa ser tão doloroso, que existem anjos em forma humana.

Agradeço a professora Georgina e a professora Cassiane, pela generosidade de ter aceito o convite para participar da banca de qualificação, tanto quanto da banca de defesa da dissertação, agradeço pelas brilhantes e importantes contribuições na minha escrita bem como na pesquisa.

Agradecer a Universidade Federal de Pelotas, a qual me possibilitou me qualificar, mesmo com o atual desgoverno, sigo acreditando e em defesa de uma educação pública gratuita, de qualidade e democrática.

Aos meus filhos Gabriel e Théo, obrigada por terem me escolhido como mãe de vocês nesta jornada e saibam que se eu ainda estou em pé, lutando por um futuro melhor e por uma sociedade mais igualitária e livre de racismo, é graças a vocês que são o meu combustível pra seguir em frente, (re)existir e me livrar de toda e qualquer amarra.

Ao meu afeto Marcelo, obrigada por me incentivar e entender minha sede por aprender.

As mulheres negras da minha vida, tem minha gratidão por me ensinarem tanto, por serem o fio condutor da minha existência, agradeço muito por tanto afeto, amorosidade, zelo, por tantas mãos estendidas no anseio, de ver uma mulher preta tendo êxito, uma luta de todas nós, não entrei no mestrado sozinha e não saiu dele só, mas sim de mãos dadas com outras tantas de nós, agradeço as encruzilhadas da vida, que fizeram nossos caminhos se cruzarem.

Epahey, Ogunhê, Alupô, Okê Cabocla Jurema Flecheira, Adorei as Almas Maria Conga, Ori Optchá Ciganinha Alexandra, Laroyê Maria Quitéria, Salve a malandragem Zé Pilintra da Calunga. Asé.

## RESUMO

A *escrevivência* se caracteriza como uma escrita centrada na experiência. O conceito foi criado por Conceição Evaristo e reverbera a importância de nós contarmos em nossas pesquisas, dando relevo e protagonismo aos saberes da população negra. Foi mobilizada pela provocação da autora que esta pesquisa tem como objetivo investigar os modos como a interseccionalidade entre os marcadores de raça, gênero, classe e geração incidem nas trajetórias de vida de mulheres negras de Pelotas. Para tanto, busco por meio da *escrevivências* dessas mulheres, de gerações distintas, interrogar os saberes produzidos por elas na constituição de suas identidades frente ao domínio racial branco, heterossexual, burguês e masculino. Balizado no pensamento decolonial do feminismo negro, acredito que a escrita possa ser fonte de novos e outros estudos, reverberando uma perspectiva de vida centrada na valorização e na dignidade da vida negra. Nessa direção, o debate nos impõe a necessidade de afirmação política frente às agendas específicas que nos mobilizam a partir dos marcadores de gênero, raça, classe, geração e territorialidade.

**Palavras-chaves:** Mulheres negras; Escrevivências; Racismo; Geração.

## Lista de Imagens

IMAGEM 1 - Dona Jura, Dona Maria e a pesquisadora.....	34
IMAGEM 2 - Pesquisadora e a Dona Jura.....	35
IMAGEM 3 - Pesquisadora com 04 anos de idade.....	37
IMAGEM 4 - Seu Alencastro e sua fé.....	38
IMAGEM 5 - Dona Jaci Uma história a ser contada.....	39
IMAGEM 6 - Dona Jura <i>Escrevivências</i> de uma menina mulher.....	42
IMAGEM 7- O começo do aquilombamento.....	55
IMAGEM 8 - Uma corte negra.....	58
IMAGEM 9 - O bailado de um corpo negro.....	59
IMAGEM 10 - O estandarte de Ouro.....	61
IMAGEM 11 - O projeto Divas são elas.....	63
IMAGEM 12 - As Divas encantam.....	64
IMAGEM 13 - Iara se preparando para desfilas na passarela do samba.....	74
IMAGEM 14 - Uma Bela Oxum na avenida.....	79
IMAGEM 15 - Bandeira erguida na fé.....	80
IMAGEM 16 - Laroyê Exu.....	81
IMAGEM 17 - Ana Carina no seu chão.....	88
IMAGEM 18 - Crias BGV.....	89
IMAGEM 19 - Cooperativa de todas e de todos.....	90

IMAGEM 20 - Ana Carina carregando a esperança.....	92
IMAGEM 21 - O Brilho de uma estrela.....	93
IMAGEM 22 - Um voo libertador.....	106

## SUMÁRIO

### PARTE 1

1. “Escrevivências”, ferramentas político-epistemológicas de (re)existências.....	07
---	----

### PARTE 2

1. Gênero, classe, raça e tantas outras marcas que tatuam as (minhas) escrevivências.....	26
2. Ancestralidade nosso Bálsamo.....	31
3. Nosso quilombo: As lutas e as artes de ser resistência.....	54

### PARTE 3

1. Mulheres Negras, suas subjetividades e seus cotidianos.....	68
2. Mosaico de corpos pretos: Que se encaixam, conversam entre si!.....	70
3. O (auto) amor e o cuidado como prática política.....	96

Considerações circulares .....	100
Referências.....	106
Anexo.....	116

# PARTE 1

## “Escrevivências”

### ferramentas político-epistemológicas de (re)existências

*Onde cresci, “erguer a voz”, “responder”, “retrucar” significava falar como uma igual a uma figura de autoridade. Significava atrever-se a discordar e, às vezes, significava simplesmente ter uma opinião (bell hooks, 2019, p. 27).*

Marcada pelos modos como a população negra foi vista e tratada no Brasil colonial e republicano, a minha trajetória educativa foi vivenciada pela internalização do silêncio, e por vezes, subalternidade frente às representações que se projetavam como autoridade. Entretanto, na contracorrente das expectativas, me posicionar nunca foi uma tarefa difícil, mesmo com as tentativas, por vezes, violentas de me "podar". Desde pequena sou conhecida como a guria que retrucava, que fazia diversas “caretas” quando não gostava de algo. Sempre gostei de dar a última palavra e isso obviamente tinha e tem um preço. O modo de me educar a não repetir mais esses atos, eram castigos e muitos tapas, mas confesso que mesmo com muita repreensão, não fazia com que o meu comportamento mudasse. Na adolescência e início da vida adulta, fiquei conhecida como a pessoa que apresentava ter problemas com hierarquia: a topetuda e metida. Tudo isso porque mesmo sendo silenciada inúmeras vezes, sempre me expressei de alguma forma quando algo me incomodava. Eu insistia em falar, em demonstrar que não estava gostando de algo e de me posicionar.

Ao pensar nas fragilidades que nos tocam nas diversas imposições político-culturais de existências, penso que ser mulher nunca foi uma tarefa fácil, mas quando interseccionada com a dimensão negra a complexidade ainda é mais latente.

É preciso ter sapiência para sobreviver a todas as dificuldades que nos deparamos no nosso cotidiano e nessa direção, Lélia Gonzalez<sup>1</sup> (1988), defende o movimento antirracista fortemente ligada as lutas do feminismo. A autora acredita que o racismo, sexismo e classismo colocam a mulher negra num lugar de opressão e forte discriminação. Assim sobre ser mulher no Brasil, Gonzalez afirma:

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão. Enquanto ser homem é objeto da perseguição, repressão e violência policiais (para o cidadão negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira (GONZALEZ, 1982, p. 97).

Essa citação nos traz os tensionamentos importantes acerca da condição da mulher negra. No primeiro contato com algumas escritoras negras fui conduzida ao enegrecimento do entendimento do eu com o mundo. Afinal, os textos produzidos e orientados a partir das marcas interseccionalizadas da negritude, classe e gênero faziam com que as narrativas da autora dialogassem diretamente com minhas experiências. O que lia nesses textos fazia muito sentido pra mim e me auxiliava nas redes de significados que produzia sobre os meus cotidianos. Com as leituras, entendi que o meu posicionamento era necessário e elas me fizeram ter a percepção que não bastava ser uma *retintapesquisadora* em uma linha de pesquisa orientada pela epistemologia decolonial. Era preciso ir além de estar na academia, deveria ser resistência e existência (de)colonizada com os meus pensamentos. Ser resistência do início ao fim, entretanto:

O processo de decolonização não deve ser confundido com a rejeição da criação humana realizada pelo Norte global e associado com aquilo que seria genuinamente criado no Sul, no que pese práticas, experiências, pensamentos, conceitos e teorias. Ele pode ser lido como contraponto e resposta à tendência histórica da divisão de trabalho no âmbito das ciências sociais (Alatas, 2003), na qual o Sul Global fornece experiências, enquanto o Norte Global as teoriza e as

---

<sup>1</sup> Lélia Gonzalez denunciou a articulação entre o racismo e o sexismo como formas de violência e subalternização das mulheres negras. Lélia revolucionou o Movimento Negro e foi uma das fundadoras do *Movimento Negro Unificado contra discriminação e racismo*, (MNUCDR), no ano de 1978, atualmente *Movimento Negro Unificado*, (MNU). Principal organização na luta para a inclusão, equidade e valorização do povo negro, o MNU integrou a Assessoria Política do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN). Lélia também contribuiu na fundação do Grupo *Nzinga*, um coletivo de mulheres negras, e o seu legado contribuiu à qualificação militante e à problemática da questão racial no Brasil.

aplica (Connell, 2012). Nesse sentido, é revelador que ao esforço de teorização no Brasil e na América Latina caibam os rótulos de "pensamento" e não "teoria" social e política (Luciana BALLESTRIN, 2013, p. 108-109).

Quando penso nas dimensões raciais, a afirmação feita por Ballestrini vai ao encontro com as minhas leituras de bell hooks em *“Erguer a voz: Pensar como feminista, pensar como negra”* (2019). Nesta obra, a autora negra americana nos chama a atenção sobre a necessidade de interrogar as marcas da branquitude presentes nos modos como nós negras olhamos o mundo. Em um movimento dialético, os questionamentos feitos as marcas da colonialidade podem potencializar não somente a consciência das condições históricas as quais fomos impostas, como também a construção de uma posição e reconhecimento negro da vida. Seus escritos dialogam constantemente com a perspectiva que trago nesta escrita. As narrativas trazidas se aproximam muita da minha realidade, bem como da realidade de outras mulheres pretas que convivo, como já disse Jurema Werneck (2006), “[...] nossos passos vêm de longe [...]” e (re)construí-lo para reconhecê-los me parece fundamental às nossas lutas.

Sou uma mulher negra, umbandista, carnavalesca, nascida e criada na cidade interiorana de Pelotas, localizada aproximadamente a 263 km da capital do estado do Rio Grande do Sul. Eu me descubro negra já em tenra idade, minha pele traz a cor retinta, mas eu ainda demorei algumas décadas no processo de *tornar-se negra*, conforme Neusa Santos (1983). Foi um processo lento para me tornar um corpo negro político e consciente. Oriunda da periferia, mãe de dois meninos Gabriel e do Théo, filha do Seu João e da Dona Jura, trago comigo a força da ancestralidade. Sou bisneta da Dona Maria, corpo que foi escravizado, mesmo tendo nascido sob a lei do ventre livre. Como enfatiza Neusa Santos (1983), a desconstrução e a construção do ser para assim se tornar negra não é um mecanismo simples e fácil. Entendo toda dificuldade psíquica e emocional de me tornar um corpo negro com a resignificação de ser! A autora nos traz a afirmação do quanto o racismo impacta a vida das pessoas. Dialogando com Frantz Fanon, Sigmund Freud e outros interlocutores, a autora nos leva a pensar quantas interseccionalidades atravessam e violentam a população negra. Sendo assim reforço o quanto é um caminho difícil desmistificar o que com tanto afincos tentam nos embutir.

Considerando a sua importância, abro parênteses para debater o conceito criado pela pesquisadora Kimberlé Williams Crenshaw (2002). A discussão sobre o interseccionalidade surgiu nas lutas do feminismo negro, na década dos anos 70 e 80, porém foi em 1989, que o conceito trazido por Kimberlé Crenshaw foi sistematizado. Assim afirma a autora:

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

O conceito corresponde a uma metodologia desenvolvida a partir de estudos intelectuais e políticos de feministas negras norte americanas, caribenhas e as latino-americanas e seu objetivo era descrever os modos como os marcadores sociais raça, gênero e classe se interligam nas pautas das mulheres negras. Tendo em vista que deve-se reconhecer os diferenciais que estruturam as desigualdades e, sendo assim, pensar em formas de resistência política de forma a não perpetuar as opressões.

A noção de interseccionalidade trouxe consigo a intenção de reconhecer as particularidades de pessoas que de certa forma foram historicamente subalternizadas e a partir disto fazer com que haja o reconhecimento de suas humanidades. Nesse mesmo pensamento, Carla Akotirene (2019), nos faz entender que o conceito interseccional é um ato de posicionamento do feminismo negro, diante das opressões “...branca de base europeia”, que nós vivenciamos e que propicia a perspectiva de um “feminismo global e hegemônico como voz única” (AKOTIRENE, 2019, p. 11).

O termo interseccionalidade nos faz compreender o impacto das opressões, das desigualdades e discriminações existentes na sociedade, ele se preocupa com os marcadores sociais que demarcam a vida da minoria. A partir dessa percepção é possível ter uma visão dos vários sistemas de opressão entre eles: raça/etnia, classe social, gênero, entre outras situações que se relacionam-se, sobrepondo e demonstrando racismo, as opressões do sistema patriarcal e o sexismo o que

acomete na discriminação e exclusão de indivíduos ou de grupos. Os sistemas de opressão têm diferentes e diversos impactos em que é acometido por essa violência.

O conceito "interseccionalidade" ganha ainda mais relevo quando refletimos a herança colonial que perdura até os dias atuais. Nesse caminho, a importância de ser negra vai para além do meu tom de pele ou assumir meu cabelo crespo ou as pessoas com que eu me relaciono, ser negra ou me tornar negra, vai muito além de padrões estéticos, ainda que também passe por eles. Afinal, são as redes de significados que suportam o corpo, que dão sentidos ao que é visto como negro. Mas penso, com o auxílio de Santos (2003), que o movimento de tornar-se negra e decolonizar nossas miradas sobre a vida passam também pelo orgulho das/os antepassadas/os e ser um agente capaz de interrogar o passado, lutar no presente e de transformar o futuro.

Nesses termos, nós não nos tornamos mulheres negras em atos simples. Esse movimento não é produzido desconsiderando as marcas que ultrapassam a nossa existência corpórea e/ou da cultura. Quando Lélia Gonzalez (1987), diz que tornar-se negra é uma conquista. Com esse aporte teórico, não estou afirmando que nós, mulheres negras, temos experiências iguais e que nos formamos um grupo homogêneo. esses termos, concordo com Patrícia Hills Collins quando ela afirma que:

Históricamente, las mujeres negras han estado situadas bajo opresiones interseccionales, lo que ha producido puntos en común entre ellas. Al mismo tiempo, aunque las experiencias comunes pueden predisponer a desarrollar una conciencia de grupo distintiva, no garantizan que tal conciencia se desarrolle en todas las mujeres ni que sea articulada como tal por el grupo. Igual que cambian las condiciones históricas, también lo hacen los vínculos entre las experiencias que tienen las mujeres negras y cualquier conciencia de grupo en relación a esas experiencias. Los puntos de vista del grupo están situados en, reflejan, y ayudan a determinar las relaciones de poder injustas, por lo que los puntos de vista no son estáticos. Así, los retos comunes pueden promover ángulos de visión similares que lleven a saberes de grupo o a un punto de vista común entre mujeres afroamericanas. O puede que no (COLLINS, 2012, p. 106).

Com isso, penso que não exista uma natureza que determine a experiência das mulheres negras e, tampouco, a existência pré-determinada de processos de identificações nas relações entre elas. Estas vivências se dão, sobretudo, a partir de um terreno marcado pelo classismo, machismo, racismo que nos une e, sobretudo, pelas nossas resistências, entendida aqui como “a tensão entre a subjetificação (a

formação/informação do sujeito) e a subjetividade ativa, aquela noção mínima de agenciamento necessária para que a relação opressão ← → resistência seja uma relação ativa” (LUGONES, 2014, p. 940). Assim, nossos pactos de alianças são essencialmente políticos e imbricados por nossas trajetórias. O que desejo afirmar é que o processo de construção de autorrepresentação sempre é afetado e produzido nos entrecruzamentos coletivos de nossas experiências.

Treyce Goulart (2020), nos chama a atenção sobre a necessidade de reconhecer a multiplicidade de mobilizações em torno da construção de narrativas sobre as mulheres negras em contraponto aos estereótipos. Ela afirma que há uma disputa discursivo-política que ultrapassa as dimensões do espaço acadêmico-científico, mas que estão intimamente ligadas aos *modus operandi* desse espaço. Isso não significa dizer que a academia determina o que significamos sobre a mulher negra, mas sem dúvida o que ela afirma funciona como mecanismos de verdades. Nesse caminho a autora nos convoca a acreditar que a narrativa: possa e deva envolver as sujeitas que, no cenário vivido e pautado se torne ativa em relação às redes de opressão e resistência em que esteja inserida. As narrativas de si, para a autora, integram as formas de autorrepresentação e, por isso, são fortes ferramentas de lutas. Se acreditamos que a proposição dos estudos pós-coloniais e decoloniais se constitui pela necessidade de que as narrativas sejam autorais frente a colonialidade, torna-se ainda mais necessário e urgente a busca pela raiz de nossas identidades.

Segundo Munanga (1999), uma sociedade e segmentos dela que se organizam com vista à luta pela justiça social e equidade exige um ponto de partida, a identidade coletiva. Seria ela capaz de mobilizar os sujeitos coletivos contra a ideologia dominante e opressora. Nessa direção, a luta negra passa necessariamente pela construção de identidades auto-afirmativa capazes de impedir a discriminação racial. Assim afirma Munanga:

A negritude nasce de um sentimento de frustração dos intelectuais negros por não terem encontrado no humanismo ocidental todas as dimensões de sua personalidade. Nesse sentido, é uma reação, uma defesa do perfil cultural do negro (...) uma recusa da assimilação colonial, uma rejeição política, um conjunto de valores do mundo negro, que devem ser reencontrados, defendidos e mesmo repensados. Resumindo, trata-se primeiro de proclamar a originalidade da organização sociocultural dos negros, para depois defender sua

unidade através de uma política de contra aculturação, ou seja, desalienação autêntica (MUNANGA, 2012, p. 63).

Frantz Fanon em *Peles negras, máscaras brancas*, considerado um dos textos mais influentes na luta antirracista, sua publicação foi em 1952, aborda questões psicanalíticas na tentativa de desalienar o complexo de inferioridade da população negra. O livro se torna um clássico da diáspora africana, influenciando pensadores e militantes, da descolonização do povo negro. Dessa forma trazendo à discussão os feitos da sociedade colonizadora, para além da disparidade social e econômica, ele traz a instauração feita por uma sociedade racista, a inferioridade relacionada à cor da pele.

Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negritude, minhas características étnicas, – e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros, e sobretudo com “y’a bon banania” (FANON, 2008, p.106).

Fanon nos faz entender o colonialismo, a lógica dual entre opressor e oprimido, a desumanização e o condicionamento do negro pelo branco. Em suma, suas contribuições são de extrema importância por tensionar os modos como o colonialismo produz e reverbera nos colonizados/as os discursos do colonizador. Não por menos que ele afirma que “é preciso descolonizar as nações, mas também os seres humanos. Descolonizar é criar homens novos, modificar fundamentalmente o ser, transformar espectadores em atores da história” (FANON, 2010, p.52). Fanon salienta ao longo do livro que sua luta não é contra o homem europeu, nem contra a cultura europeia, mas contra os mecanismos políticos e ideológicos do colonialismo que hierarquizam os seres humanos e as diferentes culturas.

A luta do negro contra o racismo e o colonialismo é pela conquista do reconhecimento de sua essência humana, e não de uma suposta essência negra: o branco deve reconhecer a humanidade do negro. Deve haver um reconhecimento recíproco entre os diferentes grupos humanos, que não pode ser unilateral como ocorre em sociedades racistas onde apenas o grupo dominante é reconhecido (FANON, 2008, P. 180-181).

A colonização e a opressão fazem com que o povo negro fique condicionado e aprisionado em status de “inferioridade” (posição localizada e determinado pelo opressor), frente o branco que segue na manutenção de sua “superioridade” por meio

de uma visão humanista e universalista. Fanon buscou na luta, as transformações necessárias contra toda forma de opressão que tem como objeto a humanidade. Essa situação me levou a lembrar de Elza Soares quando a intérprete destacou:

Gentem, essas feridas todas eu carreguei na pele, na alma e trago comigo até hoje as cicatrizes. Eu e a maioria do povo negro brasileiro. Feridas que ainda não se curaram e todo santo dia são cutucadas para mantê-las abertas, sangrando, como uma forma de demonstrar que lugar de preto é na Senzala, nessa Senzala moderna, disfarçada, à espreita, como se vigiasse o nosso povo. Povo aliás, que descende em sua maioria dos negros que colonizaram e construíram o nosso país. Hoje li sobre mais uma “cutucada” dessas na ferida aberta do Brasil Colônia. Nem faço juízo de valor sobre quem errou ou se teve intenção ou não de errar. Faço um alerta! Quer ser elegante? Então pense no quanto pode machucar o próximo, sua memória, os flagelos do seu povo e suas origens, ao escolher um tema para celebrar uma festa ou “enfeitar” um momento feliz de sua vida (SOARES, 2019, p. 1).

Essas palavras ditas pela cantora Elza Soares, são a respeito de uma festa de aniversário em que o tema foi 'Brasil colônia'. Na festa existiam pessoas que representavam mucamas e sinhá e ainda existia um tronco que remetia ao período escravocrata. O racismo recreativa ignora/festeja o fato de que a população negra no Brasil é a mais assassinada, é que morrem ou deixada a morrer mais cedo, recebe os menores salários, tem a maior taxa de desemprego, menor acesso à saúde e educação de qualidade, estão sub-representados nos cargos de poder. O racismo recreativo constitui o braço festivo da desigualdade estrutural que normaliza os dados racistas.

Esse quadro reitera nossas lutas em todas as instâncias da sociedade, inclusive na academia. Nessa direção, a escritora brasileira Conceição Evaristo chama a atenção para o surgimento de inúmeras pesquisadoras negras em que o “corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve.” (EVARISTO, 2005, p. 54). Nesse processo epistêmico, a autora sustenta um engajamento social e tece um paralelo com as escritas acadêmicas, nos evocando à militância política. A convocação é reiterada por Georgina Nunes que em suas palavras as:

Narrativas femininas produziram outras formas de textos que se transformam em escritas, feitas de si, mas não restritas e, muito menos, para si mesmas. É um registro que mexe com hegemonias acerca de

quem historicamente pôde escrever, fixado numa perspectiva acadêmica que reduz, principalmente, mulheres a objetos (NUNES, 2019, p. 08).

Escrever dentro do contexto evocado pelas autoras, significa contar histórias muito particulares, mas que remetem à experiências de outras tantas mulheres porque não foram vividas e significadas sozinhas. A existência negra é marcada por sua relação e cumplicidade com tantos outros sujeitos. Como dito por Evaristo (2017, p. 53) "Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si".

A *Escrevivência* como ferramenta metodológica tem na sua entoação as vozes de mulheres subalternizadas, a *escrevivência* é um traço muito característico na escrita negra feminina, mesmo em obras anteriores à elaboração do conceito, como em Maria Firmina dos Reis (1859), Carolina Maria de Jesus (1963), entre outras tantas autoras negras que escreveram sobre as suas histórias de vida.

Em *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2016), Conceição Evaristo, mistura a realidade, por vezes, cruel, com o cotidiano de mulheres que lhe contaram suas histórias de vida. Elas trouxeram com lágrimas e dor as violências sofridas, porém demonstram superação e para além disso se tornaram sujeitas dos seus próprios discursos. Elas tornaram obsoleto a necessidade de outros falarem por nós.

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. **Ouçó muito. Da voz outra, faço minha, as histórias também.** E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto, **estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem**, na medida em que, às vezes, **se confundem com as minhas**. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência* (EVARISTO, 2016, p. 7, grifos meus).

As *Escrevivências* são narrativas construídas através do lugar de fala e a escrita propriamente dita na primeira pessoa. Ela pode ser entendida como uma ferramenta metodológica que se centra na experiência para narrar a (sua) vida (com)

de outras tantas mulheres. No viés dessa perspectiva, escrever a narrativa significa evocar elementos importantes para uma discussão sobre o racismo estrutural e subjetivo da sociedade brasileira.

Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma 'subjetividade' própria vai construindo a sua escrita, vai 'inventando, criando' o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um **'corpomulher-negra em vivência'** e que por ser esse 'o meu corpo, e não outro', **vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.** [...] a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade (EVARISTO, 2009, p.18 grifos meus).

Conceição Evaristo fundamenta a *Escrevivência* como uma escrita feminina e afrodescendente na produção da sua escrita. Ela se direciona na contramão do que a sociedade espera de um corpo negro e emerge a partir da "fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p. 205).

Nesse caminho, bell hooks (1989), me auxilia ao usar o conceito de "sujeito", o diferenciando de "objeto". Para a autora, os sujeitos são aqueles que "têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias" (hooks, 1989, p. 42), possibilitando um processo de "conscientização coletiva", no qual as mulheres negras implicadas possam se assumir enquanto protagonistas das narrativas e nas descrições de suas vivências, reconfigurando o silenciamento e a autonegação da colonialidade. Acreditando que a vida é vivida de forma narrativa, que o viver é cheio de circularidade, nos conectamos e nos encontramos nas rodas de capoeira, nas rodas de samba, nas rodas dentro dos Ilês dançando para os Orixás, na gira enquanto o médium entra em transe, a circularidade é um pilar da nossa ancestralidade, estamos em constante processo de construção e de (re)construção, de interpretar histórias, sendo assim a pesquisa narrativa, neste caso aqui escrevivências, se torna uma opção muito potente, no que se refere a pesquisa através das experiências. É um ato político problematizar a posição do sujeito e do objeto em um processo de construir suas narrativas, numa perspectiva

que possam ser sujeitos autônomos, dentro de um processo de produzir suas narrativas. Os efeitos da reprodução deixada pela herança colonial para os sujeitos subalternizados que tem suas existências e epistemologias não reconhecidas ou desqualificadas, acaba reforçando e promovendo a naturalização do racismo.

Me apropriando do conceito de Lélia Gonzalez, já antecipo que nesta escrita, bem como na pesquisa em si, terá muita linguagem de inspiração no *pretuguês*. Busco enegrecer minha presença na linguagem que me toca nesta dissertação, embora reconheça que esta última tenha muito da língua do colonizador. O *Pretuguês* trazido por Lélia Gonzalez me atravessa no tocante que me faz me aproximar de quem eu sou, ele dialoga comigo, com as interlocutoras que estão nesta pesquisa, conversa com as diversas palavras que trago em iorubá ao longo da escrita. Pensar na escrita *pretuguês*, me faz pensar que posso ser eu e que a minha escrita não precisa ser 'rebuscada' na lógica da eurocentricidade para ser validada. O *pretuguês* vai muito mais além da troca do L pelo R. Penso que ele se caracteriza pela chancela de produzir textos onde os sujeitos negros da pesquisa possam (se) ler e (se) entender com a escrita. Ele traz as palavras que caminham com a nossa ancestralidade e falam de nós para nós sem firulas.

A escritora Conceição Evaristo (2005), chama de "escrevivência" o que carrega e expressa, através de palavras, os sentimentos, os sofrimentos, as alegrias, os gritos e os sussurros de uma multidão de pessoas e, sobretudo, mulheres, cujas vozes são insistentemente silenciadas. Uma escrita que nasce do cotidiano da experiência de vida. Importante e urgente nas produções de mulheres negras, diante das produções hegemônicas que, de muitas formas, se dá distante de tantas pessoas e não considera as realidades do povo negro (uma situação que já passou da hora de mudar).

Como diz Emicida "*tudo, tudo, tudo que nós tem é nós*". Eu sei da minha responsabilidade enquanto mulher preta neste espaço que não foi pensado para "nóis" e nem por "nós", parafraseando o poeta Emicida. Quais são os saberes desta parcela da sociedade que a academia na maioria das vezes não reconhece, sem tornar exótico ou fetiche? A academia não reconhece nossos conhecimentos, para a academia tradicional, essa que é constituída historicamente como branca colonizadora e excludente, nada sei, pouco li, pouco entendo e por mais que eu me esforce para entender ainda me dizem que não basta. Meu povo é cheio desses saberes não reconhecidos, trazemos as histórias que as escolas não contam, que a

universidade não valida e que a sociedade despreza, mas que nós contamos para os nossos, contamos e recontamos com muito orgulho, durante séculos de negação. *Falar de nós para nós é muito bom*, mas falar sobre nós e conosco, de nossas perspectivas e vivências é necessário, principalmente quando precisamos ocupar o lugar da enunciação. Neste sentido, levar para dentro dos muros acadêmicos nossas narrativas é provar a resistência que marca a historicidade negra neste país. Sempre na busca de uma universidade mais democrática.

Considerando o que já foi mencionado acima, *escrevivências* é pensar em outras formas de reconstruir narrativas, podendo assim ter um resgate de outras concepções acerca da construção do sujeito (temos na *escrevivência* esta possibilidade). Conceição Evaristo, com esse conceito, nos provoca a pensar sobre a regularidade da memória social, de tudo aquilo que nos foi passado. Evaristo, mulher negra, oriunda da periferia, é atravessada por marcadores que se assemelham a tantas outras mulheres negras do Brasil. Quando trago o conceito *Escrevivência*, me vem à mente todo o processo histórico que as africanas em uma diáspora passaram, pensando, também, nas suas descendentes. Quando eu escrevo, elas escrevem junto comigo. A mulher negra traz consigo uma função muito importante de ser *contadora de histórias*, e isso nos acompanha, desde quando as negras escravizadas tinham que contar histórias para os *da casa-grande* o que perpetua até os dias de hoje, mas tomando posse da frase de Evaristo, agora nós não queremos mais contar história para adormecer os da casa grande. “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ninar os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos” (EVARISTO, 2017, p. 54).

A mãe preta escravizada contava histórias para adormecer e as pretas conscientes do seu papel perante a sociedade contam e escrevem as *escrevivências* com a intenção de problematizar, questionar, provocar mudanças, ser resistência. As suas histórias podem conter diálogos insurgentes que surgem em grupos de estudos, movimentos sociais, são um instrumento potente de (re)existir dentro de um contexto de negligenciamento dos saberes femininos negros por conta do racismo estrutural.

Ainda que minhas interlocutoras não tenham majoritariamente acesso às universidades e nem aos sonhos proporcionados pelo ensino universitário, neste espaço sinto a importância de ocupar e mostrar que podemos fazer parte e estarmos presentes em todos os lugares que achamos que devemos estar, seja pela presença

física ou estando como protagonistas em narrativas trazidas para dentro da universidade. Como pesquisadora, minha voz nunca será só aquela que pronuncio. As escritas nunca serão só as ideias que penso no regozijo da minha casa, as linhas que escrevo trazem as vozes do tempo que estávamos ausentes desses espaços, mas presentes na arte de nos mantermos vivas nas ruas, casas e cozinhas dessa cidade. O que escrevo é a interpretação de transcrições de tantas pessoas que resistiram, lutaram e insurgiram. Esta pesquisa é um ato político e um modo de aquilombar-se, potencializando nossas existências com e como os nossos semelhantes.

Vozes-Mulheres  
A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue e fome.  
A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância e o eco da vida-liberdade.  
(EVARISTO, 2017, p. 10-11).

Histórias de luta, resistência, invisibilidade, preconceitos, dores e sonhos, são palavras que estarão presentes na escrita dessa pesquisa. Difícil aceitar que, ainda nos dias de hoje, nos deparamos com o racismo (velado ou não) e diferenças sociais gigantescas na sociedade brasileira e, nesse sentido, que trago as experiências de

mulheres pretas que se reconhecem negras em uma sociedade marcada pelo racismo.

A gente não nasce negra, a gente se torna negra. É uma conquista dura, cruel que se desenvolve na vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade não é uma coisa pronta acabada. Então para mim uma pessoa negra que tem consciência da sua negritude luta contra o racismo, as outras são mulatas, pardas, marrom (GONZALEZ, 1998 s.p).<sup>2</sup>

Se tornar negra, é se posicionar como tal, é um movimento de resistência, é um ato político articulando que a população negra tenha visibilidade, respeito e voz. A pesquisa se inicia pela necessidade de cada vez mais de enunciar os percursos de constituição racializada de corporalidades negras de mulheres pelotenses frente às marcas da branquitude. Neste sentido, o presente trabalho busca nas escrivências dessas mulheres negras pelotenses investigar suas trajetórias e compreender seus fazeres cotidianos na arte de manter-se vivas frente às aniquilações de suas narrativas.

Fazendo emergir novas propostas epistemológicas, o reconhecimento de várias formas de saberes por se assim dizer excluídas do conhecimento hegemônico, a exemplo da cultura africana. O *Pretuguês* é um ato político e de resistência. Mas partindo do pressuposto de que essas mulheres têm muito conhecimento, muito a nos ensinar, a sua sabedoria sem diplomas e certificados, sem reconhecimento de uma instituição, tem sido excluída das escolas e universidades. Quiçá elas acharem que falta conteúdo para as/os formados em academias, numa luta insana para deixar o currículo Lattes perfeito, as mulheres negras “não acadêmicas” possuem os saberes e o conhecimento do dia a dia, da lavadeira que sabe lavar como ninguém, da benzedeira que tira dores e dá proteção, da mãe de santo<sup>3</sup> que traz seu conhecimento junto a toda sua ancestralidade do povo negro. Também tem a carnavalesca, a costureira, a catadora, a diarista, os infindáveis conhecimentos que devem ser reconhecidos e valorizados. E por tudo isso exposto aqui e por muito que ainda virá no decorrer da pesquisa que sim, afirmo que é um trabalho que está na área certa da educação. Trago como interlocutoras três mulheres negras, que são o

---

<sup>2</sup> Esse trecho está num depoimento de Lélia de Almeida Gonzalez, publicado em 1988.

<sup>3</sup> Ialorixá ou mãe de santo é a sacerdotisa de um terreiro, seja ele de Candomblé, Umbanda ou Quimbanda. Outras grafias possíveis incluem. Recebem ainda o nome de mãe de terreiro.

eixo da família, histórias as quais se entrelaçam com as minhas escrevivências e das minhas mais velhas, formando uma circularidade com sete mulheres negras, que através de suas lutas e batalhas diárias criaram seus filhos e filhas e sonham com o futuro a cada amanhecer, com o seu próprio e com o futuro das próximas gerações. Porém, enegreço que faz parte desta pesquisa com suas escrevivências e memórias as mulheres da minha vida, que assim como as interlocutoras trazem no seu cotidiano interseções que constituem o ser.

Ouvir, escrever sobre o real vivenciado, é também uma forma de fazer as pessoas pensarem ao ler, além de projetar quem conta e fortalecer a coletividade. As reflexões acerca das desigualdades sociais, do racismo, do machismo, são tratadas e tensionadas por meio das escritas dessas vivências, o ato de contar histórias faz parte do cotidiano da mãe preta, das Griôs, das africanas que contavam as histórias para os filhos dos senhores. Tem pessoas que já me questionaram se a nossa história é só dor e tristeza, por vezes, parece incomodar a leitura de tantas dores e traumas. No campo da escrita, essa escrevivência se torna uma denúncia. A escrita é um modo de provocar e que essa narrada na primeira pessoa corrobore com as construções dos pensamentos negros. Gonzalez (1984), nos ensina sobre a importância de o sujeito da narrativa ser descrito em primeira pessoa.

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque é falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (GONZALEZ, 1984, p.225).

Com o protagonismo em produções, as *escrevivências* assumem um papel importante por considerar as potencialidades das mulheres pretas. Ao insurgirem por si mesmas, as pretas propiciam-se a construção de uma sociedade antirracista e antissexista. Eu acredito nesse efeito. A expressão narrativa das vivências do cotidiano dá conta de estruturar a desigualdade racial, bem como de classe e gênero na vida das mulheres negras. Esse quando me lembra o que Sueli Carneiro (2003, p. 11), nos chamou a atenção:

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas

esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar!

Vejo que nas formas de resistir das negras narradoras, escritoras e pesquisadoras de suas próprias realidades, elas trazem a (re)existência e a ressignificação da população que está na base da pirâmide. O ato de narrar-se tem como foco central, na escrevivência, a subjetividade da mulher negra. O (re)existir nos remete a produção de narrativas na qual mulheres negras assumem o papel de autoras de suas próprias vivências. A *escrevivência* trazida por Conceição Evaristo é um desses exemplos de prática, pois é um potente processo de construção onde possibilita a (re)existência dessas mulheres negras, sendo então protagonistas das suas realidades vividas.

Outro importante conceito que me orienta na pesquisa foi dado por Vilma Piedade (2017), quando afirma que a sororidade não dá conta da pretitude. A partir dessa percepção, ela elabora o conceito “Dororidade,”. Com ele, a autora busca refletir sobre o fardo antigo e conhecido que as mulheres pretas, no geral, compartilham, a *dor*. “Quanto mais preta, mais racismo, mais dor” (PIEADADE, 2017, p. 17). Ao considerar a “escrevivência” e a “dororidade” como princípios ético-políticos do trabalho teórico-metodológico com mulheres pretas, acredito na potencialidade da luta e da resistência de negras que carregam junto de si, o vazio, o silenciamento e o trauma que causa o racismo. Eu tenho muito orgulho das mulheres em cena neste trabalho. Tecer junto com elas uma pesquisa científica e designá-las como minhas interlocutoras, dando conta de refletir com os seus corpos pretos, suas experiências, conhecimento e saberes, contribuirá com os ecos de vozes da periferia. Nossas ancestralidades, mais uma vez, nos darão os bálsamos na luta, não nos deixando desistir.

Dialogando com essas mulheres negras, faço um giro de saberes, analisando e pontuando as artes de ser e fazer de todas as interseccionalidades que por meio do corpo negro expressam coragens de resistência. Nesse percurso de diálogos e questionamentos, busco com essa pesquisa demarcar a *escrevivência* como instrumento metodológico capaz de mobilizar narrativas que descentralizam o sujeito ocidental na produção de saberes. A partir disso, considero que a observação das

especificidades da realidade social de mulheres negras em suas interseccionalidades podem propiciar ressignificados de existências objetivas e subjetivas. Acredito que esse processo mobilizado pode ocorrer já que os eixos raça, classe, gênero serão problematizados fornecendo elementos para que esses fenômenos constituam outras epistemologias nas quais as mulheres negras deixam de ser apenas objetos e tornam-se sujeitos de suas narrativas. Busco, por meio das *escrevivências*, interrogar os *sabersexperiências* de três mulheres negras de gerações distintas, moradoras da cidade de Pelotas, com vista a compreender suas artes de se fazer frente os marcadores de diferença em uma sociedade marcada pelo controle racial branco, heterossexual, burguês e patriarcal.

Ao mergulhar no assunto e compreendendo o que vem sendo escrito e discutido acerca da temática de meu interesse, parto do princípio da escuta dessas mulheres que generosamente aceitaram está comigo nessa jornada e que foram acessadas por meio da amizade e militância negro-religiosa na cidade de Pelotas. Entre tantas possibilidades, essas três mulheres integravam a interseccionalidade de marcadores que eu desejava debater: geração distinta, laços familiares, gênero feminino, raça negra e territorialidade pelotense. Em decorrência da escolha das sujeitas desta pesquisa, os diálogos ocorreram separadamente nos anos de 2021 e 2022, logo após todas estarem com duas ou três doses da vacina contra a COVID-19. Neste percurso, a escrita de vida se cruzaram, pois assim é dentro da periferia onde reside a maioria da população negra de Pelotas, uma circularidade de afeto, saberes e histórias de vida que conversam entre si.

Para acessar as *escrevivências* das mulheres desta pesquisa, realizei entrevistas semi-estruturadas com vistas a mapear e analisar as experiências específicas de cada geração. Para Silveira (2002), a entrevista com roteiro pré-estruturado se configura como um campo de significados em que circulam representações nas interações entre os sujeitos. Em situação de entrevista, o autor destaca que se deve utilizar de diversas estratégias para fazer falar e, por sua vez, se utilizar da fala do(a) entrevistado(a) para elaborar a próxima pergunta. Nesse caso, essas situações também são elementos a serem considerados nas análises. As entrevistas podem promover a reflexão sobre o cotidiano a partir de um ambiente em que o diálogo entre os sujeitos envolvidos se faça presente. Com o seu principal objetivo sendo a construção do pensamento, a entrevista envolve a problematização

de questões e socializam saberes e reflexões voltadas à ação. Elas envolvem experiências, discussões e divulgações de saberes.

Entendo que as indagações que são feitas nas entrevistas vão provocando investigações conduzidas pelo movimento de estar presente conduzido pela escuta a partir do sentimento de apreensão com o outro daquilo que ainda não é sabido. Assim, com as entrevistas, a intenção foi provocar o *fazer saber* que encarna e experimenta desvios, como uma ação singular, embora atravessada por tantas vozes. Com esses procedimentos, busco tratar o cotidiano em suas mais distintas expressões nas vidas dessas três mulheres que ingressaram nessa pesquisa por serem da mesma família e estarem disponíveis ao processo investigativo:

Dona Iara Pedroso, mulher negra, doméstica<sup>4</sup>, umbandista, carnavalesca, mãe de sete filhos, moradora do bairro Cohab Guabiroba, localizado na cidade de Pelotas.

Ana Carina Pedroso da Silva, uma das filhas da Dona Iara, mulher preta, já trabalhou como doméstica, participou do primeiro coletivo de catadores da cidade de Pelotas, trabalhou também como cozinheira. Mãe de quatro filhos, é cacique de um terreiro de umbanda localizado no bairro Getúlio Vargas, em Pelotas.

A estudante Estrela Silva, filha da Ana Carina e neta de Dona Iara, é estudante e mesmo no período pandêmico, com poucos recursos e muitos obstáculos, conseguiu ingressar no curso de fisioterapia na Universidade Federal de Pelotas.

Ressalto que por questões de ética, bem como respeito com as interlocutoras, a partir da escuta de suas escrivências, acolho desabafos, amores, desafetos e denúncias, preocupada com a possível exposição das mesmas, pergunto se elas preferem que seja usado pseudônimos. Porém, todas as mulheres negras que dão corpo a esta escrita, autorizaram que seus nomes e fotos fossem publicizados. Com essas pessoas que irei escrever com respeito, afeição e empatia, desenvolvendo uma produção de saberes. Falo de um processo dolorido de desconstruir aquilo que nos foi dito, ensinado, aquilo que ouvimos, vivenciamos e, para além disso, construir nossa identidade através de um longo processo de valorização e conscientização. Assim, entro no mestrado com a intenção e a missão de falar sobre raça, gênero e classe. E não está sendo fácil! Só nessas poucas páginas que escrevo, já tive que parar muitas vezes. Paro para respirar, desacelerar o coração e secar os olhos marejados, não dá para digitar porque o corpo dói, a alma chora e a ferida até então cicatrizada, mas não curada sangra.

---

<sup>4</sup> O termo "doméstica" que foi empregado foi descrito pela interlocutora.

Para tanto, essa dissertação está dividida em três partes, neste primeiro momento em *Escrevivências ferramenta político-epistemológicas de (re)existências*, discuto os modos como as aprendizagens em torno das escrevivências atravessaram a pesquisa. Ao trazer este conceito como uma ferramenta política e metodológica, fundamentada como uma escrita feminina e afrodescendente, apresento as interlocutoras, com a intenção de discutir os marcadores que atravessam a mulher negra, reconhecendo os diferenciais que estruturam as desigualdades sociais, bem como as raciais.

Na Parte 2 busco debater os aportes teóricos que alicerçaram a pesquisa dando conta de revisar os temas: feminismo negro, identidade negra e pensamentos decoloniais, tensionando a partir de suas contribuições, o racismo e o machismo, existente e praticado na sociedade. Mergulho na ancestralidade que é de suma importância para a população negra, reverberando a importância da resistência e luta das mulheres negras.

Na Parte 3, realizo um mosaico de corpos pretos que dialogam e conversam entre si, atravessadas pelas escrevivências e escutas das vivências do cotidiano. Com elas, eu vou tecendo as reflexões críticas sendo atravessada pelos marcadores raça, gênero, territorialidade e geração. Por fim, trago as considerações finais.

Trago páginas que tecem seres, que se complementam e formam o relatório desta pesquisa. Com outras pessoas, fazendo um Xirê<sup>5</sup> abençoado com a proteção e permissão de todas as Yabás<sup>6</sup>. Formando uma gira de saberes circulares e múltiplos em que dançamos para saudar nossas mais velhas e se encontrar na circularidade com as nossas mais novas. Cantamos entoando nossas intelectuais e de pés descalços reverenciamos nossas ancestralidades. Sendo regida por nossas Yabás, peço Agô<sup>7</sup> A dona do meu ôrí, Epahey Oyá, Odoyá Mãe Yemanjá, Orá Yê Yê Ô Mãe Oxum, Obá Siré Mãe Obá, Ri Rô Ewá Salve Ewá. Firma o atabaque Ogã<sup>8</sup> a roda vai começar...

Que Exu abra os nossos caminhos ...

---

<sup>5</sup> A palavra Xirê significa, dançar, denota o tom alegre da festa do candomblé, onde os Orixás vêm à terra dançar com seus filhos.

<sup>6</sup> Yabá significa "mãe rainha". Yabá são todos os orixás femininos, nossas chamadas "mães de cabeça".

<sup>7</sup> Agô, palavra em lorubá, traz em seu significado, pedir licença, em outros momentos condiz com perdão e proteção pelo que se está fazendo.

<sup>8</sup> Ogã, responsável pelos cantos e pelo toque.

## Parte 2

### 1. Gênero, classe, raça e tantas outras marcas que tatuam as (minhas) escrevivências

*Se, e quando, alguém conseguir acabar, do ponto de vista histórico, com os mal-entendidos sobre as experiências das mulheres negras escravizadas, ela (ou ele) terá prestado um serviço inestimável. Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca de emancipação. Como leiga, posso apenas propor algumas hipóteses que talvez sejam capazes de orientar um reexame da história das mulheres negras durante a escravidão (DAVIS, 2016, p. 17).*

A importância de ser negro perpassa o tom de pele, assumir o cabelo em suas multiplicidades de possibilidades ou assumir relações afrocentradas, tornar-se negra vai além de padrões e se encontra com o orgulho da ancestralidade. Ela é, portanto, contrária a uma ideologia de branqueamento, da qual fala Munanga:

*A elite 'pensante' do país tinha clara consciência de que o processo de miscigenação, ao anular a superioridade numérica do negro e ao alienar seus descendentes mestiços graças à ideologia de branqueamento, ia evitar os prováveis conflitos raciais conhecidos em outros países, de um lado e, por outro lado, garantir o comando do país ao segmento branco (MUNANGA, 1999, p. 78).*

O autor descreve como as situações de violência, racismo e opressão influenciaram no processo de desconstrução e ridicularização negra e na exaltação das características da branquitude. Nessa direção, Conceição (2010), chama a atenção para a preocupante situação em que crianças, na sua construção de suas identidades raciais, não contam com representatividades marcadas pela valorização e autoestima. Ser negro está aliado a um processo de construção de si mesmo, como coloca Souza:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1983, p. 77).

A condição de mulher negra ficou muito conectada com as heranças escravistas em que suas marcas a condicionaram ao trabalho pesado, tolerância à dor e a exploração dos mais diversos níveis. Para além desse cenário, outras desumanizações lhe era aplicadas: maus tratos, abuso sexual e/ou uma hipersexualização do corpo. Angela Davis (2016), já traz nessa sua análise a interseccionalidade, sendo vista através da opressão que a mulher negra vivencia. Essa situação me leva a recordar Sojourner Truth (1994), dizendo em alto e bom tom:

Não sou eu uma mulher? [...] Olhe para mim! Olhe para o meu braço. Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher? (por Sojourner Truth, Entregue em 1851 na Convenção das Mulheres em Akron, Ohio s/p)<sup>9</sup>.

Neste discurso cirúrgico Truth faz tensionamentos importantes vindo de encontro com as especificidades e pautas das mulheres negras, *Não sou eu uma mulher?*, frase essa dita repetidas vezes e até hoje usada como referência, revela os atravessamentos de classe, raça e gênero, no que tange que nem todas as mulheres são brancas ou usufruem de privilégios. O discurso Truth, uma mulher negra e ex-escravizada, vinha de encontro com a vivência de outras tantas mulheres retintas que reivindicam uma sociedade igualitária. A sua pauta e de tantas outras não era menos legítima que a das mulheres brancas.

Sojourner Truth muitas vezes sofreu tentativas de silenciamento. Cada vez que se manifestava, tomava a palavra representando as mulheres escravizadas e as

---

<sup>9</sup> Discurso de Sojourner Truth, entregue em 1851 na Convenção das Mulheres em Akron, Ohio/TRUTH, SOJOURNER. Ain't I a woman? In: SCHNEIR, Miriam. Feminism: the essential historical writings. New York: Vintage Books, 1994. Disponível em: <http://www.historyisaweapon.com/defcon1/aintwomantruth.html>

livres, demonstrando ser um instrumento de representatividade, luta e resistência. Luiza Bairros (1995), em *Nossos Feminismos Revisitados*, relata sua experiência ao assistir um programa de televisão no qual o atrativo em si não lhe chamou atenção, mas o fundo sim, a mulher negra na cozinha num papel de coadjuvante, em um lugar que a sociedade nos coloca, num lugar submisso, assim Bairros nos traz a seguinte observação:

Numa sociedade racista sexista marcada por profundas desigualdades sociais, o que poderia existir de comum entre mulheres de diferentes grupos raciais e classes sociais? Esta é uma questão recorrente não totalmente resolvida pelos vários feminismos que interpretam a opressão sexista com base num diferenciado espectro teórico política ideologia de onde o movimento feminista emergiu (BAIRROS, 1995, p. 1).

Beatriz Nascimento também dialoga dentro dessa análise de Luiza Bairros, do lugar onde a sociedade coloca a população negra, assim Beatriz Nascimento afirma:

É comum dizer que o negro tem uma cultura própria. É claro que tem. E essa cultura é vinda de nossa origem africana. Então, tem-se o candomblé, umbanda e determinadas formas de comportamento, maneiras de se organizar, modos de habitar e uma série de outras coisas... Existe uma cultura realmente histórica e tradicional que seria a cultura de origem africana e uma outra cultura também histórica, mas que foi forjada nas relações entre brancos e negros, no Brasil. [...] o negro tem uma história tradicional onde subsistem ainda resíduos das sociedades africanas, mas tem, também, uma cultura forjada aqui dentro e que esta cultura, na medida em que foi forjada num processo de dominação, é pernicioso e bastante difícil e que mantém o grupo no lugar onde o poder dominante acha que deve estar. Isto é o que eu chamo de 'Cultura da Discriminação' (NASCIMENTO, 1976, p. 04).

A discussão acerca da identidade da população negra em diáspora, denota inúmeros fatores onde o opressor colonizador, tem o poder e assim discriminam os conhecimentos, saberes e a invalidam a cultura do povo negro. Ainda dentro dessa demarcação de raça, Achille Mbembe (2014), em *A Crítica da Razão Negra*, discursa sobre a categoria negro, em se tratando de colonialidade e modernidade, produzindo sentimento de inferioridade resultando em apagamentos de todas as contribuições africanas e conhecimentos trazidos em diáspora.

A partir de uma lógica que tem como premissa o racismo em atitudes e discursos colonizadores, a população negra é colocada como inimiga. Por meio do uso do poder predatório, o território da colônia foi construído e os corpos negros

foram submetidos ao mando do opressor, tendo uma *morte-em-vida* (MBEMBE, 2018b).

Para Mbembe (2012), as lutas diárias, tanto individuais quanto coletivas, existem há muitos séculos e elas são necessárias e árduas para sobreviver a tantas violências e opressões. Nessa direção, o autor afirma:

Essa luta tem como finalidade produzir a vida, derrubar as hierarquias instituídas por aqueles que se acostumaram a vencer sem ter razão, tendo a ‘violência absoluta’, nesse labor, uma função desintoxicadora e instituinte. Essa luta tem uma dimensão tripla. Visa antes de mais [nada] destruir o que destrói, amputa, desmembra, cega e provoca medo e cólera – o tornar-se-coisa. Depois, tem por função acolher o lamento e o grito do homem mutilado, daqueles e daquelas que, destituídos, foram condenados à abjeção; [por fim] cuidar, e, eventualmente, curar aqueles e aquelas que o poder feriu, violou ou torturou ou, simplesmente, enlouqueceu (MBEMBE, 2012, p. 02).

O pensamento decolonial tem como objetivo problematizar a manutenção do sistema colonial e seus modos de incidência nos governos da vida. O entendimento da decolonidade é uma denúncia e, sobretudo, demanda rompimento com o pensamento pós-colonial. Dialogando com Quijano (2000), sobre a conceituação de raça pelo pensamento decolonial, ele afirma que a sua ideia está ligada a colonialidade do poder e busca naturalizar a supremacia europeia. Para Quijano:

Desde entonces ha demostrado ser el más eficaz y perdurable instrumento de dominación social universal, [...] raza se convirtió en el primer criterio fundamental para la distribución de la población mundial en los rangos, lugares y roles en la estructura de poder de las nuevas sociedad. Y otros términos, en el modo básico de clasificación social universal de la población mundial (QUIJANO, 2000, p.195).

Nessa direção, a ideia de raça perpassa a cor da pele, sendo associada também a intelectualidade, capacidade mental, cultura e histórico. Assim, ela corresponde a um processo histórico que ainda hoje vivenciamos, a *herança colonial*. O conceito de mulher traz junto de si a condição sexual e também a questão de gênero. Considerando esse cenário, é que torna-se ainda mais importante pensar na literatura como um agente transformador em que as mulheres negras possam escrever, falar e que suas experiências passem a ser vistas como a luta e resistência à subalternidade.

A partir do patriarcalismo normalizou-se a prática de ações nas quais as mulheres competem entre si, julgam e se sentenciam, sem pudor. Essa lógica fortemente ancorada no androcentrismo baliza a rivalidade entre as mulheres e foi componente central do domínio masculino, ficando ainda mais evidente quando são associadas ao racismo. Dentro dessa perspectiva, bell hooks (2020) afirma:

Sabíamos, por experiência própria, que, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras. O pensamento feminista nos ajudou a desaprender o auto-ódio feminino. Ele nos permitiu que nos libertássemos do controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência (HOOKS, 2020, p. 35).

A irmandade entre homens é permitida e admirada, já essa união entre as mulheres não foi vista com bons olhos. O feminismo entra com essa perspectiva trazendo a importância e a necessidade da irmandade também entre as mulheres, com o conceito de *sororidade*. Contudo, o conceito emerge com fortes críticas ao que está associado ao feminismo branco e por desconsiderar as linhas em que o sexismo se cruza com o racismo no domínio da vida e no corpo da mulher negra. Foi o feminismo negro brasileiro que elaborou o conceito de *dororidade* (PIEIDADE, 2017). Ainda que ambos sejam importantes na luta contra o racismo e o sistema machista patriarcal, as marcas da *dororidade* atravessam a existência negra e se encontram com a ancestralidade. Ainda que incorra no equívoco da universalidade, acredito que todas as mulheres negras trazem a ancestralidade em suas construções. Seus corpos e olhares sobre a vida são marcados pelas mais velhas. Cada uma tece o seu ser e cada ser traz um pouco de nós, de muitas vidas de nossas mães, avós, bisavós...

## **2. Ancestralidade nosso bálsamo**

Parafraseando Jurema Werneck (2006), *Nossos passos, vêm de longe...e de longe vem nossas lutas*, assim peço licença para toda a ancestralidade, para as minhas mais velhas, para as minhas mais novas e cito algumas, infelizmente impossível citar todas as mulheres que me inspiram: Juraçai Batalha Neves, Dona Maria, Jaci, Maria de Lourdes, Rita, Dona Maria de Oxum, Iara, Ana Carina, Estrela,

Claudia Daiane, Raquel, Luciana Custódio, Miriam, Marilda, Ivone Lara, Pina, Cassiane Paixão, Sandrali, Griô Sirley, Ediane Oliveira, Georgina Lima Nunes, Lélia Gonzalez, Marielda Medeiros, Conceição Evaristo, Joelma, Mãe Maria de oxum e Vilma Piedade. Ancorada em Jarid Arraes (2017), ainda penso em Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata, Zacimba Gaba e tantas outras mulheres negras que nos inspiram a começar. Marielda Barcellos Medeiros (2021), evoca a amorosidade em forma de palavras, para reverberar a importância da ancestralidade e de toda luta e resistência do povo negro.

#### MINHA AFROCENTRICIDADE

Essas mulheres

São minhas ancestrais

Bisavós, avós, mães, filhas

Essas mulheres são meu eixo

Meu ongira

Canção, flores, borboletas, hoje livres

Essas mulheres

De outro tempo, deste meu momento

Carrego comigo cada uma

São Yíás, Catarinas e Fernandas

Mikaelas, Marinas e Marianas

Mulheres meninas, muitas vezes insanas

Apaixonadas, brincalhonas, brejeiras,

guerreiras, amigas, companheiras

São Binutas, Terezas, Odetes, Jandiras

Minha afrocentricidade carrego comigo

Eu não ando só!

(MEDEIROS, 2021, p. 45).

A invisibilidade que se produz negando a presença negra reforça as ações que abrem portas para o filho do fulano e se fecham para pessoas negras como eu,

bisneta da Dona Maria. Falecida com 115 anos, fruto de uma relação inter-racial, filha de uma mulher negra e de um homem branco, provavelmente este morador da casa grande, Maria trazia fenótipos que a marcaram pela mestiçagem, que não garantiram que, aos sete anos, fosse escravizada, mesmo tendo nascida sob a Lei do Ventre Livre. Ela trazia no corpo as marcas que lhe conduziram ao trabalho na casa do senhor. Sou a neta da sua filha, Dona Maria de Lourdes, negra, filha de negros, dona de casa que ganhava o seu sustento como lavadeira de roupa das famílias classe média de Pelotas. Não muito diferente, a sua filha Jura, a minha mãe, tinha as marcas fenotípicas da negritude e, semelhante à Dona Maria, buscava, nas redes de serviços ligadas ao cuidado, a sustentabilidade de sua família. Nessa estrutura em que as heranças patriarcais se aliam com a exploração da força de trabalho negra, a vida profissional dessas mulheres se limitava à faxina e ao cuidado com as roupas de casas de famílias brancas da cidade de Pelotas.

Para além disso, a minha herança foi construída culturalmente pela riqueza simbólica das benzedeadas e a astúcia de mulheres que buscavam nas brechas da discriminação racial e na cultura patriarcal que delegava o cuidado ao feminino negro, as condições de sobrevivência. Foram delas também a herança de fé na ancestralidade, a crença na cosmovisão iorubá e a aproximação com a espiritualidade para aliviar as consequências de um sistema racista, sexista e classista, já que o culto aos Orixás e à crença nos ensinamentos da ancestralidade funcionam como bálsamo que, nos dias de dor, naqueles momentos em que penso em desistir, os velhos e velhas me passem a força para seguir em frente.

A imagem a seguir é da minha bisavó Dona Maria, a primeira das mulheres que tenho notícia em minha família. A escravização do povo negro tornou nossa genealogia uma ciência quase impossível de ser definida. Como uma disciplina que auxilia a História no estudo da descendência de famílias e, no caso da população negra no Brasil, esse mapeamento assume ares de milagre. Mas a longa vida de minha bisavó funcionou como elo que nos dava a certeza de vínculos afectivo-consanguíneos. Com seus cálculos imprecisos, tivemos a ideia de que ela faleceu com 110 anos, mas ao olhar seus documentos foram verificados que ela morreu aos 115 anos.

Dona Maria, a benzedeadas mais linda de minha vida, era cheia de encantos, mandingas e patuás. Ela fazia as suas comidas e nelas usava dendê, nos pães caseiros usava banha, suas comidas eram fortes e bem temperadas. Assim, ela

aprendeu com as suas mais velhas, certamente uma herança da culinária africana. Ela nos deixou pela idade avançada, mas a compreensão dessa imagem ainda pode ser entendida em sua expressão de alteridade.

Imagem 1



(Minha mãe, Dona Maria e eu com 4 anos de idade, foto, acervo familiar)

O percurso interpretativo dessa imagem nos dá conta que não se trata só da simplicidade da visualidade e, com isso, a ideia de produção de representações da nossa realidade pode ser sentida pela força de três gerações que se encontram e, neste sentido, sou levada a pensar que quando a imagem não é uma simples coisa da visualidade, ela provoca adventos que nos transportam às emoções. A imagem de minha bisavó afere formas ao acontecido que foi retratado. Com ela emergiu o lugar da ação política que buscou no registro o vínculo familiar e a dimensão de pertencimento negro frente ao extermínio racial no Brasil. As conjunções promovidas

com a imagem, sua interpretação e a palavra fazem emergir inúmeras cenas em contínuos processos de subjetivação e, por vezes, que denunciam enfaticamente os ares políticos da resistência dessa família negra.

Imagem 2



(Eu e minha mãe, na casa onde nasci)

Essa foto diz muito do lugar de onde a maioria das mulheres negras são oriundas. Periferias, casas humildes, pequenas, pátio dividido com outros familiares, bicicleta como meio de locomoção e a maioria de nós carrega um sonho, tentar quebrar o ciclo da família e optar por não trabalhar na casa de outras famílias. Ter melhores condições e ajudar os nossos, as nossas. São também com as imagens que experiências populares podem adquirir (sobre)vida sobretudo em situações inestimáveis que evidenciam excessos autoritários do sistema patriarcal racista e classista. Nossa família é assim. Das mulheres e homens que a escravização buscou apagar originam-se a sabedoria acumulada das ancestralidades que nos ensinam as brechas para ludibriar as desigualdades raciais, sexuais e classistas. Foram os ensinamentos produzidos pelas mulheres de minha família acrescidos das políticas

públicas conquistadas pelos movimentos sociais negros<sup>10</sup> que me fizeram chegar ao mestrado. De geração em geração, vamos ocupando espaços que nos foram negados. A estratégia da *branquitude*, já conhecemos, é a promoção da nossa morte. Nós nos articulamos para resistir e lutar pela nossa necessidade de vida. É desse movimento que acredito que emergem as alianças necessárias para vencer a barbárie racista.

Du Bois (1920), um dos primeiros intelectuais a identificar a *branquitude*, relata que ela é um (des)valor, que portanto deve ser combatido em toda e qualquer manifestação de supremacia branca. Em sua outra obra, *Black Reconstruction* (1976), o autor aborda as diferenças entre os trabalhadores negros e os não negros e as especificidades de cada um, ainda que pertencessem a mesma classe social. Existe um distanciamento tendo em vista que os brancos se afastam dos negros, por se julgarem detentores do poder e superiores, pelo único fato de serem brancos.

Como disse Conceição Evaristo, *a gente combinamos de não morrer* (EVARISTO, 2018, p. 61). O sistema racista que se articula fortemente com os desdobramentos de classe, geração, territorialidade e gênero, no qual vivemos, tenta a todo momento deixar evidente, que pessoas negras não são bem-vindas nos espaços, mesmo assim com muita resiliência e com a perda de muitos, não paramos. Seguir é o verbo que dá sentido à palavra substantivo vida. Essa situação me leva a lembrar de Muniz Sodré (2017), quando ele nos ensina que:

Uma dádiva (a proteção) é a fonte originária da autoridade necessária para que os subordinados, aqueles que obedecem, reconheçam como legítima a dominação implícita na relação subordinante. Nenhum poder namorado mantém-se como puro (no sentido de mero exercício de constrangimento ou de força) ou ditado exclusivamente pelo medo, uma vez que, durante, obriga-se à socialização (proteção, concessões, benefícios etc.) implicada na dádiva. Este seria, portanto, o princípio e a limitação da subordinação (SODRÉ, 2017, p. 223).

Com Sodré (2017), significo os passos seguidos nesta vida. Eu sou uma pessoa que deletou parte considerável da minha vida, talvez pelos traumas que a vida vai nos pregando ao longo da jornada, de fato esqueci muitos detalhes do vivido.

---

<sup>10</sup> Para Nilma Gomes (2017, p. 16), os movimentos sociais são “articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra hegemônicos da nossa sociedade”. Assim sendo, a educadora demonstra que a produção negra no Brasil é creditada à atuação político-intelectual do Movimento Social Negro, a exemplo da criminalização do racismo, a obrigatoriedade do estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana e a luta pelas políticas afirmativas raciais.

Recusar levar a sério o imperativo da dor justifica e repousa a possibilidade de esquecimento da injustiça produzida pela desumanização de nossos corpos e a violação de nossas subjetividades. Ainda que, no geral, acredita-se que o tempo trabalha a nosso favor e que o domínio e suas marcas frequentemente nos levam a reconhecer, demasiadamente, o pesar e a amargura do ressentimento, ódio aos dominantes, tudo isso se exprime nos gritos de vida. Das coisas da minha infância e juventude, eu simplesmente não lembro de grande parte. Talvez, um dia eu possa reconstruir minhas memórias ou quem sabe assumir que seja melhor deixá-las onde estão. Esse lugar separado de mim funciona como proteção e/ou cuidado. Alguns dos fragmentos de memória que trago estão fortemente ligados à minha ancestralidade religiosa, creio que nesse espaço eu era preta feliz, com todas as marcas que o meu corpo pulsava.

Imagem 3



(Eu com 4 anos na primeira casa onde morei no bairro Fragata, conhecida como a rua dos Postes, acervo pessoal)

Exercitando a memória, sou levada a lembrar de um intenso cheiro de defumação que minha mãe fazia em casa (e amo esse cheiro e essa lembrança), ainda que ela quase sempre vinha acompanhada de muitos problemas respiratórios. Em uma dessas crises, com a família preocupada comigo, eu enxergo um índigena enorme na porta do quarto. Naquele instante, aquela imagem produziu em mim a

sensação de que as dores, a falta de ar e a febre tinham afinal ido embora. Posteriormente, conversando com a minha mãe, me foi dito que aquele era o Caboclo Rei Nagô enviado do Orixá Xangô, entidade que meu avô Alencastro Batalha recebia como médium.

Imagem 4



(Meu Avô, acervo pessoal)

Esse senhor no centro da imagem acima é Alencastro Batalha, meu avô. Na ocasião ele participava de uma das primeiras procissões de São Jorge em Pelotas. Sempre devoto do santo, o dia 23 de abril era o momento em que ele se reunia com outros homens e liderava a procissão. Com o nascimento do meu filho mais novo, no dia 23 de abril, a lembrança desses festejos sempre me toma. Minha vida está intrinsecamente ligada ao sentir e ter a espiritualidade sempre comigo, posso por vezes esquecer dela, mas ela nunca me esqueceu e nem me deixa só.

Imagem 5



(Minha vó Jaci, acervo pessoal)

Minha vó Dona Jaci, como gostava de ser chamada - no registro seu nome é Maria de Lourdes, lavadeira, mãe de cinco filhos, dois falecidos ainda quando bebês, umbandista, recebia o caboclo Roxo da pele morena, causando estranheza na época, pois era raro mulheres receberem entidades masculinas, seu corpo se transforma,

crescia, realmente as pessoas ao redor quando olhavam vislumbravam um robusto indígena guerreiro. Dona Jaci morreu meses após a morte do meu avô. Hoje em dia sabemos que a causa foi depressão, mas antigamente se dizia “morreu de tristeza”. A imagem diz muito como já foi mencionado aqui, e a imagem que minha vó me passa é de tristeza, dor de tantas situações que deviam fazer ela se silenciar, opressões, machismo e obviamente racismo dessa sociedade tão cruel para com as mulheres e homens pretos. Jaci em nenhuma foto sorria, seu semblante sisudo condiz com o peso que trazia em seu corpo, peso de sentimentos contidos, conhecida como uma mãe, esposa e amiga amorosa, minha vó morreu sem saber quem era sua mãe. A minha bisavó, mulher escravizada, foi violentada e assim gerou minha vó, a qual ela nunca reconheceu. Minha bisavó dizia que detestava negros, os únicos que ela tolerava éramos nós (eu, minha mãe, meu pai e minha irmã). Ela foi vítima de violência, um homem negro a violentou, somado a época escravocata que viveu, fez que ela tivesse repulsa de negros e negras.

Quando comecei a digitar as primeiras linhas sobre minha vó Jaci, fiz uma conexão com a minha ancestralidade. Não sei bem ao certo o que “senti”. Mostrei para a minha mãe o que tinha escrito e perguntei se condizia com o que ela de fato vivenciou com a sua mãe e para a minha surpresa, minha mãe aos seus 68 anos, fez uma fala lúcida, muito coerente e com um posicionamento político que me deixou extremamente orgulhosa.

*Foi isso mesmo filha, e como muitas mulheres até hoje morreram levando com elas o silêncio de uma traição, pois a pessoa e do mesmo convívio familiar, as dores de uma agressão conjugal para esconder dos filhos e conhecidos, que aquele homem educado, gentil e trabalhador lá fora, era o mesmo agressor de palavras e violência doméstica dentro de casa<sup>11</sup>.*

Quanta coragem minha mãe teve ao se posicionar, desabafando o que pra mim, diz muito sobre ela também. Para além dessas palavras, ela ainda resume a importância da pesquisa desenvolvida.

*Filha, a mãe é só gratidão, é um modo agora da gente expressar tudo que ela passou e não pode falar, aguentou calada. Quando criança lembro que o pai, chegava em casa bravo não sabíamos o porque, a mãe com a mesa posta, todos esperando ele*

---

<sup>11</sup> Quero deixar enegrecido que nesta dissertação, as falas das interlocutoras com as quais dialoguei no processo de pesquisa serão trazidas em itálico, no corpo do texto, com o propósito de se diferenciar das citações bibliográficas.

*para assim poder sentar na mesa e jantar, ele chegava dizia que não queria comer, puxava a toalha de mesa, jogava tudo no chão, a mãe ficava num canto, chorando, esperava ele sair e juntava tudo, e ainda tentava nos distrair, dizendo que não tinha sido nada....e meu pai saia para a rua, sabíamos que ele tinha outras namoradas na rua. Como ela aguentou coisas e sempre calada.*

Vilma Piedade (2017), ao questionar o feminismo que não pauta as especificidades das mulheres negras, elabora o conceito de *Dororidade*. Para a autora, ele descreve as muitas dores que marcam as mazelas da existência quando interseccionado gênero, raça, classe, territorialidade e geração. Quando falamos que nossas histórias se cruzam e conversam entre si, retomamos as muitas dores que várias de nós sentimos.

Quando eu argumentei que Dororidade carrega, no seu significado, a dor provocada em todas as mulheres pelo machismo, destaquei que quando se trata de nós, mulheres pretas, têm um agravo nessa dor, agravo provocado pelo racismo. racismo que vem da criação branca para manutenção de poder [...] E o machismo é racista. aí entra a raça, e entra o gênero, entra classe. Sai a sororidade e entra a Dororidade (PIEADADE, 2017, p. 46).

A intensa necessidade de enquadramento da memória se retroalimenta daquilo que nos é disponibilizado de material pela história. O acervo de experiências pode ser combinado e interpretado por meio de inúmeras referências que reinterpretem o passado justificando o presente e buscando o futuro. Toda nossa existência política veicula o passado, a imagem forjada no presente. A imagem não muda de direção brutalmente, exceto sob risco de tensões quase impossíveis de dominar. As cisões e o desaparecimento ficam aderentes se não puderem mais ser reconhecidos naquilo que se projeta de novo na nova imagem, nas interpretações do passado. Neste caminho, a presença dos espíritos, orixás e guias do meu mentor espiritual<sup>12</sup> sempre foram a constante aliança, em minha vida, daquilo que produz o meu pertencimento. O que se apresenta no jogo de memória é o sentido da minha identidade.

## Imagem 6

---

<sup>12</sup> Mentor espiritual ou Espírito guia ou mentor espiritual é, segundo a doutrina espírita, um espírito encarregado de acompanhar as pessoas, orientando-as e auxiliando-as durante sua vida. Trata-se, segundo os espíritas, do anjo da guarda presente na tradição.



(Minha mãe em nosso pátio, trabalhando como lavadeira, arquivo pessoal)

Minha mãe, uma mulher muito religiosa, engravidou enquanto estudava no Instituto Estadual Assis Brasil. Naquele contexto, ela cursava o magistério e almejava ser professora e foi a maternidade que a fez desistir do seu sonho, ou melhor, evadir da escola. Ela decidiu ser mãe, até mesmo porque não tinha uma rede de apoio que a desse suporte para conciliar a maternidade e a escolaridade. Muitos anos depois, a inscrevemos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que na época servia para eliminar matérias. Foi depois de quase trinta anos sem frequentar a escola, com 60 anos de idade, que ela conseguiu eliminar quase todas as matérias, só ficando em redação. Depois do intenso incentivo de filhas, marido e netas/os, ela se matriculou na Educação para Jovens e Adultos e almeja, agora, o Ensino Médio.

Minha mãe grávida ia à Igreja Catedral São Francisco de Paula, no centro da cidade de Pelotas, para rezar e pedir luz, amparo e força. As consequências de sua maternidade e a trajetória solitária de seus percursos, produzia insegurança. No terreno (des)conhecido da fé cristã, ela buscava o pilar para complementar sua esperança com o culto aos/as Orixás. Logo quando comecei a entender um pouco mais sobre as coisas da vida, lembro de minha mãe me levando nessa catedral e me explicando o que significava tudo aquilo e, sobretudo, a minha liberdade para definir meu percurso religioso. Ela me desobriga de estar na *terreira* e, com isso, fiz a preparação para a primeira comunhão. Algo que não tinha a dimensão do que significava, mas segui minhas amigas brancas que estavam fazendo. Entretanto, na semana do batizado, eu desisti, definitivamente aquilo não era pra mim.

Estar na *terreira*, como comumente chamamos o Centro de Umbanda, está no meu DNA. Quando menciono a terreira ou na terreira é porque, de fato, sempre considerei esse lugar feminino. Ela carrega o axé das nossas Yabás, nossas Yalorixás, nossas Caciques e me debruçando nas leituras de Sodré (2019), onde ele também menciona no feminino e afirma “através da terreira e de sua originalidade diante do espaço europeu, obtêm-se traços fortes da subjetividade histórica das classes subalternas no Brasil” (SODRÉ, 2019, p. 21).

Quase toda minha trajetória convivi rodeada de pessoas brancas, embora houvesse convivência com negras residentes nos bairros periféricos em que vivi, o convívio mais intenso nas relações se dava com pessoas brancas. Se isso foi bom? Creio que para minha afirmação negra não contribuiu ou ao menos não produziu as referências necessárias à autoestima. Essas dores me levam a pensar no imperativo do racismo na sociedade pelotense e mais amplamente brasileira, ainda que o mesmo seja invisibilizado por discursos de que nosso país não teria tal problema. Sobre isso Lélia Gonzalez aponta:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico. Educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... nem parece que é preto (GONZALEZ, 2018, p. 194).

Eu era uma mulher negra que não se reconhecia racialmente. Era aquela negra que ficava feliz quando diziam: “nossa tu és negra e tão educada”, “olha o jeito que tu comes, tão delicado. Quem te ensinou?”, “tu nasceste negra! Mas teu espírito é evoluído, por isso, tu nem pareces negra”, essas e tantas outras “pérolas” foram ouvidas e ditas por muitos anos. Essas pessoas se julgavam no direito de produzir uma análise e verbalizá-la sobre o meu corpo negro. Ele era dissonante com os estereótipos comportamentais raciais em Pelotas. Contudo, a reconhecida educação, entendida como hegemonicamente branca, não me garantiu os privilégios de minhas amigas, apenas me autorizou estar na sala de dia e dormir na “cocheira” da periferia à noite.

Kabengele Munanga (1996), considera de extrema importância analisar as consequências do “racismo à brasileira”. Marcado pela miscigenação, ele comete um processo de interiorização dos estigmas das pessoas negras e isso acarreta marcas no imaginário das vítimas do racismo, interferindo na construção de suas identidades. Hoje em dia entendo o quanto as (micro) agressões ferem e marcam nossa subjetividade, até então para mim eram dores que eu tinha que suportar e achava que eram normais naquele momento da vida. A esse respeito o autor argumenta:

A interiorização pode, a rigor, levar à alienação e à negação da própria natureza humana para os que nascem escuros, oferecendo-lhes como um único caminho de redenção o embranquecimento físico e cultural, trilhado pela miscigenação e pela mestiçagem cultural. Como todas ideologias, o branqueamento precisa ser reproduzido através de mecanismos da socialização e da educação. Nesse sentido, a maioria da população, negra e branca, introjetou o ideal do branqueamento que inconscientemente não apenas interfere no processo de construção da identidade do ser negro individual e coletivo, como também na construção da autoestima geralmente baixíssima da população negra e da supervalorização idealizada da população branca (MUNANGA, 2014, p. 11).

Quase sempre calada e com um sorriso no rosto, assim fui me tornando uma negra, não tão negra assim. No fundo, crescia o desejo de ser branca, como as minhas amigas da rua onde eu morava, o querer embranquecer obviamente na lógica em que nós mulheres negras vivemos imersas, não tinha outra opção, estando inserida em uma família em que oscilavam os discursos sobre ser um corpo negro vivendo. Por ironia do destino ou perpetuação do racismo estrutural, meu filho com apenas quatro anos de idade me disse: "Mãe, por que você não é branca? Eu queria

que você fosse branca, porque assim eu seria branco”. Infelizmente, com tenra idade, ele já conhecia a dor do racismo em uma escola particular que estudava e era o único negro. Nessa instituição somente havia duas pessoas negras, ele e a tia da limpeza. Para desprezo, a profissional, que semelhante à minha bisavó, avó e mãe atuava no cuidado e na limpeza, era apenas identificada como “tia”. Ela não possuía nome e ainda que reconhecida por “tia”, esse vínculo não lhe dava as prerrogativas das famílias que ali matriculam os seus filhos e filhas. Algum tempo depois, orientei o meu filho a perguntá-la o nome e, a partir de então, chamá-la assim.

Voltando ao que dizia antes de falar sobre o meu filho, fui criada rindo das piadas contadas sobre negros, era comum entrar na “onda” para me fazer pertencer àquele lugar. E quando migrei da escola pública do bairro para a do centro da cidade a situação piorou, mas antes disso acontecer tinham alunos negros moradores da vila no entorno do meu bairro, eu tinha o hábito de ceder meu lanche para eles, fiz amigos/protetores. A sensação era que nada iria me acontecer e, de fato, nunca fui debochada ou me senti excluída de redes, o que me levava a considerar que eram todos meus amigos. Mas quando chego nesta outra escola, na área central da cidade, me deparo com um pessoal mais elitizado, muitos eram brancos e foi da pequena parcela de negros que me aproximei, mas a mesma proteção que eu tinha na instituição anterior não aconteceu. Era adolescente e, talvez, as marcas de meu corpo não seduziam os meninos, não adiantava oferecer meu lanche por proteção ou amizade.

Com a ausência da rede protetiva, a maldade chegou até mim. Foram diversas as formas de silenciamento, racismo e preconceito que sofri de professores e colegas. Eram piadas, desenhos em papel enfatizando meu nariz largo, minha boca grande, minha testa, meu cabelo alisado, porém sem o caimento do cabelo branco normal, era um liso “duro”. Neste momento, eu entendo que nunca seria branca, nem receberia o mesmo tratamento. Mesmo andando com as meninas brancas, minha autoestima, que nunca havia sido maravilhosa, acabou por terminar. Diante deste fato argumento segundo bell hooks (2019), que sinaliza a presença da auto rejeição das mulheres negras com suas imagens e seus e suas semelhantes. “Entre mulheres negras, essa dor internalizada tão profunda e a auto rejeição estimulam a agressividade direcionada à imagem do espelho- outra mulher negra” (HOOKS, 2019, p. 54).

Aprendi a sorrir com a mão na boca, assim as pessoas não riam do tamanho dela. Naquele momento mantinha a vergonha de mim, de minhas feições e me tornei uma pessoa introspectiva e dura. Aquela que sempre está na defensiva. Não queria saber de namorados, até porque no meu íntimo, entendia que ninguém iria querer algo comigo. Não me achava atrativa aos olhos dos outros e, assim, fiquei por longos anos nesse limbo que uma sociedade racista fez questão de me colocar. A desvalorização da beleza negra é, talvez, um dos elementos mais emblemáticos que nos marcam e nos posiciona socialmente. Em torno de nossos cabelos, passam as mais variadas imposições, as sociedades branca, preta e quase negra vão produzir os mais variados modelos de cabelos que devemos usar. “É uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade das mulheres negras, resvalando na afetividade e sexualidade destas” (CARNEIRO, 2003, p. 122).

As histórias das mulheres negras são associadas ao trabalho braçal e ao exercício da subalternidade. Nessa direção, Sueli Carneiro afirma:

Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como anti-musas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência” (CARNEIRO, 2011, p. 2).

Foi a hegemonia da branquitude que produziu as figuras que atuam na naturalização e inferiorização da população negra. Du Bois (1920), surge como um dos primeiros a identificar na branquitude, a tendência do colonialismo. As pessoas de matizes diferentes de cor, pelo modelo ideal branco, inerentemente melhor que as de pele escura, acabam por se sentir inferiorizadas. Assim, segundo o autor:

Tudo que é grandioso, bom, eficiente, justo e honrado é “branco”; tudo mesquinho, mal, desajeitado, trapaceiro e desonroso é “amarelo”; um mal gosto é “marrom”; e tudo que é diabólico é “preto”. As mudanças dessa temática estão continuamente fixadas nas imagens e na história, em manchetes de jornais e filmes, em sermões e livros escolares, até claro, a máxima “O Rei não pode errar” – um homem branco está sempre certo e um homem negro não possui nenhum

direito que um homem branco seja forçado a respeitar (DU BOIS, 1920, p. 44).

A supremacia branca foi e é sempre alimentada e perpetua ancorada nas desigualdades raciais e sociais. Por isso, falar de branquitude só tem sentido, quando tencionamos uma luta antirracista. Quando falamos em branquitude não estou me referindo a pessoas brancas, mas sim aos privilégios aderidos por uma vantagem estrutural, dentro de uma sociedade racista, sendo preciso entender que as pessoas negras têm desvantagens com o racismo, enquanto as brancas obtêm vantagens.

A sociedade está organizada de um modo que a opinião do opressor merece e deve ser respeitada. A reflexão sobre as imagens projetadas sobre mulheres negras é parte importante do enfrentamento às discriminações que autorizam formas de violências, já que, no Brasil, os estereótipos estão tatuados na história escravagista de objetificação e de subalternidade da negra hipersexualizada, cuidadora e disponível.

Mas como compreender a dualidade presente entre esse ser um corpo *hipersexualizado* e, ao mesmo tempo, inviabilizado em sua existência? A condição de mulher negra e suas “prisões” históricas acabam por influenciar fortemente em seus esforços de organização. Ser mulher negra se traduz em múltiplas ações políticas de resistência nos processos de desigualdades acumuladas produzidos pela raça, sexo, sexualidade, territorialidade, classe, geração, religiosidade etc. Os estereótipos em torno de nossos corpos negros têm na escravização suas bases de colonialidade. Nossos corpos são vistos na dualidade da promiscuidade e do cuidado de todos, até daqueles que nos machucam e são os seus algozes.

As mulheres negras produzidas nas mediações com as desigualdades acumuladas, por vezes, permanecem sozinhas e solitárias em suas dores. A solidão das mulheres negras é marcada por contextos internalizados que se expressam nas formas de pensar e representar suas conjugalidades e arranjos familiares. Cada vez mais vemos mulheres que não são tidas para se casar. A objetificação da mulher racializada está atrelada às concepções racistas que estruturam o Brasil e deixam rastros violentos que depreciam e fortemente regulam o existir da mulher negra. Foi nesse cenário que cresci ouvindo que eu precisava ser forte e estudar para ser alguém na vida. A escolarização funcionava com um dispositivo capaz de amenizar

ou apagar as violências que alocam o corpo racializado na inexistência. Estudar era o mantra para não passar os trabalhos que os meus e as minhas mais velhas passaram.

Para mim, a mensagem que passava era simples e objetiva: a vida vai te bater muito, mas seja firme e não desista. Engole o choro e siga em frente. Ainda que a ordem tenha sido dada, seguir em frente não significava deixar de olhar para trás. Esse movimento é o que garante a raiz do meu pertencimento. É com ele que brigo para produzir outras existências. Assim, eu sigo com os meus 45 anos e em plena pandemia da COVID-19, desmoronou definitivamente o significado de ser forte. O quadro sanitário evidenciou o abismo social e racial e de gênero, aprofundando o patriarcado e intensificando as consequências do regime escravocrata. As desigualdades acumuladas entre homens e mulheres e entre as populações brancas e negras ficam ainda mais evidentes aos olhos das pessoas que desejam ver.

Estou, neste momento, me reconhecendo enquanto ser em reconstrução. Isso abala, fere e dói, parece que não existia a Jana propriamente dita. Eu estava no mundo existindo, (re)existindo, lutando para permanecer nele de forma quase que induzida, não por aparelhos, mas levada pela maré, sem observar minhas cicatrizes, que sangravam e que, mesmo assim, não eram suficientes para me fazer parar. Era o exercício de ser forte e aprofundar as raízes que me interligam às mulheres negras. Não seria possível dar ouvido às vozes das dores, eu sofria cada vez mais e, a cada momento que me exigia ser uma fortaleza, eu me conduzia na difícil arte do autoflagelo, que machuca e, a cada retorno para a arena, eu voltava mais cascuda e aumentava os meus queloides<sup>13</sup>.

Nós mulheres somos programadas para resistir a tudo e aceitar o que estamos vivendo sem muita perspectiva de um futuro diferente e assim vamos nos calando e aceitando o que nos acomete, comigo pelo menos foi assim. E com as minhas mais velhas também. Sinto uma dor muito grande por entender essas coisas somente agora. Felizmente, estou podendo tratá-la e usar os recursos necessários para que mais queloides não se materializem em minha melanina. Estou interrogando o meu viver, mas quantas mulheres não têm essa opção? Lembro de ver as poucas fotografias antigas das mulheres da família e todas, sem exceção, com olhares que me expressam tristeza e sofrimento. Não conheço os seus sorrisos. Elas evidenciam em fotografias, registros esses feitos em momentos festivos. Demonstrem através da

---

<sup>13</sup> Uma cicatriz saliente que aparece após a cura de um ferimento.

fisionomia o quão eram sobrecarregadas e ainda assim resistiram, seguiam. Grande parte delas carregavam em seus corpos a dor, o silenciamento, porém a dependência financeira e/ou emocionalmente de seus parceiros, o pensamento em manter a família pelos filhos as mantinha ali. Para as nossas mais novas e os nossos mais novos, fica o desejo que se ressignifique modificando e interrompendo assim a ordem cíclica de opressões e violências.

Converso, aprendo e dialogo com mulheres do nosso cotidiano. São elas que trazem junto de si, outras tantas: as benzedeiras, curandeiras, mães de santo, umbandistas, carnavalescas, faxineiras, mães solo, lavadeiras, universitárias, analfabetas, mestras e etc., que juntando seus retalhos, lembranças e memórias, vão alinhavando a colcha de histórias que passou de geração a geração, que aqueceu e continuará a aquecer nossos corações em dias de dor. Que confortam e mostram que a luta vale a pena; que em dias de alegria, nos serviu de motivos para sorrir. É um acalanto escrever sobre nós e também para nós. É uma alegria ser a mediadora de tantas vozes que foram silenciadas. É a missão que tenho neste momento e nada é por acaso. Nada é em vão. Tudo tem um motivo e um porquê de ser e existir.

Ingresso no mestrado por meio das políticas afirmativas, sei o valor das lutas populares dos movimentos sociais de negras e negros para garantir o nosso ingresso e permanência nas universidades. Existem muitas que tinham vozes, mas nunca foram ouvidas. Estou aqui pelas que foram invisibilizadas pelos currículos racistas e não se reconhecendo nas escolas, buscaram outros meios para estudar a vida. Me faço presente na universidade pelas mulheres que lutaram contra o sistema patriarcal e tombaram para garantir nossos lugares. Estou aqui pelas que tiveram a vida precocemente ceifadas pela violência do racismo estrutural. Aqui eu represento muitas com suas mais diferentes histórias de vida. Eu estou aqui por nós! O não me sentir pertencente a certos locais e situações, faz com que ainda assim eu me sinta na obrigação de estar e, juntamente comigo, trazer muitas outras, porque é assim que grande parte do povo negro reage, através de luta e resistência, com o pensamento que uma, dá a mão para a outra. É um sentimento traduzido em uma única palavra: *Ubuntu* (eu sou porque somos). Uma preta não chega a lugar nenhum sozinha, precisamos e necessitamos de uma rede de afetos, cuidados, zelos e palavras encorajadoras e confortantes.

No primeiro momento em que ouvi Conceição Evaristo e suas provocações de *escrevivências* me senti representada. Era o início dos sentidos que criava para os

vivididos, a escrevivência possibilitava o encontro com as experiências e narrando-as produzia o exercício criativo dos significados. O conceito elaborado por Evaristo (2005), conseguiu de forma poética, juntar o cotidiano e o aporte teórico sem se desfazer de nenhum saber. Ele fornece embasamento para tratar de nossas histórias e além de ser um conceito muito nosso. Escrevivências nada mais é que uma história de nós para nós, com todo respeito e cuidado que ela merece e que merecemos.

Lendo Patrícia Hill Collins (2019), sobre o feminismo negro e sua forma de confronto do conhecimento acadêmico e as experiências que ela teve com mulheres negras, Collins (2019, p. 52), aponta que o dito intelectual, deve ser reconstruído e redefinido, já que nem todas as intelectuais, foram escolarizadas e nem todas fazem parte do meio acadêmico. A intenção de pesquisar e publicizar esta escrita vem de encontro com Valter Filé quando disse: “Minha pretensão é que ao tecer estas linhas, o leitor – professores, alunos, pessoas de um modo geral – possam dar seus “nós”, e que a partir destes, cada um teça outras tramas com os fios de suas questões” (FILÉ, 2000, p. 01).

Dentro dessa perspectiva e subjetividade, ao dialogar com mulheres negras da cidade de Pelotas compartilho os seus saberes e funciono com a mediadora dessa circularidade. Não que essas mulheres necessitem disso para certificar seus saberes, mas pelo manifesto que devemos estar em todos os lugares que assim desejarmos, nada mais justo delas estarem juntamente comigo nesta construção de conhecimento.

Uma mulher negra que se torna pesquisadora e elabora um pensamento próprio nos parâmetros acadêmicos, inspirada da vida extra-muros da universidade como o fazia Beatriz Nascimento, rompe com esse processo de invisibilidade no espaço acadêmico. Uma mulher negra pesquisadora jamais é imperceptível no campus, mas talvez o seja nesse campo enquanto autora (RATTS, 2006, p. 29).

Os muros do mundo academicista, vão muito mais além do que aqueles construídos no entorno dos prédios da universidade, são muitas as tentativas de silenciamento, da não valorização do conhecimento, não reconhecido dentro da academia. É um mundo que a todo momento tenta nos dizer que o nosso lugar não é aqui, tendo em vista todo processo de branqueamento e perpetuação do controle do conhecimento. Esse quadro me fez pensar o porquê de diversas disciplinas que cursei no mestrado, o material das escritoras negras, em grande parte, ficassem na bibliografia complementar. Isso me leva a refletir sobre quantas docentes negras eu

conheço no campo universitário, quantas mestrandas e doutorandas compartilho a aprendizagem e indo mais além como está o psicológico dessas que insistem em ir contra o sistema e adentram o mundo academicista. Esse cenário me recorda Nascimento (1997, p. 127):

E quando cheguei à universidade, a coisa que mais me chocava era o eterno estudo, quando se referia ao negro, sobre o escravo, como se durante todo o tempo da História do Brasil nós só tivéssemos existido dentro da nação como mão de obra escrava, como mão de obra para a fazenda, para a mineração.

Em 2021, durante um simpósio realizado pela D'Generus da Universidade Federal de Pelotas, Vilma Piedade discursava sobre os atos racistas que a população negra sofre, das dificuldades que encontramos nos caminhos que trilhamos, ela fez uma provocação: “Somos regras ou somos exceções?”, questionamento feito pela escritora. Posso afirmar que parte da população negra que foge das estatísticas, infelizmente faz parte das exceções. Eu me considero uma exceção. Uma preta que está trilhando um caminho como pesquisadora, que cria seus filhos conseguindo prover uma qualidade de vida e que tem um serviço que garante estabilidade. Mas na regra, já perdi pessoas queridas. Insistir em ser a exceção tem o seu preço. Estar em lugares colonizadores e racistas é, por vezes, jogar com as micro e macro agressões da branquitude.

[...] o preto diante da História do Brasil se sente o eterno escravo, o eternamente vencido, incapaz de reagir diante da situação que foi colocado aqui no Brasil. Mas isso é uma deformação total que a historiografia procura trazer e que já não corresponde mais a situação de classe baixa que o negro brasileiro geralmente está, de falta de instrução, de falta de condições econômicas, mas que está basicamente estruturado dentro de um arcabouço ideológico de grandes implicações (NASCIMENTO, 1977, p. 128).

Na academia hegemônica não é diferente, por vezes somos ignoradas, nossas contribuições não tem valia. Sentimos na pele que não pertencemos a esse local. bell hooks (2019), narra uma situação vivenciada na sua pós-graduação onde passou pelo mesmo atravessamento que trago aqui:

[...]A figura dos professores brancos era apoiada por instituições de supremacia branca, por colegas racistas, por hierarquias que punham a palavra do professor acima da do estudante. Quando eu falava para os professores mais solidários sobre comentários racistas ditos a portas

fechadas, durante horários de atendimento ao aluno, havia sempre uma expressão de descrença, surpresa e suspeita sobre o rigor do que eu estava reportando. Normalmente eles ouviam porque sentiam que era sua obrigação liberal fazer isso. A descrença deles, a recusa em se responsabilizar pelo racismo branco, tornava impossível que mostrassem autêntica preocupação ou ajuda (HOOKS, 2019, p. 94).

A evasão universitária, muitas vezes se dá justamente por estas situações que nos fazem passar. São lugares tóxicos, situações humilhantes e pessoas carregadas de uma herança colonial, que produzem ações racistas, classistas e machistas, tornando o ambiente nada acolhedor. bell hooks relata em sua narrativa que:

Ao longo de grande parte da minha carreira na pós-graduação, disseram-me que “eu não tinha a postura adequada de uma estudante de pós-graduação”. Em um curso de pós-graduação, a mulher negra na minha frente, que também estava sujeita à agressão racista e machista, falou que eles diziam que ela não era tão esperta quanto eu, mas que sabia o lugar dela. Eu não sabia o meu lugar (HOOKS, 2019, p. 95).

Falar sobre o racismo e as dificuldades que passamos por sermos pretas, mulheres e periféricas, e ainda compartilhar essas experiências com os/as filhos/as pretos/as machuca, fere e sangra. Essa situação nos exige a noção de responsabilidade, ainda maior, enquanto pesquisadora comprometida com a perspectiva do lugar de fala. Já nos tiraram tantas coisas, mas jamais irão tirar a força da ancestralidade porque ela está em nós e nos faz renascer sempre que necessário. O mundo não está pronto para nós e nem pronto para essas abordagens, mas nós estamos prontos para o mundo, somos pertencentes desse mundo e devemos tensionar essas discussões. A vida sem a rede da circularidade negra nos ensina que sonhar e viver são coisas bem distintas. Lélia Gonzalez faz uma análise epistemológica acerca da psicanálise para compreender a lógica da opressão e dominação, na qual os negros são acometidos sendo o “*Lixo da sociedade brasileira*”.

Nós negros estamos na lata do lixo da sociedade brasileira, pois assim determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise (...) porque o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes nós o sabemos) domesticar (GONZALEZ, 1984, p. 225).

Como diz Lélia Gonzalez: “...O lixo vai falar e numa boa”. (GONZALEZ, 1993, p. 234). Nessa dureza, mesmo muitas vezes a sociedade deixando evidente que eu

tinha um lugar determinado e destinado pelo racismo estrutural, terminei o Ensino Médio e após idas e vindas profissionais, tive êxito no certame da Universidade Federal de Pelotas e hoje sou técnica administrativa. Nessa altura do campeonato, já sou mãe e a responsabilidade aumenta, novamente a menina da foto entra em ação e faz eu olhar pra trás e ver o quanto percorri com o apoio de minhas ancestralidades. Pelas lutas vividas por elas e por tantas outras vividas pela população negra, busco, por meio da academia, as condições necessárias para questionar os obstáculos que nos impedem o direito à vida.

O exercício dessa escrita é compartilhado com gritos, choros e amamentações (tenho um filho pequeno que ainda mama, em livre demanda, ou seja, à vontade e querer dele, sem horário determinado) que me levam à vontade de desistir. As exigências da academia não foram elaboradas considerando as marcas que me atravessam como mulher-mãe-esposa e que a fazem existir na lógica patriarcal.

Da minha infância até a vida adulta, morei na periferia, na qual fiz amizades, tive amores e dissabores. O mestrado surge com um incentivo de algumas enfermeiras com quem trabalhei. Fui orientada por elas a me candidatar como aluna especial e, assim, ir me familiarizando com a pós-graduação. Fiz algumas disciplinas como aluna especial, mas os temas abordados não me contemplavam, mesmo sendo uma área que domino, assuntos do meu cotidiano me faltavam. Foi em uma reunião do Movimento de Resistência UFPRETA que a minha amiga técnica administrativa, e a professora , ambas atuando na FaE, se propuseram a me ajudar e me preparar para a seleção.

Estar no mestrado, foi um grande desafio. Assistir aulas online cuidando de filhos, trocando fraldas e amamentando o menor, fazendo o lanche da tarde e a janta do filho adolescente, ter momentos do casal, foi e é extremamente difícil. A aliança entre a vida profissional, a maternidade, o classismo, o racismo e o sexismo na vida da mulher negra provoca jogos de concessões e conflitos para seguir viva. Em casa não tenho incentivo, nem quando estava me preparando para a seleção via na minha família o suporte necessário. Dar conta das leituras solicitadas ocorre somente quando o pequeno dorme.

Neste estado de metamorfose, a transformação segue seu curso, eu passo por uma incrível transformação dentro de uma casca dura. Estou me preparando e sendo preparada, para surgir para o mundo, com uma nova aparência, mudança essa mais interna na formação, construção e desconstrução do meu ser do que propriamente

transformação física. Se o mestrado servirá para alavancar minha vida profissional, não sei. Mas certamente serviu para que eu construísse o meu lugar no mundo e ele não deve ser o que estou hoje. Isso para mim é bem caro e já faz valer a pena estar aqui. Seguirei com sutileza e leveza, sendo que cada um/a terá de mim aquilo que despertar e merecer.

### **3. Nosso Quilombo, Luta e Resistência**

*“A terra é o meu quilombo, o meu espaço é o meu quilombo. Onde eu estou, eu estou, quando estou eu sou”.*

*Beatriz Nascimento, documentário “Ôrí” (1989).*

Quando o negro se junta em movimentos do hip-hop, quando está no terreiro, na favela, no samba, na igreja ou na rua são constituídos *quilombações*. Nossas histórias e marcas são resignificadas e fortalecidas nos modos de constituirmos negros e negras em nossas pluralidades.

Eu sou originária da periferia e atuo nos movimentos sociais negro, de carnaval, samba e religiões de matrizes africanas, por meio das ações afirmativas ingresso no mestrado para contribuir com as contraposições, tensionamentos e problematizações a tudo aquilo que está posto como verdade por meio da herança colonial. Desde muito cedo conhecendo o fel do racismo e das violências que somos acometidas, me pergunto quando essas micro e macro agressões terminarão? Enquanto existir desigualdades, creio que nunca terminará. Ao menos enquanto o racismo, o sexismo e o classismo continuarem a marcar as nossas vidas.

Desde muito pequena o carnaval de Pelotas faz parte das minhas atividades sociais. Com dois anos de idade, fui Duquesinha do *clube cultural chove não molha* e, sem dúvida, essa situação incidiu na minha trajetória. Por três anos figurei como Duquesinha do clube, não tendo condições de seguir como titulada, por questões financeiras. Lembro que no primeiro e segundo ano, minha família conseguiu custear a fantasia. Entretanto, no terceiro ano, uma prima costureira, reaproveitou a fantasia do ano anterior e modificou um pouco para que eu pudesse se configurar como novo. Minha mãe já havia me avisado que seria o último ano, pois não tínhamos mais condições financeiras de me manter no clube. A participação no clube também recebia suas influências econômicas. O clube era um lugar onde os negros e negras

se encontravam para festas, bailes de carnaval, reuniões, ou seja, socializarem, debaterem e fortalecem os seus laços afetivos. O Clube “Chove”, como era conhecido, foi fundado em 26 de fevereiro de 1919, na cidade de Pelotas, por iniciativa de três carnavalescos, Antônio Silveira Falcão, Henrique Cância de Paula, Pedro Vargas e Antenor Vieira. Em 1966 o Clube foi reconhecido como utilidade pública, ficando a sua sede fica na rua Benjamin Constant, número 2118.

Imagem 7



(Eu com 2 anos de idade, como duquesinha do Clube Cultural Chove não molha Foto: Arquivo pessoal)

Considerado um símbolo de resistência e afirmação da cultura negra, o clube teve seu início trinta anos após a abolição da escravização das populações negras no Brasil. Ele surgiu num momento em que a segregação racial, não só na cidade de Pelotas, mas em todo país, era muito estabelecida. Quadro que foi fragilizado pelas lutas sociais, mas que encontra-se na raiz desse país. O Chove ficou conhecido por agregar homens e mulheres de pele bem escura, os mulatos frequentavam o Clube *Fica Ahí pra ir Dizendo*, que ficou conhecido por receber a “elite” negra pelotense.

A divisão também acontecia no interior do clube Chove. As profissões orientavam os grupos que se formavam no clube, eram alfaiates, costureiras/as, cozinheiras/as, metalúrgicos/as e empregadas domésticas. *“Isso não tinha sido*

*escrito em lugar nenhum, mas a gente sabia e passava para quem tava chegando como era a coisa*”, palavras ditas pelo meu pai, João Armando Nunes Neves, nascido em 1949, sobre o Chove. Ele frequentou os clubes sociais da cidade.

O primeiro Clube a surgir na cidade foi o *Depois da Chuva*, em 1916. Em 1921 vieram o *Fica Ahí pra ir Dizendo* e o *Quem Ri de Nós têm Paixão*, e em 1931, o *Está tudo Certo*. Sobre o surgimento dessas associações, elas vieram das necessidades de existências de locais onde as populações negras pudessem socializar e debater suas especificidades sem ser marginalizadas ou proibidas de participarem de atividades e/ou de adentrar em lugares destinados aos brancos. Fernanda Oliveira destaca:

Esse período chamado de “pós-abolição”, por sua vez, não é concebido enquanto estanque e imediatamente posterior a 3 de maio de 1888. Representa, na verdade, um momento em que os objetivos davam-se em virtude da busca por direitos em uma sociedade emancipada, porém na qual os negros beneficiados com a emancipação de 1884 não eram escravos nem livres, mas contratados. Assim, a experiência do cativo ainda era muito marcante, e a sociedade os condicionava a posições secundárias (OLIVEIRA, 2011, p. 05).

Elegi debater panoramicamente sobre esses espaços, entre tantos outros, porque os considero relevantes nas trajetórias das mulheres presentes nesta dissertação. Não obstante, esses lugares podem ser entendidos como as primeiras iniciativas de aquilombamentos que surgiram da necessidade de contrapor ao preconceito na cidade, a qual impedia aos negros de participarem de espaços que já existiam. Foi e é preciso, além da luta pela “liberdade”, manter a resistência se fazer pertencer à cidade, criando em seus espaços as redes negras.

Trazido como escravo para esta região, o grupo negro tendeu, para o final do período imperial, a congregar-se em entidades mutualistas, profissionais ou étnicas, que ainda não buscavam a construção de uma identidade racial, mas sim auxiliar na inclusão social e amparar seus sócios. Com a República, suas entidades evoluíram para a formação de uma rede associativa praticamente completa, surgindo propostas identitárias entre este grupo, embora sofresse com a influência desagregadora de ideologias, como a do branqueamento, com forte apelo na sociedade brasileira (LONER; GILL, 2009, p. 146).

Muitos desses clubes sociais ainda mantêm suas atividades nos dias atuais, como o Clube *Cultural Fica Ahí pra ir dizendo* e o Clube *Cultural Chove não molha*. Obviamente que a inserção da população negra se deu de forma gradativa, compreendendo que esses clubes sociais tomam forma no momento em que uma rede de pessoas em situação de opressão, exclusão e subjugação entendem-se com total capacidade de criar um contraponto dentro dessa sociedade excludente e racista. Dentro dessa perspectiva trago Cassiane Paixão:

Os clubes sociais negros podem ser pensados como um espaço social construído dentro de um determinado contexto social e histórico no Rio Grande do Sul, onde os grupos negros buscavam sua afirmação; a afirmação de seu próprio referencial político, ideológico, social e cultural. A partir dessa lógica, é essencial estudá-lo para compreender o que é ser negro no Rio Grande Sul e, principalmente, contestar o estereótipo de um Estado que sempre fortaleceu uma imagem de ter uma população eminentemente branca, invisibilizando o negro da sua história e do núcleo de sua sociedade (PAIXÃO, 2017, p.14).

Dialogando com Cassiane Paixão, a qual reflete muito salutarmente sobre a importância dos clubes sociais negros na cidade, bem como no Rio Grande do Sul, começo aqui trazendo alguns fragmentos de minhas escrituras sobre o tema. O meu aquilombamento fez-me (re)encontrar como um ser negro político, inserido de alguma forma nesta sociedade racista e patriarcal. Com toda essa situação vivenciada de apagamento, era no carnaval que eu encontrava o meu chão.

Imagem 8



(Eu e meu primo Carlos José (in memorian) Foto: Arquivo pessoal)

No bairro onde eu morava com a minha família (Conjunto habitacional Cohab Guabiroba) surgiu a escola de Samba Imperadores da Guabiroba e por incentivo de amigos e familiares decidi participar do meu primeiro concurso de samba. Até aquele momento, eu era apenas convidada e recebia os títulos, a exemplo de Madrinha do time de futebol. Naquele momento, eu fui concorrer e para a minha felicidade, conquistei o título máximo de Rainha da Bateria.

Após o concurso que me consagrei rainha de bateria, indo à padaria do bairro, ouço: “Olha a Rainha”. Demorei a entender que aquilo era para mim, quando me dei conta larguei um sorriso, inclinei a coluna, empinei a bunda e segui andando com a malevolência de uma preta orgulhosa da sua cor. Naquele momento senti que não era somente eu quem sorria, as minhas ancestralidades sorriram junto. Novamente na minha vida, a ancestralidade e a espiritualidade se mostraram presentes, porque naquele primeiro ano a escola veio falando e homenageando sete Orixás do batuque

e eu fui toda de branco representando o Orixá Oxalá. Depois em outros anos tive a honra de vir vestida representando a Orixá Iansã dona do meu Ori<sup>14</sup>. Essa fantasia que usei no desfile ao qual eu representei essa Orixá, ficou no quarto de santo antes do desfile, porque essa era uma forma de pedir permissão e proteção.

Imagem 9



(Eu na passarela do samba em uma das vezes que vim representando a orixá Iansã.

fonte:[www.hojetem.net](http://www.hojetem.net))

Epahey minha Bela Oyá, Orixá dona dos ventos, tempestades e raios. Ela é única, dentre o panteão, que transita pelo mundo dos vivos e dos mortos. A menina dos olhos de Oxalá representa a rapidez de raciocínio, a coragem, a lealdade, a franqueza e a luta contra as injustiças. Ela é a dona do movimento. Iansã utiliza o

---

<sup>14</sup> Ori, palavra em yorubá que significa, a cabeça, a mente.

eruexim, um instrumento mágico que conduz e subjuga os espíritos sem evolução, é uma espécie de espanador, geralmente confeccionado com a crina do boi ou búfalo, esse último o animal do poder de Iansã. A crina é colocada em cabos de madeira ou metal, podendo ser adornada com contas e búzios. Dentre seus paramentos de Iansã está também a espada, ela é uma Orixá guerreira.

A Iansã ou Oyá é conhecida por se transformar em búfalo quando necessário, demonstrando toda sua força e energia, mas traz junto de si a delicadeza de uma borboleta. Dona do meu Ori e caminhos, ela rege minha vida e me protege de todas as mazelas que possam estar no meu caminho. Ser filha dessa Orixá é trazer junto a força de mil búfalos, a sutileza e a leveza de uma borboleta, é trazer no peito a força da vida, dos raios, das tempestades. É querer defender a tudo e a todos e, por muitas vezes, ser levada pela emoção.

Canto de Oyá  
Sou feita de vento  
De fogo e de aço  
Não me perturba o mau tempo Do Tempo renasço  
Entre matas, estradas e bambuzais  
Eu passeio onde ninguém vai minha mãe me ensinou  
A ser brisa quando puder  
E também me deu  
A valentia de mil búfalos em uma mulher  
Me faço no tempo na sombra do espaço  
Meu caminho não é lento sou impulso, sou rastro  
Os raios no céu são portais que me levam onde ela está  
Minha mãe me ensinou A ser brisa quando puder  
E também me deu A valentia de mil búfalos em uma mulher Hey...  
Oyá borboleta Iansã minha rainha  
Oyá borboleta tua força também é minha  
Oyá, tua força tem 9 mistérios Oyá, em tua essência divina eu me entrego  
Oyá, o teu canto que corre no vento fazendo o tempo parar Oyá, com  
você me envolvo nessa dança  
Oyá, o teu fogo renova esperança  
Oyá, tempestades, rajadas de vento Força que faz transformar  
Hey...  
(ROSA AMARELA, 2020).

A minha fé se juntava com o carnaval e me fez renascer. Por muitos anos segui como Rainha e Musa, fazendo participações especiais em apresentações de intérpretes do Rio de Janeiro que vinham se apresentar aqui, sendo jurada de concursos na cidade e em outras cidades do estado. No início, eu nem entendia o peso que tinha essa faixa e da coroa que me foi colocada, mas a vida ia me mostrar que ali foi um divisor de águas na minha vida. Aos poucos vou entendendo a

importância do cargo e o desejo de muitas meninas, como eu, de querer estar naquele lugar de destaque.

Imagem 10



(Recebendo o troféu Estandarte do ouro, evento realizado pela Prefeitura de Pelotas e pela ASSECAP, Associação das Escolas de Samba de Pelotas, onde tive a honra de receber um troféu da melhor Musa de bateria. Fonte: Site Prefeitura de Pelotas. Fotógrafo: André Gill).

Fui durante sete anos, a Rainha da Bateria da Escola de Samba General Telles. Situada na zona da várzea, a escola é tida como a escola do povo. Telles é uma escola conhecida por fazer o arrastão no fim dos desfiles, isso faz com que as pessoas ficassem até amanhecer, muitas vezes, para ver a escola desfilando e no final,

descerem das arquibancadas e acompanharam a escola e Musa da Bateria da Xavabanda<sup>15</sup>.

Foi no meio do samba que comecei a compreender e me apropriar do ser negra, estava naquele momento da vida rodeada de pessoas negras e, em sua maioria, traziam seus cabelos crespos ou lisos “duros” iguais aos meus. Suas bocas traziam os “beijos” e narizes largos que produziam tantas risadas nas escolas por onde passei. Nossas alegrias e gargalhadas espalhafatosas não eram reprovadas e meu corpo se encontrava, por meio do samba, com o ritmo do sangue de minhas veias. Olhava pra frente e para os lados e o que via era um monte de preta sambando, olhava pra trás e tinha uma bateria cheio de negros tocando. Meu pai, minha mãe e irmãs sempre juntos nos ensaios, eu pela primeira vez na vida me sentia amada e respeitada por todos e todas.

A arte do Sambar me fez ser e me faz na alquimia de ser negra na ausência de referencialidades, ela resgatou a minha auto estima. Assim decidi expandir o conhecimento da dança, com um projeto que chamo de: *Aerosamba*, um momento para sambar, ativar o corpo, destinado para a periferia, de forma gratuita para mulheres maduras negras e não negras. Com o passar das aulas, as próprias alunas foram levando suas netas, filhas, noras, amigas e assim diversificando a turma. Grande parte das pessoas que compõem as turmas, me conheceram no carnaval e me chamam de diva, mesmo eu sempre corrigindo. Assim, mudamos o nome do projeto, nascendo então *As Divas*. Eram mulheres com histórias e bagagens e eu trazia para elas uma hora de divertimento, recheado de risadas e muita dança. Eram tardes muito nossas, com coreografias e alongamento no final da aula, onde eu colocava uma música de relaxamento e fazia com que elas deixassem os problemas lá na rua e se permitissem esvaziar a mente e relaxar. Eram cinco minutos e muitas no final estavam chorando, outras simplesmente agradeciam o peso que saiu dos ombros naqueles poucos minutos para serem elas. Hoje em dia, o projeto não existe mais. Contudo, enquanto durou, a sua existência foi conduzida por mim, com o apoio do governo do estado e do município.

## Imagem 11

---

<sup>15</sup> A banda também é intitulada a banda do povão e está localizada no bairro Navegantes. Ela é conhecida por levar um mar de gente para a passarela, às vezes chegando a ter mais de três mil e quinhentos componentes na avenida do samba.



(Parte das alunas do projeto Divas, em um aulão na praia do laranjal, Pelotas/RS)

As Divas foram convidadas a se apresentar em diversos lugares, participaram de programas de rádio e o mais importante, uma rede se formou, as alunas criaram laços de amizade uma com as outras, transcendendo o *espaço da aula*. A rotina da maioria dessas mulheres era cuidar das suas famílias e trabalhar como diarista, obviamente sentindo a opressão, racismo e machismo fazerem parte do seu dia a dia.



(As Divas juntamente com bailarinos numa coreografia afro, em alusão a semana da Consciência Negra. Foto: Stefanie Furtado)

Atente-se para as camisetas confeccionadas para essas apresentações, elas trazem junto o nome Divas, o código de barras. A intenção não para sermos taxadas de objeto, mas registro que se tratava de uma Diva, uma mulher que está se permitindo ser. Complementando a barra vinha a nossa identificação “Eu me amo, eu me adoro!”. Preciso explicar que esta frase era dita sempre no final das aulas, nosso encerramento. Eu costumava fazer uma bagunça no fim das atividades para incentivá-las:

*Meninas, agora digam bem alto, mas tem que sair do coração hein! Vocês precisam acreditar no que vão falar agora ‘Eu me amo, eu me adoro’....não ouvi, vcs não falaram com verdade, com vontade, tem que acreditar hein! ‘Eu me amo, eu adoro’. Bem alto de novo ‘Eu me amo, eu me adoro e quem convive comigo tem que me respeitar hein’.*

O que eu não sabia é que ali tinham mulheres com a auto estima muito baixa, com tantas opressões que fizeram com que elas se apagassem e desse prioridade aos companheiros, filhos e netos. Elas trabalhavam em serviços exaustivos para suas idades e sem remuneração justa. Nesses encontros, havia mulheres que sofriam violência doméstica, agressões, tortura psicológica, praticamente todos os dias e vinha daqueles que, no geral, eram vistos como os seus amores. Essa ‘brincadeira’ rendeu frutos, alguns confesso que me assustaram com tamanha

responsabilidade. Algumas se separaram de seus maridos, outras procuraram protéticos para colocar próteses dentárias, outras não se calaram mais com as agressões. Infelizmente, também tivemos algumas que ao se posicionarem foram severamente castigadas e se retiraram dos encontros.

O projeto Divas, um pouco antes da pandemia teve o seu fim. Até hoje mantemos contato, mantivemos os grupos de whatsapp, que conta com a presença da grande maioria delas. Existe o desejo de retornarmos, sentimos falta. Com elas, reiterei o entendimento que o carnaval para mim e para as minhas semelhantes era uma questão de resistência. Era uma forma de existir e resistir, uma tática de aquilombamento<sup>16</sup>. Era como a definição de Quilombo feita por Abdias Nascimento (2019): "Precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme as perspectivas exclusivas dos interesses da população negra e de sua respectiva visão do futuro" (NASCIMENTO, 2019, p. 289).

Os quilombismos são espaços onde as experiências se encontram e se vê as/os semelhantes, Neles são possíveis compartilhar propósitos e evidenciar a importância da representatividade.

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organização permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente, todas elas preencheram uma importância, tem função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da comunidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os 'ilegais' formam uma unidade, uma única afirmação da existência humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a estas práxis afro-brasileira, eu denomino de quilombismo (NASCIMENTO, 2002, p. 264-5).

---

<sup>16</sup> Aquilombar-se é quando pessoas da raça negra se juntam, é organizar, constituir espaços que possamos refletir e agir sobre a nossa realidade.

Como menciona Nascimento, os quilombismos nos trazem uma afirmação de um local para discutir, dialogar, resistir e fortalecer os nossos laços. Penso que o carnaval funciona para muitas pessoas com esse papel. Os seus movimentos começam bem antes do desfile na passarela do samba com os ensaios, apresentações e situações em que nossos corpos pretos se encontram e desenvolvem nas artes de nossos domínios. Nas atividades do samba, as faxineiras ganham o título de Rainha e o guardador de carro se transforma em mestre-sala ou comanda o coração da escola, a bateria. Na escola de samba propiciamos nossa utopia<sup>17</sup>.

Acabei sendo referência para outras meninas no meio do samba ou mesmo na vila onde nasci e fui criada. Particpei como uma das interlocutoras do projeto Negressencia. Este projeto Negressencia teve como objetivo criar uma estrutura de pesquisa artística para historiografar e traduzir as informações produzidas na forma de um espetáculo de dança, na linguagem da arte contemporânea, sobre a mulher negra gaúcha. Trata-se de uma produção do Professor Manoel Luthiery, docente na Universidade Federal de Pelotas. Nesta produção, tive a honra de dividir espaço com a nossa Mestre Griô Sirley, coroando minha passagem pelo carnaval e me levando o estandarte de Ouro de melhor Musa de bateria em 2018. Isso tudo só me faz refletir sobre como é importante a representatividade e como ela pode mudar o curso das coisas. Estar em *aquilombamentos* por meio do terreiro de umbanda, do movimento social, da roda de samba, carnaval, charme ou cenas de *Black Music* (são vários os *quilombos* que podemos encontrar no nosso cotidiano), me recordou o que Oliveira (2013) nos ensina sobre a ausência das expressões negras nos currículos de formação:

As práticas de dança e música afro-brasileiras não fazem parte das grades curriculares dos cursos de artes universitários brasileiros, constando somente as produzidas pelo continente europeu ou pelos norte-americanos. Esses corpos negros que dançam, diariamente, transitam pelas ladeiras, pelos becos, pelas comunidades-terreiro, pelos grupos de samba e também pelas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio, mas não na academia (OLIVEIRA, 2013, p. 188).

---

<sup>17</sup> Lélia Gonzalez nos traz importantes apontamentos no que se refere ao *Mito da democracia racial*. Segundo a autora, “os termos mulata e doméstica, são atribuições de um mesmo sujeito” (GONZALEZ, 1980, p. 196). Considero Lélia Gonzalez, uma das grandes porta-vozes que desconstruem o mito da democracia racial, fazendo uma denuncia do sistema escravista patriarcal brasileiro. “cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura em empregada doméstica” (GONZALEZ, 1980, p. 196).

Através da dança comecei a olhar e admirar meu corpo. Via e sentia também os olhares de admiração para aquele corpo que bailava, a dança naturalmente seduz e encanta. “Os afros espalharam suas danças ao tempo, ao vento e aos lugares” (CONRADO, 2006, p. 251), eu definitivamente me encontrei no mundo e me reconheci negra sem precisar me moldar ou mudar para caber ou ser aceita em algum espaço ou local.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar se em suas potencialidades (SOUZA, 1983, p. 18).

Beatriz Nascimento (1977), relata: “o quilombo é uma coisa tão negra, tão própria nossa, tão compreensível para nós, que o homem branco, o dominar não conseguiu entender...” (NASCIMENTO, 1977, p. 132). Este trecho Beatriz Nascimento é cirúrgica, me senti atravessada nessas poucas linhas. A sociedade colonial não consegue entender e perceber as especificidades da população negra, não reconhecendo este mundo tão nosso.

A utilização do termo quilombo passa a ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, sentido de luta como se reconhecendo como homens, como se reconhecendo pessoas que realmente devem lutar por melhores condições de vida, porque merecem essas condições de vida na medida em que fazem parte dessa sociedade (NASCIMENTO, 1977, p. 131-132).

A autora ainda pondera que o quilombo passa a ser visto pela população negra como um fortalecimento psíquico, possuindo importante papel na história do negro, “porque ele tem uma vida contínua dentro da História do Brasil” (NASCIMENTO, 1977, p. 133). Grande parte da historicidade e cultura do povo negro não é contada, porém ela existe.

É inegável o caráter de reação dos negros “quilombolas” ao regime escravista, sistema que domina toda a atividade produtiva da sociedade brasileira naquele momento. Neste sentido, a liberdade é uma das motivações para que os escravos procurem os “quilombos”. Mas a dinâmica duradoura (no tempo) deles, necessita de uma compreensão, onde a complexidade das suas instituições e a evolução da sociedade global sejam vistas como processos interacionais, para que se entenda a particularidade de os “quilombos” terem sido sistemas

sociais autônomos à sociedade global. A historiografia contenta-se somente em marcar a capacidade de luta e de resistência dos negros envolvidos nestes sistemas, e, ampliando, a resistência do povo negro de um modo geral, através dos tempos. Daí a generalização do termo “quilombo” para indicar variadas manifestações de resistência, generalização permeada pela postura ideológica dos pesquisadores (NASCIMENTO, 2018, p. 290).

Nos quilombismos podemos ser nós mesmas, sem receio de querer agradar a branquitude. Mantemos os nossos trejeitos, risadas e danças. Neste espaço que definimos como quilombamento fortalecemos nossas raízes, reconhecemos a nossa ancestralidade e criamos redes de fortalecimento. Os quilombismos têm a capacidade de nos unir e nos fazer resistir e existir. Toda vez que a população negra se une e fala sobre si, estará se fortalecendo com a luta e configurando a condição de quilombo.

### **Parte 3**

#### **1. Mulheres Negras - subjetividades e cotidianos**

*[...] A gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha, etc., mas tornar-se negra é uma conquista. Se a gente não nasce mulher, é porque a gente nasce fêmea, de acordo com a tradição ideológica supracitada: afinal, essa tradição tem muito a ver com os valores ocidentais, conforme nos revela um grande pensador/ cientista negro Sheik Anta Kiop (GONZALEZ, 1987).*

A supremacia branca foi e sempre será alimentada e perpetuada nas desigualdades raciais e sociais. Por isso, falar de branquitude só tem sentido, quando tensionamos uma luta antirracista. Quando falamos em branquitude não estamos nos referindo a pessoas brancas, mas aos privilégios aderidos por uma vantagem estruturalmente racista. Para a sociedade racista, a opinião do(a) opressor(a) merece e deve ser respeitada.

A reflexão sobre as imagens projetadas sobre mulheres negras é parte importante do enfrentamento às discriminações que autorizam formas de violências.

Os estereótipos de objetificação hipersexualizada da mulher negra limita a sua existência e a condiciona as “prisões” fortemente organizadas da opressão sexista e racista. Ser mulher negra é a tradução de múltiplas políticas de resistência às colonialidades da branquitude em nossos corpos. A solidão das mulheres negras é marcada por contextos internalizados que se expressam nas formas de pensar e representar suas conjugalidades e arranjos familiares. A objetificação da mulher racializada está atrelada às concepções racistas que estruturam o Brasil e deixam rastros violentos que depreciam e fortemente regulam o existir da mulher negra.

A supremacia branca, faz com o que o corpo das mulheres negras seja visto como “corpo sem mente” (HOOKS, 2015), perpetuando a imagem como simbolo sexual e raivosa. Audre Lorde escritora, poeta e ativista se descreve como negra, feminista e lésbica, assim afirma: “Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança (LORDE, 2019, p. 159). Mulher negra e lésbica, Lorde sabe o que essas interseções com os seus atravessamentos e opressões afetam o cotidiano.

Neste sentido, quando mulheres negras assumem seu lugar político de fala saindo da invisibilidade, rompendo o apagamento imposto pelos marcadores que a determinam, elas são tidas como violentas, agressivas, hostis e temperamento difícil. A justificativa que usam é que não somos submissas o suficiente, ou usamos a sedução e isto valida o estupro, feminicídio, assédio, violência doméstica e outras tantas agressões sejam elas físicas, morais, emocionais ou psicológicas que somos acometidas no nosso cotidiano.

Stephanie Ribeiro uma ativista paulista, diz que sua fala em nenhum momento busca ser conciliadora e sim de rompimento, “Meu discurso é o do incômodo e muitas vezes o da raiva. Se as pessoas sentiram isso até aqui, significa que estou no caminho certo. Afinal, nenhum incômodo é tão grande quanto o das violências perpetuadas por séculos contra corpos negros e femininos” (RIBEIRO, 2018, p. 262). Esses posicionamentos são importantes para quebrar o silêncio de tantas, representando e fazendo se ouvir, para além disso possibilita um diálogo das mulheres negras com a sociedade, tentando assim reverberar a necessidade de uma desconstrução do pensamento, expondo o quanto o racismo, machismo, homofobia, naturalizada pela sociedade patriarcal oprime determinados grupos.

Lorde assim resume que: “Mulheres que reagem ao racismo são mulheres que reagem à raiva; a raiva da exclusão, do privilégio que não é questionado, das distorções raciais, do silêncio, dos maus-tratos, dos estereótipos, da postura defensiva, do mau julgamento, da traição e da cooptação” (LORDE, 2019, p. 155). A sociedade trata de maneira excludente e violenta quando se refere às lésbicas negras, principalmente os tidos como conservadores.

Nós somos todas as forças que conquistamos, incluindo a raiva, para nos ajudar a definir e dar forma a um mundo onde todas as nossas irmãs possam crescer, onde todas as crianças possam amar e onde o poder de tocar e conhecer as diferenças e as maravilhas de outra mulher irá, mais dia, menos dia, transcender a necessidade de destruição (LORDE, 2019, p. 167).

O apagamento e exclusão constante lhe negam um lugar social, diante das reivindicações realizadas pelas mulheres negras independente de suas orientações sexuais. Faz com que se compreenda o quanto as intersecções raça, gênero e classe, são marcadores que oprimem sujeitos que têm nas suas *escrevivências* uma fala da história não contada. Como já mencionei, nossas histórias se cruzam e conversam entre si.

## **2. Mosaico de corpos pretos: Que se encaixam, conversam entre si!**

O ser forte e guerreira que tanto menciono ao longo do texto, nada mais é que fruto do racismo e machismo. Eles nos obrigam, para não sucumbirmos, a assumir essas posições. Contudo, reafirmo que é uma forma de desumanizar a mulher preta. Mas nesse trabalho, narrando histórias de vida, o que objetivo não cabe desumanização, muito pelo contrário. Quem nos desumaniza a todo instante é esse sistema opressor no qual vivemos. A sociedade romantiza e naturaliza a mulher preta periférica, que se despedaça para junto de sua família sobreviver, romantizando suas lutas e dificuldades. Essa situação, do meu ponto de vista, nada mais é que uma maneira de isentar a culpabilidade de quem fomenta essa desigualdade socio-racial. O racismo, o classicismo, o sexismo, a lesbifobia, o capacitismo e tantas outras marcas objetivas da discriminação desumanizam o corpo preto da mulher negra.

No período da escravização, o corpo da preta era exposto para ser comercializado. Hoje parece que o consumo ainda marca sua existência. Consumida para cuidar de crianças e pessoas velhas, para ordenar a casa e proteger a saúde física e mental da família. Na cama, ela vira comida e a comida torna-se, por vezes, gostosa. Satisfazendo o fetiche em possuir um corpo preto, que na fantasia, é insaciável e 'aceita' o proposto pela dominação, como se fosse um corpo que não precisasse de carinho e que está restrito a proporcionar prazer.

No geral, o imaginário em torno da mulher negra como sensual torna-se o parâmetro exótico que serve à satisfação do prazer e carrega, em si, o estigma da foga: boa para cama e o cuidado, mas desvalorizada na ordem pública da política. E o que somos, mulheres pretas, sem essas marcas? Parece que sem elas nos falta a raiz, aquela que determina o pertencimento e as redes de identificação. Negá-las, por vezes, nos leva a outras prisões, aquelas que regulam nossos cabelos, demonizam nossa sensualidade e nos retiram a autonomia sobre a vida. Em outras palavras, vivemos a crise do reflexo do espelho colonial que exhibe a imagem que a lógica escravista nos tatuou e com a qual construímos nossa existência. Retirar essas tatuagens é estar sujeita a mutilações tão duras quanto aquelas que as pedagogias marcaram em nossos corpos. Lélia Gonzalez, em seu artigo *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, relata histórias que denotam essas práticas na violência de gênero:

Não faz muito tempo que a gente estava conversando, com outras mulheres num papo, sobre a situação da mulher no Brasil. Foi aí que uma delas contou uma história muito reveladora, que complementa o que a gente já sabe sobre a vida sexual da rapaziada branca, até não faz muito: iniciação e prática com as crioulas...quando chegava na hora do casamento, com a pura, frágil e inocente virgem branca, na hora da tal noite de núpcias, a rapaziada simplesmente brochava, já imaginaram o vexame? E onde estava o remédio providencial que permitia a consumação das bodas? Bastava o nubente cheirar uma roupa da crioula que tivesse sido usada, para logo apresentar os documentos (GONZALEZ, 1983, p. 234).

Com Gonzalez penso que narrar a corporeidade racializada é se reportar, quase que exclusivamente, à trajetória de vida de pessoas pretas, mas especificamente de corpos de mulheres negras. Produzidas em complexos fatores, a mulher negra parece nascer e viver condicionada aos estereótipos atrelados, à sua cor, classe, sexualidade, maternidade, cuidado e força. Ela se mantém nomeada como *mulata* e *pretinha*, representada nas nádegas avantajadas, atraentes e

exuberantes aos olhos da cobiça presentes nas caricaturas do mercado visual. À primeira vista, um corpo para outro, sendo que a violência vivenciada pela negra se experimenta com a objetividade da sua existência.

[...] em outros termos, poder-se-ia reter como traço fundamental próprio a todos os negros (pouco importa a classe social) a situação de excluídos em que se encontram em nível nacional. Isto é, a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de “exclusão”. Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e de pleno exercício da cidadania (MUNANGA, 2009, p. 16).

A partir da compreensão de que o termo “racismo” estaria vinculado a questões de dominação e exclusão, pensar a identidade da nossa comunidade negra é também refletirmos sobre a construção social e política de nosso grupo. Essa questão se torna uma interrogação que indica a invisibilidade da identidade da comunidade negra na história do Brasil contada pela branquitude. Essa situação me leva a pensar que ainda precisamos repensar e reformular, ainda mais, as verdades da comunidade acadêmica.

Tomada de consciência de uma comunidade de condição histórica de todos aqueles que foram vítimas de inferiorização e negação da humanidade pelo mundo ocidental, a negritude deve ser vista também como afirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas. Consequentemente, tal afirmação não pode permanecer na condição de objeto e de aceitação passiva. Pelo contrário, deixou de ser presa do ressentimento e desembocou em revolta, transformando a solidariedade e a fraternidade em armas de combate (MUNANGA, 2009, p. 20).

A invisibilidade das diversas formas de produzir conhecimento gera uma hegemonização de saberes que ignoram as especificidades dos mais diferentes sujeitos, produzindo a negação da existência de pessoas negras. Situação semelhante é reiterada em Pelotas, as vidas negras se cruzam e os relatos de violências são fortes entre elas. O quadro me leva a pensar que existe um verdadeiro aprendizado como se fosse um mundo único e particular em que a dor é sentida de geração em geração.

De longe e pesada vem nossa história. Inicialmente a ideia dessa pesquisa era interrogar as trajetórias de mulheres e me manter na discrição, porém ao me deparar, na construção deste relatório, com as narrativas, me dei conta que elas descrevem experiências muito próximas às minhas. Nossas histórias e vivências se cruzam, se interligam e conversam entre si. Quando falo de mim, trago comigo os cruzamentos de experiências que parecem reproduzir vinis arranhados que tocavam nas vitrolas das biroskas da vila de meu tempo de criança.

Nas encruzilhadas da vida, nossos caminhos se encontram e assim sendo fica impossível não contar a minha história e dos meus juntamente com a de várias outras mulheres que encontrei pelo caminho, com as bênçãos de Exu. Portanto, aqui trago fragmentos de escrituras, em páginas que se tecem e continuam no Xirê, com a proteção e permissão de todas as Yabás.

Pedindo licença para as minhas mais velhas, para toda a ancestralidade que se faz presente na minha vida, com muito respeito apresento para vocês as escrituras de toda uma vida.

Iara Ribeiro Pedrozo, filha de Xangô e Oxum, nascida e criada na cidade de Pelotas, nasceu na antiga rua Vila Real, atual rua professora Maria da Glória Pancinha de Sá. Mãe de sete filhos, vinte e três netos e 12 bisnetos. Iara uma negra retinta trouxe em suas escrituras, as dores que se expressaram nas lágrimas, mãos apertadas e sorrisos contidos, a esperança de dias melhores.

*Encontro muitas dificuldades por ser uma mulher negra nessa cidade, por ser mulher e por não ter estudo. Eu não tenho estudo é mais difícil ainda, trabalhei, criei meus filhos, fiquei viúva muito cedo, e trabalhar no dia a dia tu é escravizada, eles te pagam o que querem, basta que eu nunca assinei carteira .*

Quando questiono ela se ela sente o racismo na pele, ela me diz:

*Sinto muito o racismo tanto que ninguém me chamava pelo meu nome e sim 'Negona', né! Então já seria né deixando bem claro sua negra, com 63 anos tem lugares que eu estou sempre, eu sinto que tem aquele racismo, mas como tu precisa trabalhar tu abaixa a cabeça e trabalha mesmo escravizada.*

Imagem 13



(lara estava pronta para desfilr na passarela do samba. Foto: Arquivo Pessoal)

lara como tantas outras mulheres negras, evoca em seu rosto um sorriso, um olhar que mistura amorosidade e dores conscientes de sua negritude. Ela faz do carnaval e do terreiro o seu quilombo, lugares onde ela fez amigos e uma rede de proteção quando assim foi preciso. Com Nascimento compreendo suas experiências quando a autora descreve que:

É comum dizer que o negro tem uma cultura própria. É claro que tem. E essa cultura é vinda de nossa origem africana. Então, tem-se o candomblé, umbanda e determinadas formas de comportamento, maneiras de se organizar, modos de habitar e uma série de outras coisas... Existe uma cultura realmente histórica e tradicional que seria a cultura de origem africana e uma outra cultura também histórica, mas que foi forjada nas relações entre brancos e negros, no Brasil. [...] o negro tem uma história tradicional onde subsistem ainda resíduos das sociedades africanas, mas tem, também, uma cultura forjada aqui dentro e que esta cultura, na medida em que foi forjada num processo de dominação, é pernicioso e bastante difícil e que mantém o grupo no lugar onde o poder dominante acha que deve estar. Isto é o que eu chamo de 'Cultura da Discriminação' (NASCIMENTO, 1976, p. 04).

Menina oriunda de família pobre, desde cedo acompanhava sua mãe nas faxinas e com quinze anos se mudou para a casa do então marido. A residência ficava no mesmo pátio de outros parentes do esposo e foi lá que a menina teve que ser mulher desde muito cedo. Além das tarefas, precocemente, de vida adulta, ela ainda teve que conviver com um sistema patriarcal e agressões domésticas.

*Eu sofri muito e o pior que foi com o pai dos meus filhos, eu entrei pra dentro de uma casa com quinze anos, e nunca mais saí de casa, pra festa, visitar alguém, fui muito maltratada, ofendida, recebia palavras que não tava acontecendo, muitas vezes ele me batia porque dizia que eu tava olhando pra alguém e eu não tava olhando. Cansei de apanhar, não passei fome, não passei falta das coisas, mas por esse lado de mulher de sentimento eu passei muito trabalho, só me livre disso porque papai do céu disse: **tá na hora de tu ir pra deixar ela descansar.** O que eu não apanhei de pai e mãe apanhei de marido. (grifos meus).*

O patriarcalismo presente na sociedade herdeira da escravidão naturaliza o ser mulher que dialoga com as demandas do marido para que assim essa tenha as condições mínimas de subsistência. Na escrivência trazida por Lara, grifo à parte que considero a mais forte de toda a *escutaconversa*. Nela, ela se agarra à fé e à esperança que Deus lhe deu como a única chance de viver quando uma força superior a faz viúva. Esta memória que ela evoca ressalta a agressão e opressão diária, entretanto, ganha relevo que a sonhada liberdade só será conquistada quando a morte encontrar o opressor ou a oprimida. Respeitando as especificidades históricas, não consigo me deslocar da sonhada liberdade que mobilizava a existência negra no período de escravização de nosso povo. Em vários aspectos, as mulheres negras empobrecidas, em sua maioria, revivem o que historicamente viveram suas ancestralidades. A realidade da Lara poderia ter sido diferente, se formos pensar no alto índice de feminicídio.

Os dados do Atlas da Violência 2021<sup>18</sup> que foi publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas sinalizam que o feminicídio da mulher negra cresceu nos últimos anos. Os dados foram produzidos entre os anos de 2009 e 2019 e neles é possível observar que os

---

<sup>18</sup> <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em 21/06/2022.

assassinatos de mulheres brancas, amarelas e indígenas diminuíram 26,9% enquanto o total de negras vítimas desse crime cresceu 2%.

Em 2019, 66% do total de vítimas de feminicídios no Brasil eram mulheres negras — o total contabiliza pretas e pardas, segundo a classificação do IBGE. De acordo com o Mapa da Violência, o risco de homicídios para mulheres brancas, amarelas e indígenas era de 2,5 e saltava para 4,1 quando em relação às negras (Duarte; Ramos & Medeiros, 2021).

lara, como tantas outras mulheres, teve na umbanda, assim como tantas outras encontram em outras religiões, o seu lugar de refúgio. O que ela não tinha em casa, foi no terreiro que ela encontrava: amigos, família de santo e força para vencer todas as adversidades da vida. Foi na religião que ela se sentia bem, onde desenvolveu suas entidades. A religião de matriz africana, ainda muito marginalizada pela branquitude, é o espaço em que parte da população negra bate cabeça, dobra os joelhos e agradece às ancestralidades pela presença em suas vidas. Luciane Tavares dos Santos (2022), afirma que:

Ainda que representando cerca de 54% da população brasileira, hoje o país ainda opera massivamente pela lógica do embranquecimento, estabelecida como política desde a chegada dos europeus ao continente americano, os quais colocavam a si mesmos no lugar de civilizados em detrimento dos povos tradicionais, tidos como bárbaros, ingênuos e incultos. Aqui, opera - se pelo enaltecimento da estética de pessoas brancas, suas formas de ser e ver o mundo, sua cultura e modo de experienciar a espiritualidade (SANTOS, 2022, p. 11).

lara relata a importância de estar na terreira. *“Aquilo ali para mim era a minha felicidade, o que eu não tinha em casa eu tinha ali: o amor, carinho e respeito das pessoas.”* Quando falamos da importância de redes de proteção para as mulheres em suma é ter lugares ou alguém que estenda a mão e ofereça cuidado e atenção.

*Só me livrei de apanhar mais porque a Dona Lourdes (cacique do primeiro terreiro que frequentei), pediu pra ele deixar que eu ajudasse ela. Assim fiquei livre disso. Ela pediu pra mim entrar pra terreira, foi o que me manteve. Se não, eu acho que nem estaria aqui.*

Esse quadro reforça a ideia de que existe em nossa sociedade a percepção sobre um nível ainda mais inferior das mulheres negras quando comparado ao das

mulheres brancas. O controle da liberdade e a autonomia de seus corpos impactam na violência contra elas.

*Quantas vezes entrei na terreira com olho roxo, com parte da boca pisada, inchada, ele sempre me procurava me dar no rosto, para os outros ver, não me dava no corpo, levei uma coronhada na cabeça fiquei muito tempo sem andar, não falava, depois caminhando me arrastando meio 'mongolona', ele me levou até o médico e disse: ela acordou assim, depois dizia para as pessoas que eu tive um derrame. Mentira, foi ele.*

Em suas escrituras noto que as dores são superadas com a esperança de vida. A fé lhe deu combustível para seguir na luta, resistindo contra aquilo que, por vezes, parecia lhe vencer. Como doméstica, desde sempre, trabalhou sem receber nada ou receber muito pouco. Ela nunca teve sua carteira assinada, assim nunca obteve direitos trabalhistas e sociais. Não podia adoecer e, tampouco, era reconhecida como uma profissional. O superlativo de seu nome, *negona*, garantia, no âmbito doméstico, a crença do alçoz de que o seu corpo era forte o suficiente para aguentar a violência sofrida e a levava ao entendimento que sem diploma reconhecido, saberia viver nas guerras da vida. A necessidade faz o nome!

*Hoje sou diarista, mas se tiver que plantar, virar uma horta, eu sei fazer de tudo. Só não tenho diploma, mas faço tudo que for preciso. Aprendi muito sobre espiritualidade e a fazer caridade. Aprendi dentro da religião a ser bem desenvolvida.*

Iara narra que não teve grandes dificuldades em criar as cinco gurias, porém os dois meninos lhe deram muito trabalho. Ela abriu mão de muitas coisas para criá-los, tinha o sonho de ter uma família de todos serem unidos, mas a grande dificuldade que encontrou foi sentir na pele que os meninos reproduziam o que viram o pai fazer. Eles usaram a imagem paterna como exemplo a ser seguido, um deles inclusive quis bater nela. Ele usou a premissa que já que o pai havia morrido, ele agora assumiria o papel do pai.

Integrantes da violência doméstica, os filhos são parte das agressões que ocorrem em casa. Eles são, muitas das vezes, parte da violência sofrida pelo pai e aprendem, na dinâmica diária, que o sofrimento imposto à mulher integra seu papel na sociedade. Em outras palavras, na lógica binária dos sexos, cabe ao homem o controle da mulher, mesmo quando essa é sua mãe (SOUSA, 2016). Quando indagada do que mais a deixa triste na sua trajetória de vida, ela sem receio afirmou que não sabe ler nem escrever. Essa situação lhe causa incômodo e obviamente faz

muita falta. É o que mais lhe trás mágoa. Relata que sua mãe não deixou nem ela e nem a irmã estudar porque elas precisavam acompanhar a mãe nas faxinas e também tinha receio que na escola, elas fossem mal influenciadas. O que segundo lara de nada adiantou, pois acabou saindo de casa para casar com seu algoz.

Depois de tanto tempo, tentou estudar, mas a experiência durou apenas três meses. Obviamente que nesse relacionamento abusivo e violento, a liberdade de estudar e socializar com outras pessoas não seria permitido. Aos 63, ela relembra emocionada de um episódio que marcou a sua vida.

*Me dói não saber ler e escrever, quando fomos registrar uma de nossas filhas, ele dizia: Sua burra ignorante de novo me fazendo passar vergonha, ficar colocando o dedo no papel. Eu só baixei a cabeça e as lágrimas corriam, e ele seguia falando, todo mundo no cartório me olhando e olhando pra ele, dois funcionários me olhavam fixamente, não acreditavam naquilo, foi quando uma funcionária levantou me olhou e disse: A Sra sabe copiar, conhece as letras? eu disse que sim. Ela escreveu meu nome todo num papel e disse: olha o que tá aqui e agora copia nesse papel aqui, aqui está escrito teu nome. Eu fiz isso, depois ela pegou o papel e disse para o meu marido: Ela não é burra, nem ignorante, ela escreveu no nome dela. Eu pedi para levar pra casa aquele pedaço de papel. De madrugada eu sentei na mesa chorei a madrugada inteira escrevendo meu nome no caderno, escrevi várias e várias vezes meu nome ali, eu decorei como escrever meu nome, isso é tudo que eu sei escrever.*

Com sua autoestima fragilizada, somente após a perda do seu marido que ela finalmente se permitiu viver sem medo de olhar para o lado. Ela podia, dessa forma, dormir sem a sensação de estar dividindo espaço com o inimigo. Agora, além do terreiro, entrou na sua vida, o carnaval. Quando questionada a importância que tem o carnaval, ela responde sorrindo:

*Olha eu nem sei como começar a falar, carnaval é tudo pra mim, depois que fiquei viúva eu vivia dentro do barracão da escola de samba. Ele tinha uma ruindade pra mim, mas quando era vivo comprava arquibancada pra mim assistir com as crianças. Era duas coisas que eu tinha no ano, a umbanda e o carnaval, aquilo era a minha vida. Eu nem sei como entrar na conversa para falar sobre carnaval.*

As memórias de sua vida não são acompanhadas somente pela minha escuta. Elas ultrapassam o sentido da audição, o seu corpo baila. Os meus olhos percebem o contágio que é mobilizado pela força do samba, talvez esteja nesse movimento a raiz da afirmativa que o samba é canto de lamento do povo preto: “tire seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor<sup>19</sup>”. Ele preserva nossas dimensões rítmicas e corporais (LOPES, 2005).

Imagem 14



(Iara desfilando pela Escola de Samba Unidos do Fragata. Arquivo pessoal)

A figura ativa esconde um passado doloroso. No chão da passarela, ela risca seus passos em uma nova perspectiva de vida. Com o ouro de mãe Oxum, ela abre alas para um caminho doce, com amor e cuidado, mantendo-se sempre alerta para

---

<sup>19</sup> A canção “A flor e o espinho” de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito foi composta em 1957 e gravada em 1973 no disco *Nelson Cavaquinho* pela gravadora Odeon.

não atravessar o samba e perder ponto na avenida e se precavendo de todo racismo, sexismo e humilhações que ainda possa vir a enfrentar. Na batida do seu coração, ela não perde o compasso de se permitir e nas artes de ser. Ela reina na passarela da vida, mostrando a força que traz junto de si, que não a deixa fraquejar, fazendo que a cada instante ela se refaça e persista em (re)existir.

*Eu sempre digo se um dia Deus tiver que me levar, que me leve em um dia de carnaval na passarela, ou me leve depois de um desfile que eu chegue em casa deite e não acorde mais é o que eu sempre peço para Ele e para os Pais. [...] Nunca baixe a cabeça mesmo que seja ofendida, nunca baixe a cabeça e mostra que negro tem valor. Com essa frase de esperança Lara encerra a entrevista.*

Oxum, Orixá de cabeça de Ana Carina, é considerada a senhora do metal mais precioso, o ouro. No que se concerne à “Pandá” ou Ypondá, refere-se à qualidade desse Orixá. Ela tem a característica de uma Oxum jovem, vaidosa e muito guerreira. Assim, trago a segunda interlocutora, com essas características que definem Ana Carina Pedrozo da Silva, filha de Oxum Pandá, Cacique do Centro Espirita de Umbanda Cabocla Jaciara e Ogum Rompe Mato, tendo como sua fiel escudeira, a Pomba Gira Maria Mulambo do Centro do Cruzeiro, a qual lhe guarda e lhe protege há muitas décadas. Ana faz da religião a sua vida, concilia o som do atabaque com os sambas de roda. Com suas gargalhadas que ora lembram Maria Mulambo e em outros momentos parecem mais contidos, Ana Carina ela vai levando a vida.

Imagem 15



(Nome da terreira de Ana Carina e o ponto riscado<sup>20</sup> da sua cabocla. Foto tirada no dia da entrevista)

Negra retinta, mãe de quatro filhos, avó de três netos, moradora da periferia, Ana fez do bairro Getúlio Vargas o seu chão. Após sair da casa da sua mãe, foi constituir sua família num bairro que é muito discriminado na cidade por ser sinônimo de pobreza e local considerado violento. Depois de muitas conversas via *Whatsapp* e ligações, finalmente me encontro com Ana para a nossa entrevista. Chego no bairro e por mais que ele seja rotulado, sem querer romantizá-lo, o que vi foram pessoas alegres.

Imagem 16



(Casa de Exu. Foto tirada no dia da entrevista)

Entro no pátio da Ana e logo na entrada peço licença para o Exu assentado. A casinha ou quartinho é chamado de Casa de Exu, Tronqueira ou Porteira. Todo

---

<sup>20</sup> Ponto riscado é considerado uma assinatura da entidade espiritual.

Centro de Umbanda deve possuir esse local de culto onde é resignada a morada dos Exus e Pomba-Giras, os Guardiões dos Grandes Portais da espiritualidade. Ana me recebe com sorriso largo, abraço afetuoso, rodeada dos filhos e do companheiro, em seguida me chama para sentar no banco de madeira dentro da sua terreira.

Com imenso orgulho dos seus marcadores raciais, Ana tem na ancestralidade sua raiz. Ela entende que sem nossos antepassados não seríamos o que somos hoje. Nosso corpo e existência é parte dos nossos mais velhos e velhas. *“A gente tem que levar os ensinamentos para os que estão chegando. Sem a ancestralidade a gente não é nada.”*

Em um papo de *negonas*, fomos mergulhando num mundo muito próximo para ambas. Conversamos sobre os caminhos que na vida fomos trilhando diante das rotas apresentadas, debatemos sobre racismo, criação de filhos, amores e desamores da vida de uma mulher. Quando menciono que nossas histórias se cruzam, conversam entre si, ali não estavam a pesquisadora e a interlocutora. Eram duas mulheres negras oriundas da periferia e para a sociedade é só isso que eles irão enxergar e a partir disso irão nos subjetivar.

Ana Carina tem muita consciência de sua negritude, porém traz uma mágoa grande dos movimentos negros da cidade, os quais ela não se sente representada. Relata que ela faz o próprio movimento, ajudando quem a procura.

*Ser negra na cidade de Pelotas é uma porcaria. Posso falar o que acho mesmo? Uma bosta.*

Tendo em vista esse ponto da interlocutora, trago um tensionamento de Munanga que nos faz pensar o quão é difícil sobreviver em um mundo onde a sociedade tem como modelo a branquitude. Para o autor: “Como formar uma identidade em torno da cor e da negritude não assumidas pela maioria cujo futuro foi projetado no sonho do branqueamento?” (MUNANGA, p. 137, 2004). A identidade étnico-racial não passa necessariamente pelo processo cultural, mas pelo posicionamento político frente a situações relacionadas à opressão. A identidade não se (de)limita pela cor da pele, ela é elaborada a partir de uma relação estabelecida com a sociedade hierarquizada e as visões de mundo dominante.

[...] Essa dimensão assustadora da violência e da opressão coloca para aqueles que lutam pela emancipação social o sentido da urgência da articulação, da comunicação e do aprofundamento da cumplicidade. Se a esses dois fenômenos perversos, racismo e capitalismo, acrescentarmos o sistema patriarcal, mais articulada ainda terá que ser a construção das estratégias conjuntas a fim de se construir a emancipação social (GOMES, 2017, p.122).

Ana Carina em nenhum momento deixa de assumir sua cor bem como sua negritude, mas em seu relato identificamos a dificuldade que é ser uma mulher negra nesta cidade de Pelotas, na qual Ana nasceu e se criou. Ela conviveu com o pai dos seus filhos por mais de vinte e três anos e fizeram dessa trajetória a base da militância nos movimentos sociais. Entretanto, onde esperava respeito e acolhida, lhe foi oferecido desprezo e tentativas de silenciamentos.

*Hoje em dia me considero o próprio movimento, faço a minha parte, quem chegar aqui e me pedir ajuda eu ajudo, me pisaram muitas vezes porque tinham um pouquinho de grau a mais que eu, não deixei me pisar, tenho meu valor, posso não ter uma universidade, mas eu tenho a universidade da periferia, da favela, povo que passou muito mais trabalho e ainda passa, diferente de quem tá lá em cima. Desculpa, mas eu sou assim eu falo mesmo, por isso muitos não gostam de mim no movimento negro.*

Mulher de fala fácil, dona de si e sem medo de ser silenciada, porém nem sempre foi assim. Ana relembra como era difícil ser ouvida e valorizada.

*Meu ex não me deixava falar, dizia: Fica quieta! Quando completei 36 anos eu disse: **Chega**, o que estão fazendo comigo, o mesmo que faziam antigamente, não posso falar porque não fiz faculdade? Comecei a ver que não era aquilo que eu vivia lá na minha mãe, que ouvia os outros falar,, **que eu não era feia**, comecei a viver uma outra vida, **foi quando eu me separei**, eu viajava para tudo que é lugar representando ele, mas não podia falar, **é como o povo fala é como eu sei falar, eu não falo bonito como vocês!** (grifos meus).*

Desta forma, Ana Carina se incluiu na sociedade, fazendo com que as pessoas a aceitassem da forma que ela se constitui e trabalhando desde cedo fazendo faxinas. Foi assim que ela decidiu não passar mais trabalho com os filhos, saiu para trabalhar inicialmente com seus filhos "debaixo dos braços".

*Eu fazia faxina e levava eles comigo, colocava eles numa bacia grande e ali eles ficavam quietinhos, e eu fazia a minha faxina.*

Quando questionada como foi criar os seus filhos, Ana evoca a resistência e a luta para não morrer nem deixar os seus a sorte.

*Muitas vezes eu ia na igreja buscar farinha de milho e sal para fazer as coisas pra eles, eu pegava quirera<sup>21</sup> de arroz , aquele arroz nos engenhos eu tinha que separar os cocos de rato, eu não esqueço disso, lavava, botava no sol pra poder dar comida pras crianças. Criar a Estrela foi muito mais fácil, já com os guris, foi mais difícil. Era muita droga que circulava em casa.*

A mãe preta, principalmente a periférica, que cria seus filhos em uma sociedade racista, além das preocupações diárias que acometem e abrangem a educação dos filhos, ainda tem que prepará-los frente às abordagens policiais, o consumo de entorpecentes e as discriminações cotidianas que marcam suas subjetividades negras e periféricas. Essa situação me recorda Lorde quando ela afirma que:

Como mulheres, compartilhamos alguns problemas; outros, não. Vocês temem que seus filhos cresçam, se unam ao patriarcado e deponham contra vocês; nós tememos que nossos filhos sejam arrancados de dentro de um carro e sejam alvejados no meio da rua, e vocês darão as costas para os motivos pelos quais eles estão morrendo (LORDE, 1984, p. 148).

Depois de diversas situações em que somente ela lutava para dar uma melhor condição para seus filhos, Ana Carina voltou a fazer suas faxinas. Entretanto, os filhos já estavam maiores e era impossível levá-los juntos. Ana relata que conversou com o pai das crianças sobre trabalhar e ele ficar com as crianças.

*Eu pagava o pai dos meus filhos para cuidar deles pra mim e nós ainda éramos casados, eu decidi trabalhar pra não passar mais por isso.*

Em decorrência de inúmeros fatores a exemplo do desemprego, o vício por drogas (i)lícitas, a pobreza, a violência doméstica e/ou até mesmo o protagonismo das mulheres é muito comum conviver com famílias em que as mulheres assumem a liderança e reconfiguram a apropriação sobre seu corpo e das famílias. Sobre a família, existe uma extensa produção que nos leva a um emaranhado de definições, além de gerar debates acalorados. Concordo com Faco e Melchiori (2009),

---

<sup>21</sup> A quirera de arroz é composta por grãos defeituosos e quebrados após o polimento, podendo ser utilizada na alimentação animal (TEIXEIRA, 1997).

Biasoli-Alves (2000), e Torres e Dessen (2006), estudar família é um desafio. Ainda que não seja a intencionalidade dessa dissertação, estou chamando de família como a representação de um espaço em que se busca coletivamente modos de (sobre)vivência e possibilidades de desenvolvimento psicossocial (Carvalho, 1995). Como as autoras citadas nesse parágrafo, entendo essa instituição afetiva enquanto uma das principais socializadoras e capazes de fundamentar a compreensão do desenvolvimento humano e nível de pertencimento social.

Com base nas modificações sociais, econômicas, políticas e culturais que interpelam as sociedades, Petzold (1996, p. 39), propôs uma conceituação de família ancorada na ideia de “um grupo social especial, caracterizado por intimidade e por relações intergeracionais”. Concordo com Caetano; Silva Junior; Goulart (2016, p. 140).

Para compreender a categoria “família”, é fundamental estudar o entendimento das pessoas sobre seus arranjos, ampliando-a para além da consanguinidade e/ou do sistema legal que a rege. A concepção subjetiva que as pessoas têm de seus arranjos familiares é uma definição individual, baseada em sentimentos, crenças, valores e permite aprender com os eventos cotidianos da vida que circulam através deles. Inúmeros espaços culturais, a exemplo daqueles produzidos com as linguagens midiáticas, religiosas, das redes sociais, cinematográficas, televisivas ou curriculares, para citar apenas alguns recursos, tornam-se particularmente centrais aos subsídios individuais à construção de verdades sobre a família.

No geral, mesmo em situações com bastante dificuldade financeiras, são as mulheres negras que assumem os compromissos e responsabilidades do lar, segundo descrevem as sujeitas dessa dissertação. Elas estão atuando como provedoras e chefes do lar e, ainda, tem que lidar com as subjetividades impostas às mulheres, assim como nos ensina Lélia Gonzalez:

Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. [...] Por aí se vê que o barato é domesticar mesmo. E se a gente detém o olhar em determinados aspectos da chamada cultura brasileira a gente saca que em suas manifestações mais ou menos conscientes ela oculta, revelando, as marcas da africanidade que a constituem. (Como é que pode?) Seguindo por aí, a gente também pode apontar pro lugar da mulher negra nesse processo de formação cultural, assim como os diferentes modos de rejeição/integração de seu papel (GONZALEZ, 1984, p. 226).

Aproveitando essa memória que a interlocutora nos compartilha, questiono sobre relacionamentos abusivos tendo em vista que várias de nós vivemos ou já fomos vítima desses relacionamentos. Ana respira fundo e mergulha nas suas memórias:

*Eu estava vivendo a mesma história da minha mãe, e eu sempre disse que não iria viver a história da minha mãe. Hoje sei que vivi um relacionamento abusivo, que cuidava da minha roupa, pra quem eu olhava, passei por muita coisa, ele é um homem bom, mas foi ruim pra ele mesmo e para nós, um relacionamento pesado, depois de muito tempo eu fui ver, que o que ele defendia lá fora, que a mina tinha que ser respeitada. E eu porque eu não podia? Meus filhos viram muita coisa e eu defendia ele, eu sempre defendia ele. No intervalo dos meus filhos do meio, eu fiquei grávida, chegou a polícia aqui, era um monte de droga embaixo da cama, eu sai correndo pisei num assoalho que tava podre, cai bati muito forte de barriga e perdi o bebe, eu até hoje culpo ele e ele sabe! Meu filho menor é um filho de uma violência, eu já estava separada dele, ele me violentou, hoje em dia eu olho pra ele e me lembro de tudo, quem cuida dele é a Estrela, eu passei por muita coisa, uma sacola de remédio para o coração, pressão, depressão, eu tive um ameaço de infarto.*

O racismo que atropela e humilha, segundo Ana Carina é o mesmo que machuca e sangra tantas outras de nós. O relato que Carina trás a seguir é um relato muito forte e dolorido de um racismo estrutural que nos mata aos poucos, nos deprime, nos invalida e nos diminui ao nada.

*A burrinha aqui que tá do outro lado do balcão escuta e vai falar. Trabalhei num restaurante onde eu trabalhava na cozinha e eu **não podia ir ao banheiro**, porque pra chegar no banheiro, eu tinha que passar pelo salão e **ninguém podia me ver**, eles **queriam que eu alisasse o cabelo**, eu tinha muita hemorragia e eu não podia ir no banheiro trocar o absorvente, eu tinha que sair pelos fundos e ir no bar da esquina para usar o banheiro, eu era a única negra, e olha eu fazia coisas que nem o chef sabia fazer, era eu quem fazia, mas ninguém podia saber, **foram nove meses sem usar o banheiro**, eu saia de manhã para trabalhar e voltava às três da manhã pra casa, porque além de trabalhar lá eu ainda saia na parte da tarde e ia limpar a casa lá e voltava a noite de novo para o restaurante, como doía tudo isso, tudo que eu passei. (grifos meus)*

O resgate ou a construção da auto estima dentro de uma sociedade onde o padrão de beleza não é o da mulher negra, e sim um modelo europeu, muitas vezes as mulheres negras acabam acatando a pressão e tentando de alguma forma ocultar suas características, com a esperança de ter o racismo diminuído de suas vidas. Juntos, racismo e sexismo nos recalcam diariamente pelos meios de comunicação.

Nesse sentido, não apenas no que tange à violência física ou simbólica, mas, também, o aspecto relativo à forma como as mulheres vivenciam suas sexualidades e agenciam seus corpos tornou-se uma das questões centrais para compreender o modo como se relacionam com essa especificidade de luta, que, muitas vezes, fica subsumida numa luta maior, que é a gestão do território (NUNES, 2019, p. 16).

As publicidades e inúmeras cenas dos cotidianos interferem nas condições objetivas com que nos olhamos e nos sentimos bonitas e/ou atraentes. Elas nos convocam a interferir em nossos cabelos, narizes, seios, nádegas, culotes, etc., de modo a esquartejar nossos corpos e com eles produzirem a utopia universalizada da mulher europeia com suas medidas. Penso, como feito por bell hooks (2005), que precisamos nos revoltar contra os discursos que buscam nos resignar a supremacia branca que trata de sabotar todos os nossos esforços de construir referências identitárias. Nessa direção, Lélia Gonzalez reitera o quanto o racismo atravessa a vida das mulheres negras, impactando demasiadamente em suas vidas.

Tem uma música antiga chamada “Nêga do cabelo duro” que mostra direitinho porque eles querem que o cabelo da gente fique bom, liso e mole, né? É por isso que dizem que a gente tem beiços em vez de lábios, fornalha em vez de nariz e cabelo ruim (porque é duro). E quando querem elogiar a gente dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?). E tem gente que acredita tanto nisso que acaba usando creme prá clarear, esticando os cabelos, virando leide e ficando com vergonha de ser preta (GONZALEZ, 1984, p.234).

Concordo com bell hooks, Lélia Gonzalez e Vilma Piedade quando as autoras, de diferentes formas, destacam o quanto o racismo afeta as mulheres negras, interferindo na autoestima e desumanizando os seus corpos. Como dito anteriormente, passei anos falando com a mão na boca, na tentativa de esconder o tamanho dos meus lábios porque eram motivos de piada. Audre Lorde, dialoga sobre essa perspectiva a partir dos obstáculos de ser uma mulher negra em uma sociedade extremamente sexista e racista: “somos mulheres negras nascidas em uma sociedade de arraigada repugnância e desprezo por tudo o que é negro e que vem das mulheres. Somos fortes e persistentes. Também temos cicatrizes profundas” (LORDE, 1983, p.191).

## Imagem 17



(Ana Carina junto de seu congá, foto tirada no dia da entrevista)

Ana Carina buscou na fé, a esperança de seguir por ela e seus filhos. Quando questionada sobre a importância da religião na sua vida, a interlocutora volta à infância e relembra quando pisou num terreiro.

*Eu frequentava a igreja evangélica e o pastor dizia que eu tinha um demônio, batia na minha cabeça e me machucava (muitas risadas neste momento), um dia eu com onze anos entrei na terreira, coloquei uma calça branca da minha mãe que ficou arrastando nos pés, cheirando a clorofila, mas eu queria saber que demônio era esse, o demônio devia ser minha Maria Mulambo, risos. Me aprontei na religião, mas não cultuo a nação, somente a umbanda com quimbanda, eu sinto a energia deles, converso, vejo eles, eu tenho uma mão muito boa para a saúde, tenho o axé da cura, sou boa nas ervas, índico e dá certo, a Estrela, não é porque é minha filha, mas é uma médium firme, uma ótima médium, no início era só pra nós a terreira, tocávamos ali na cozinha, ali cabia umas vinte pessoas, depois quando meu filho se acidentou, todos diziam que ele tinha morrido, inclusive meu pai de santo e eu dizia, não ele tá vivo, eu sinto isso, foi um acidente muito grave, quando cheguei no hospital ele muito mal, mas consegui me dizer: Mãe eu tava caído, chegou uma mulher e me disse levanta, corre, não é a tua hora, mãe era a mulambo. O que!? aí sim, se a umbanda é boa pra mim, vai ser para os outros também, e desde daí, abri para todo mundo, eu ensino*

*tudo, converso explico, tem que ser assim, já estive em lugares que não explicavam nada, tá errado, tem que passar os conhecimentos.*

As condições precárias do bairro levaram os/as seus/suas moradores/as, há vinte e três anos, a criarem a primeira cooperativa de reciclagem de Pelotas, a Cooperativa Crias BGV. Originária da necessidade de qualificar as condições de vida da população a partir de frentes de trabalho, a realidade da Cooperativa é atravessada pelo preconceito e a desigualdade sócio-econômica-racial de Pelotas.

Imagem 18



(Imagem no blog: <http://criasbgvpelotasrs.blogspot.com/>)

Ana Carina e outros/as moradores/as do bairro receberam muito incentivo e apoio financeiro de empresas privadas, bem como do Poder Público. Ela conta que infelizmente a cooperativa não teve continuidade por problemas na administração e desfalque de verbas. Ela ainda guarda todas as documentações e registros de uma época que faz falta. Foi uma linda iniciativa popular que não chegou em sua finalidade, ajudar tantas pessoas largadas à sorte.

Imagem 19



Foto acervo da cooperativa: <http://criasbgvpelotasrs.blogspot.com>

Me apropriando da sapiência de Milton Santos (1999), no que tange às periferias em suas práticas cotidianas, penso que a necessidade de sobrevivência dos moradores os certificam com os saberes do gueto. O saber nutrido pelo cotidiano local se configura como a ponte para a produção das políticas necessárias à sobrevivência frente ao descaso das desigualdades raciais e suas consequências nas vidas de mulheres negras.

*Aprendi muito na reciclagem. Eu lidava com sessenta mulheres, eram ex-presidiárias, muitas mulheres de detentos e outras que usavam a cooperativa para levar a comida para casa. Tenho o conhecimento do gueto, da favela, posso não ter faculdade, mas debato com um professor de faculdade e ele se interessa e diz: Oh isso aí a gente não sabe. Não sabem porque não estão no meio do povo, a cooperativa não deu certo porque teve muita coisa errada, a mulherada batia aqui na porta pedindo para trabalhar, esperando que um dia fosse retornar.*

Ana Carina, como muitas das mulheres periféricas, usam de muita sabedoria para ser e fazerem sujeitas políticas nesta cidade. Elas se reinventam a todo instante e (re)existem tantas violências que com as palavras não é dar conta. Quando perguntada quem foi sua referência ela com muito orgulho lembra da sua avó.

*Minha referência foi a minha avó Maria, mãe do meu pai. Ela apanhou muito e cuidou dos netos. Infelizmente, ela ficou aleijada porque meu avô batia muito nela. Meu avô tinha trezentas mulheres e ela nunca abandonou nenhum filho e nenhum neto. Minha vó me cuidava, eu parava de apanhar por causa dela, ela me colocava embaixo do vestido dela, eu já havia levado uma coronhada do meu pai, até que um dia eu denunciei ele se escondeu e me dizia: O que tu quer de mim gurria? **Eu disse, só quero que tu seja um pai.** Ele nunca mais bateu em ninguém, **nunca mais desmaiou a mãe.** Eu tinha uns doze, treze anos ele começou a bater no meu irmão, na minha mãe, eu corri até um orelhão liguei para a polícia, e disse: Dá para ouvir os gritos, ele vai matar a minha mãe, quando a polícia chegou encontrou meu irmão desmaiado na valeta e ele escondido, fui até onde ele tava e disse: Não bate mais em ninguém, e isso que eu já tinha apanhado também nesse dia, já tava com os dois olho roxo, ele engatilhava a arma e colocava na boca da gente, ele era bom pros outros na rua, pra nós era ruim. **Guerreira era minha vó que enfrentava ele.** (grifos meus).*

A violência contra mulher negra não se limita a atitudes e/ou pensamentos de aniquilação de suas existências, sua expressão ancora-se na desigualdade de condições em que o sexo, já no seio familiar, irá lhe estabelecer/ensinar os limites e hierarquias. As situações em que se interseccionam raça, idade, classe, sexo, dentre tantas outras marcam, estabelecem a posição social da mulher em relação ao núcleo familiar (BANDEIRA, 2014). As formas de violência que articulam o machismo, o classismo e o racismo servem de âncora para desumanizar as mulheres, transformando-as em “coisas”, que também são despersonalizadas de valor simbólico.

Ana Carina demonstra nessas falas o quanto é tóxico viver num ambiente patriarcal e violento. Ela contou como a ajuda da ancestralidade e de seus guias espirituais foram centrais para seguir viva. Aparelho de preta velha Vó Chica do Congo, Cigana Alzira, Cabocla Jaciara, Caboclo Rompe Mato e sua fiel escudeira Pomba Gira Maria Mulambo do Centro do Cruzeiro, a espiritualidade foi seu porto seguro. Ana quando questionada o que gostaria de deixar escrito para as próximas gerações, ela diz:

*Siga em frente, não baixe a cabeça pra ninguém por mais que alguém diga pra ti que tu não pode, tem que acreditar em ti mesmo e dizer eu posso! Nada é impossível pra gente, nem negra, nem mulher, se tiver que carregar o mundo nas costas a gente carrega, ninguém é tão fraco que não possa fazer, levanta a cabeça e segue em frente, por mais que digam que tu não pode.*

Ana Carina concluiu o ensino médio, por incentivo de amigas, ia fazer faculdade, porém deseja esperar seus filhos se formarem, para depois pensar se realmente quer fazer uma graduação ou não, como ela disse: “*Agora o momento é deles*”. Ana, assim como grande parte das mães periféricas, quer e deseja ver seus filhos serem além do que somos, conquistar seus objetivos e sonhos. Enquanto isso louvamos o sagrado suplicando proteção aos nossos, que eles escrevam uma história onde tenha muitos sorrisos e conquistas.

Imagem 20



(Ana carina na reciclagem, foto: <http://criasbgvpelotasrs.blogspot.com>)

Ìràwò, astro luminoso em yoruba, para nós o significado é: Estrela que traz consigo muitos significados, que nasceu com a intenção de brilhar, iluminar, guiar.

Imagem 21



(Estrela, foto de arquivo pessoal)

Estrela da Silva Lessa, uma negra retinta chega para a entrevista com suas tranças nagô e consciente da sua negritude. Estrela é graduanda em fisioterapia pela Universidade Federal de Pelotas. Como fonte de renda trabalha como maquiadora e trancista. Georgina Nunes (2019), ao debater as potências na comunidade reverbera: “às mulheres que são sujeitas da pesquisa e educadoras em suas comunidades lança-se um olhar convicto de que produzem conhecimentos potentes frente à multiplicidade de lugares sociais, políticos e culturais que habitam” (NUNES, 2019, p. 07).

Menina cheia de sonhos e objetivos, cuida muito do seu irmão mais novo o qual é portador de deficiência e precisa muito de atenção e cuidado. Vê na ancestralidade ensinamentos passados de geração para geração, umbandista desde muito nova, tem na fé a esperança de dias melhores. Infelizmente, já teve a

experiência de sofrer racismo, desde perseguição em lojas até o racismo institucional. Mas quando perguntada se tivesse oportunidade de não ser uma negra retinta, a resposta sem titubear foi: Não!

Enquanto não houver justiça pra nós  
Juro que pra vocês não vai ter paz  
Se a meta é dez, nossa nota é cem, nossa nota é cem  
Cercado dos irmãozinho eu me sinto capaz  
Black só com água de coco pra não desidratar  
Quem estoura abandona a área, eu vou fazer o inverso  
Com mil motivos pra sorrir, mas o que faz chorar  
Saber que uns tava na derrota, mas não viu o progresso  
Seu nome no céu vou honrar, des-sa vez com algo efetivo  
Pa-rei de pensar em matar, vin-gança vai ser ficar vivo  
(DJONGA, Não sei rezar, 2022).

Estrela tem em Djonga sua inspiração. Trata-se de um rapper, escritor e compositor. Conhecido por sua língua afiada, marginalizada e agressiva, o cantor usa suas redes sociais e as letras das suas músicas para criticar as desigualdades sociais e o racismo. Em uma de suas performances “colocou fogo em um racista”<sup>22</sup> e disse que nossas referências dizem muito sobre nós. Estrela é uma menina cheia de traumas, teve um único relacionamento amoroso em sua vida, mas por se tratar de um relacionamento abusivo, diz ser o primeiro e último. Aqui Estrela deixa enegrecido que pretende quebrar o ciclo vicioso das mulheres de sua família. Ao sentir que estava em um relacionamento abusivo, ela imediatamente interrompe esse convívio. Traumatizada por tanta coisa que viu e ouviu desde muito pequena, ela tem receio de passar pelas mesmas dores que sua mãe e avó.

Focada nos objetivos da sua vida, Estrela já mudou a história de vida dela e com consequência dos seus mais próximos. Ela certamente levará todas e todos pela mão, porque é isso que ela já faz. Ela nunca fez só por ela, sempre foi por todos ao seu redor. Estrela é com certeza a luz que guia todos à sua volta.

As vestimentas, as possíveis escolhas profissionais, quando existem, os laços familiares consanguíneos e até os relacionamentos afetivo-sexuais coexistem com a sobrecarga emocional de mulheres negras. O modo como os marcadores sociais interseccionam a vida/corpo das mulheres negras, as levam à sobrecarga de trazer consigo a responsabilidade dos seus. Não se pode negar que as questões raciais e

---

<sup>22</sup> O rapper Djonga foi parar entre os assuntos mais comentados das redes sociais após fazer uma performance com um homem em chamas, durante seu show no festival Cena 2K22, em São Paulo.  
[https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2022/06/19/4092\\_djonga-viraliza-ao-colocar-fogo-em-racista-durante-apresentacao-em-sp.html](https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2022/06/19/4092_djonga-viraliza-ao-colocar-fogo-em-racista-durante-apresentacao-em-sp.html)

suas sequelas nas vidas de mulheres negras afetam sua qualidade e expectativa de vida. Esse quadro é visível nas narrativas de Estrela e joga sobre ela a responsabilidade que deveria ser da sociedade. Independente da geração na qual estamos, trazemos juntamente conosco a herança da ancestralidade, na fé e a esperança do reconhecimento e a valorização enquanto mulheres-avós-mães-filhas-netas retintas que lutam para quebrar o ciclo.

Aprender a multiplicidade das formas como mulheres anônimas precisam enfrentar estruturas tão densas como o racismo, capitalismo, patriarcado, é compreender que suas inquietações e/ou impaciências, frente a esses modelos, se podem ser vistas como grandes desafios, devem ser vistas, igualmente, como grandes ensinamentos, inquestionáveis aprendizados (NUNES, 2019, p. 24).

De todas as interlocutoras que constroem esta dissertação, as escrevivências que a Estrela nos traz, se torna a menor parte, porém para mim como pesquisadora a contribuição dela se torna gigante tendo em vista, tudo que ela como uma menina mulher que tanto já viveu, tanto já presenciou. Me lembro de mim quando pequena/adolescente, como é difícil expor nossas dores, nossos medos, nossas vivências, por vezes preferimos viver no nosso mundinho nada real, mas não tão doloroso quanto proporciona o nosso cotidiano. Trouxe tudo aquilo que a voz, os olhos me disseram, nas entre linhas tem muito que não foi dito, e essa é uma das maravilhas que considero nas pesquisas através das narrativas, onde nem tudo é dito, mas muito é vivenciado.

O mesmo racismo que produz em nós mulheres negras um sentimento de negação e de inferiorização também impactam o epistemicídio e nas inúmeras formas de opressão e racismo. Creio que uma das grandes sacadas do feminismo negro é nos provocar a pensar o quanto as epistemologias hegemônicas produzem o epistemicídio. Contribuindo para a anulação e não reconhecimento dos componentes raciais nos modos como são produzidos e (in)visibilizado os conhecimentos. Pensando na forma que a população negra é desclassificada coletivamente ou de forma individual, Sueli Carneiro reverbera o quanto a produção do epistemicídio atua na população negra:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação do acesso

a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente. Como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo destituí-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc (CARNEIRO, 2005, p. 97).

É de suma importância nos atentarmos para a desobediência epistêmica do feminismo negro. Ele nos convoca a pensar aquilo que a teoria e metodologia eurocentrada não reconhece ou desconsidera. Ele nos/me interpela a pensar o quanto a desobediência epistemológica contribui para o reconhecimento de nossos conhecimentos e, sobretudo, para problematizarmos os modos como o racismo, o classismo e sexismo irão atravessar nossas vidas e saberes. Entendo que a desobediência epistêmica pode fazer com que se produza um processo de refazer nossos caminhos, nossas encruzilhadas, (re)desconstruir saberes e (re)produzir redes de afetos, cuidados e lutas.

### **3. O (auto)amor e o cuidado como prática política**

*Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes  
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes  
Que nem devia tá aqui  
Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes  
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?  
Alvos passeando por aí  
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência  
É roubar um pouco de bom que vivi  
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes  
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir  
(EMICIDA, 2019).*

Ao debater como o amor (entendido como o (auto)cuidado que constitui a presença da mulher negra na sociedade patriarcal e racista), pode promover ressignificados para as dores que marcam nossa presença, quero enfatizar o (auto) reconhecimento das potencialidades apresentadas pelas redes de afeto e lutas

construídas em torno da necessidade de vencer as mazelas das violências físicas, psicológicas e patrimoniais.

Acredito na cura das dores através do amor porque também entendo que muitas dessas feridas cicatrizadas que trazemos são resultados da falta dele. bell hooks em *Tudo sobre o amor* (2021), defende que o amor é muito além de um simples sentimento, ele se constitui como uma ação transformadora. A autora defende que o posicionamento com amorosidade pode resultar em práticas éticas capazes de construir uma sociedade igualitária, com justiça social e compromisso coletivo.

Os diálogos com as minhas interlocutoras me fazem pensar sobre como, em vários aspectos, temos dificuldade para amar, se amar e se deixar ser amada. O histórico de relacionamentos abusivos, tóxicos, agressivos e humilhantes são, na maioria das vezes, vividos nos "silenciamentos" dos lares e marcados pelas torturas psicológicas e apagamentos. Nessa direção, bell hooks nos ajuda quando destaca:

[...] é importante compreendermos as origens de uma autoestima frágil, também é possível ultrapassar esse estágio (a identificação de quando e onde recebemos socialização negativa) e ainda criar uma base para a construção do amor-próprio. Indivíduos que ultrapassam esse estágio tendem a avançar para o próximo, que consiste em introduzir ativamente em nossa vida padrões de pensamento e comportamento construtivos e positivos. Não é importante que as pessoas se lembrem dos detalhes do abuso. Quando a consequência desse abuso é um sentimento de falta de valor, elas ainda podem se envolver num processo de autorrecuperação ao encontrar formas de afirmar o próprio valor. O coração ferido aprende o amor-próprio começando por superar a baixa autoestima (HOOKS, 2021, p. 83).

As intersecções que nos marcam auxiliam a criação de mitos e estereótipos que irão incidir diretamente na autoestima da mulher negra, a exemplo do mito da mulata, doméstica e mãe preta. Ao realizar as discussões sobre amorosidades e (auto)cuidado, faço com a intenção de tensionar os significados que marcam nossa existência de dominação pela branquitude. Para isto Lélia Gonzalez pontua:

O que a gente quer dizer é que ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como quem alguns negros muito apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra (GONZALEZ, 1984, p.235).

Mergulhando em bell hooks entendo que o amor é um bálsamo para aliviar as dores das feridas. Em seu artigo intitulado *Vivendo de amor* (2010, p. 06), a autora afirma: “Nossa recuperação está no ato e na arte de amar”. Grande parte das mulheres negras sentem a ausência do amor em suas vidas, obviamente um assunto delicado de tratar, tendo em vista que mexe com a autoestima e a (re)afirmação do ser. Nesta pesquisa, as interlocutoras trazem com as suas *escrevivências* relatos de violência doméstica praticada pelos homens de suas convivências: pai, marido e filhos.

[...] Muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde os conflitos de poder levavam os homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como que para provar seu controle e dominação. Estavam assim se utilizando dos mesmos métodos brutais que os senhores dos engenhos usavam contra eles (HOOKS, 2008, p. 1 e 2).

Como relata Ana Carina, aquela que por nove meses foi impossibilitada de usar o banheiro onde trabalhava porque teria que atravessar o salão do restaurante e assim saberiam que quem produziu a alimentação era uma mulher preta, as humilhações ainda estão presentes nos cotidianos de muitas mulheres negras nesse imenso país. Em vários aspectos, reprimir nossos sentimentos e dores foi e é utilizado como atitude de sobrevivência.

A grande maioria das nossas narrativas aqui apresentadas são embasadas no nosso sofrimento, nas lutas incessantes para sermos reconhecidas e valorizadas. Ao me embasar no discurso de Sojourner Truth, compreendo que ainda as lutas das mulheres negras são distintas daquelas vividas pelas maioria das mulheres não negras. O mito da mulher durona, forte e aguerrida resulta, em sua maioria, na ausência de cuidado, amor, carinho e afeto. bell hooks (2010, p. 06), afirma a importância do amor na nossa vida e nas nossas construções quando destaca que “O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres pretas, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente.”

Em uma entrevista que assisti<sup>23</sup> Conceição Evaristo relata que o livro *Olhos d'água* (2018), foi resposta a uma provocação que lhe foi feita por uma professora em uma palestra. Segundo a autora, a professora lhe perguntou se a vida da mulher negra é somente dor. Foi a partir das inquietações produzidas com o questionamento, que Evaristo escreveu o livro que retrata a realidade marginal da escrita literária negra e denuncia as consequências das discriminações e violências sofridas pelas mulheres negras. Entretanto, a esperança destacada pela autora que me mobilizou. Como ela, acredito que somos capazes, pelo afeto, de construir outras .existência

O objetivo de se amar e ser amada vai muito além do físico, ele consiste em uma imensa capacidade de se conhecer e se auto afirmar enquanto sujeito político. Amar quem somos, entender nossas fraquezas, respeitar nossos limites, entender que nem tudo é possível e não se cobrar tanto por isso são atos de (auto)cuidado. Uma mulher negra descolonizada precisa esplanar seus pensamentos onde entendam a importância de sua vida e de seu bem estar.

Onde está o amor, quando uma mulher negra se olha e diz: "Vejo uma pessoa feia, escura demais, gorda demais, medrosa demais - que não merece ser amada, porque nem eu gosto do que vejo" Ou talvez: "Vejo uma pessoa tão ferida, que é pura dor, e não quero nem olhar pra ela porque não sei o que fazer com essa dor". Aí o amor está ausente. Para que esteja presente é preciso que essa mulher decida se olhar internamente, sem culpa e sem censura (HOOKS, 2008, p. 09).

Se aceitar e se amar formam parte da rede de sentimentos necessários à melhoria da qualidade de vida das mulheres negras. Podemos até esconder a necessidade de sermos amada, como um escudo de defesa, mas não quer dizer que esta necessidade deixe de existir.

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura (HOOKS, 2008, p. 12).

---

<sup>23</sup>  Conferência de Abertura com Conceição Evaristo: Negras Escrevivências . Organizado por Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Assistido em 09/nov/2020.

O amor transforma a mim e a quem está à minha volta. O amor regenera, transcende, fortifica, provoca uma desconstrução de pensamentos e atitudes coloniais, dentro desse sistema patriarcal onde vivemos. O amor cura e traz um esperançar atento, para que no futuro tenhamos um pensamento e práticas de fato descoloniais, ressignificando o ser.

## Considerações circulares

*“É preciso a imagem para se recuperar a identidade, tem que tornar-se visível. Porque o rosto de um é reflexo do outro, o corpo de um é reflexo do outro, e cada um o reflexo de todos os corpos. A invisibilidade está na raiz da perda de identidade.”*

*Beatriz Nascimento, documentário “Ôrí” (1989).*

Para a historiadora Fernanda Oliveira (2011), a cidade de Pelotas é um lugar de muitas lutas, histórias e de existências. Em um dos seus trabalhos a autora sobre a cidade afirma: “Pelotas é uma cidade localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul e se caracterizou pela grande presença da mão-de-obra negra durante a escravidão em virtude das charqueadas locais e a manutenção destes trabalhadores no pós-Abolição” (OLIVEIRA, 2011, p. 50). Um importante número de escravizados, juntamente com um grande preconceito racial, faz com que a cidade de Pelotas se mostre muito racista e com uma grande herança colonial.

A cidade de Pelotas, a princesa do sul, teve seu grande crescimento através da mão de obra escravizada. Comumente falamos que Pelotas tem muito a agradecer aos africanos e africanas que em diáspora construíram este lugar. Pelotas tem muito do sangue e do suor negro, principalmente em seu processo de construção (1970/19835)<sup>24</sup>. No século XIX o charque e o couro eram o grande atrativo na exportação Sul Rio Grandense, assim surgiram as charqueadas, para dar conta de uma grande demanda de produção. O principal produtor e exportador de charque era a cidade de Pelotas, fundamental para o avanço econômico, em um momento no qual o tráfico humano através do transatlântico se mantinha em pleno funcionamento.

---

<sup>24</sup> Texto apresentado no 9º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Florianópolis (UFSC), de 14 a 18 de maio de 2019. Anais completos do evento disponíveis em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/>

Para uma análise crítica, sobre a mão de obra escravizada na cidade, utilizo os dados de Gutierrez, onde ele traz estes índices:

Em 1814, tem-se a primeira estimativa tratando da população de Pelotas – elevada à condição de freguesia dois anos antes – que naquela época ainda era denominada São Francisco de Paula. Na ocasião, a localidade apresentou 1.226 escravos numa população de 2.419 habitantes, ou seja, 50,7% dos moradores eram cativos. Quase 20 anos depois, este contingente quase quintuplicou atingindo 5.623 escravos, que perfaziam 51,7% da população no ano de 1833 (GUTIERREZ, 2006, p. 253).

Tendo em vista estes dados, é notório a crescente entrada de africanos escravizados na cidade, bem como a importância deste trabalho escravizado para a construção e manutenção das charqueadas, tanto que do seu início até 1880, as charqueadas foram totalmente dependentes da escravização negra. A cidade tem ainda um forte apelo da herança colonial, deixada por colonizadores que escravizaram o povo negro que aqui chegou contra a sua vontade, retirados de seu país de origem. Pelotas é feita de muitos rostos, de muitas vozes, de muitos lugares, mas ainda prevalece aqui o *status*, o sobrenome que vem no registro do cidadão ainda é um importante parâmetro para a partir daí, ser dada a devida importância no tratamento. A sociedade pelotense tenta normalizar ou minimizar as consequências do seu passado escravocrata.

Ester Caetano em 2021, escreve no jornal *Nonada*, *Charqueadas de Pelotas ignoram passado escravocrata e promovem festas privadas*. Nessa mesma direção, Ediane Oliveira (2021), ressalta a necessidade de uma reparação histórica e afirma: “A população racista tenta apagar, relativizando ou minimizando uma história marcada por sangue e suor negro. Portanto é necessário denunciar justamente para que se tenha conhecimento desse fato.”

Como já relatei, Pelotas é feita de vários fragmentos, mas para além da Princesa do Sul, temos uma cidade que não reconhece todos os seus habitantes, principalmente os da periferia, os que ficam no seu entorno. Existem muitas Pelotas que são ignoradas na Pelotas dos títulos nobres, aqui a população negra cria samba, carnaval, hip-hop, clubes sociais negros, charme, comunidades quilombolas, religiões de matrizes africanas, griôs e de tantos outros qualificativos. A população negra que está principalmente assentada na periferia da cidade é a centralidade dessa cidade que se inventa e reinventa em suas bordas (CAETANO, 2021).

Nessa tentativa de criticar a romanticidade do período escravocrata, Molet (2021), nos ensina que:

Esta negação tem longa data. Posteriormente, várias pesquisas demonstram que a escravidão aqui foi tão violenta e fundamental para o desenvolvimento econômico quanto em locais como Rio de Janeiro e São Paulo. Tivemos mão de obra negra, escravizada nas mais diversas atividades, rurais, urbanas, domésticas, marítimas, entre outras.

A escravidão sendo um dos marcadores sociais existentes até hoje sangra. Associando ao racismo estrutural, a população escravizada sempre em um lugar de subserviência e coadjuvantes da história oficial. Porém, se bem analisada, esses personagens são os verdadeiros protagonistas de uma história não contada.

Ouvi de duas mulheres que são referência para mim que *Pelotas é uma mulher preta*. A Pelotas é mulher, afirma Ya Sandrali<sup>25</sup> e a Nossa Mestre Griô Sirley Amaro<sup>26</sup>, detentora dos saberes e fazeres da tradição oralizada e vivências da população negra. Pelotas de tantos ritmos, de tantas Yas, de tantos lugares, de tantos sons, de tanta circularidade, traz consigo a ancestralidade na diáspora africana, tem em seus casarões e charqueadas um pouco de todos nós. Esta pesquisa não se dá como acabada e nem tão pouco finalizada. Como todo aprendizado, ela é construída através de trocas, de experiências e de escrevivências de mulheres negras, assim está em constante transformação e construção. Os nossos cotidianos, seus atravessamentos e nossas lutas nos constroem a todo instante nos saberes de nossas circularidades e movimentos sociais.

O Movimento Negro surge como uma forma de sintetizar as reinvenções históricas pelos direitos da população negra que sofre com o racismo estrutural e suas marcantes consequências. Ao longo da história, ele mobilizou e mobiliza milhões de pessoas em busca de uma igualdade e respeito à população negra. Sua força histórica que sempre buscou mudar a situação de opressão e silenciamento

---

<sup>25</sup> Ìyá Sandrali de Òsún é o nome mítico social de Sandrali de Campos Bueno. Autoridade Civilizatória da Tradição de Matriz Africana e Afrodiaspórica, Psicóloga, Servidora Pública, Secretária Executiva do Conselho do Povo de Terreiro/RS.

<sup>26</sup> Sirley da Silva Amaro nasceu em Pelotas em 12 de janeiro de 1936 e faleceu na mesma cidade em 28 de outubro de 2020, trabalhou em escola, já deu aulas de costura na Casa de Meninas em Pelotas e sempre participou constantemente das organizações de festividades na comunidade. Participou do Grupo Odara de representatividade negra e da Ação Griô. Filha de um pai cozinheiro e folião e de uma mãe que inventava pomadas e unguentos com ervas e temperos, teve uma infância muito rica, no qual viveu intensamente os conhecimentos transmitidos por seus pais, e a sua cidade natal. Tornou-se costureira e mais tarde recebeu a honra de virar Mestre Griô pelo conhecimento tradicional adquirido. Em forma póstuma, a Universidade Federal de Pelotas lhe concede o título de Doutora Honoris Causa.

vivida pela população negra. Marcado pela pluralidade, os movimentos sociais de negros e negras hoje em dia também tem como bandeira a luta pelo feminismo, pela intolerância religiosa e agendas LGBTI+. Aqui no Brasil ou em outros países, mesmo dentro de suas particularidades, todos têm algo em comum, a luta contra o racismo. Aqui no Brasil a luta dos movimentos se concentra muito no reconhecimento do racismo como crime e na retratação da dívida histórica dos 300 anos de escravidão, bem como a igualdade de oportunidades e inclusão social.

Reafirmamos que o Movimento Negro constrói um projeto educativo emancipatório e, dentro deste, socializa os saberes construídos pela população negra ao longo de sua trajetória histórica. Esses saberes são fruto da subjetividade desestabilizadora construídas na trajetória dos negros, das negras e nos seus corpos. Subjetividades que foram passadas de geração em geração como herança, cultura e resistência (GOMES, 2017, p. 130).

Falando em lutas e conquistas do Movimento Negro, podemos alcançar algumas conquistas, porém esses passos e avanços são lentos e as estatísticas só comprovam a realidade social ainda muito discriminatória no país. Dentre os avanços podemos citar: Criação do dia da Consciência Negra, (20 de novembro); Lei Federal 10.639/2013, que inclui a comemoração do Dia da Consciência Negra no calendário escolar, trazendo a discussão da história e da cultura afro-brasileiras, além da valorização dos africanos e afro-brasileiros nos currículos escolares da rede pública de ensino e a Lei Federal 12.711/2012, que criou as cotas para ingresso em cursos superiores, aos poucos difundidas nas maiores universidades do país, sejam elas federais, estaduais ou até mesmo privadas. Sobre nossas conquistas Nilma Gomes afirma:

Estamos diante de um contexto que vai além da implementação de uma legislação que responda às demandas históricas de um movimento social. A Lei 10.639/03 faz parte das políticas de ação afirmativa. Estas têm como objetivo central a correção de desigualdades, a construção de oportunidades iguais para os grupos sociais e étnico-raciais com um comprovado histórico de exclusão e primam pelo reconhecimento e valorização da história, da cultura e da identidade desses segmentos (GOMES, 2013, p. 79).

Sem dúvida, a questão racial precisa ser debatida e, para tanto, a militância não deve ceder às tentativas de silenciamento. Revérbero a importância do Movimento de negros e negras, tendo em vista o potente articulador social, político e

coletivo, além de produtor de saberes que auxiliaram nas disputas pela ressignificação negra. O Movimento Negro é uma potência com suas pluralidades e especificidades, ele nos faz pensar e nos tensiona e atravessa de sentidos.

Esta pesquisa não se fez sozinha, ela é o resultado de saberes circulares que atravessam nossas existências. Resultados de uma sociedade patriarcal, atingindo de maneira desproporcional a população negra e afetando para além da raça o gênero. É imprescindível que nos atentemos às políticas as quais atuem nas especificidades da população negra, se atentando às suas experiências de vida e suas necessidades, atuando com um enfrentamento ao racismo, sendo ele institucional, heteronormativo, bem como seus impactos no psicológico e na vida social das mulheres negras, sendo elas crianças, adolescentes ou adultas. Todas em suas diferentes gerações são impactadas pelo racismo presente em suas vidas.

Na produção desta pesquisa ao longo do mestrado, por inúmeras vezes me deparei com situações que me deixaram tocada. Foram muitas escutas, imagens e vozes que seguiram com os seus ritmos e me tocaram no íntimo. Por muitos momentos, a pesquisa teve uma pausa para que eu pudesse respirar e pegar um fôlego para seguir com o trajeto investigativo. Eu já mencionei que por enquanto não me vejo fazendo pesquisas que não me toquem, mas não simples esse processo. É complicado ouvir tantos lamentos, dores e saber que essas mulheres ainda terão que lutar muito para sonhar que um dia essas narrativas fiquem somente em suas memórias. Essa é a minha utopia!

Eu escutei com carinho e respeito, mas seus relatos faziam com que meu coração sangrasse e lágrimas escorressem pelos olhos, ouvi gritos de dores, abandono, agressões, senti o ódio e repulsa dessas mulheres negras retintas. Esses sentimentos de indignação e sensação de ter que fazer algo pelos meus/seus semelhantes é que me fez trazer para vocês está escrita. É certo que ainda temos um grande caminho a percorrer com o intuito de chamar a atenção para as problemáticas interseccionais que atingem as mulheres negras, oriundas, em sua maioria, das periferias das existências ou não as quais são submetidas às situações de violência.

Esgotar o tema é inviável, inevitável, impossível, pelo contrário, ainda temos muito o que produzir e publicizar dentro da perspectiva de nos tornarmos corpos politicamente posicionados. Espero com essa pesquisa provocar discussões,

tensionar debates e que este como tantos outros materiais que temos já produzidos, abordando os eixos raça, gênero, geração e classe. Que essas pesquisas possam contribuir para a resistência, a luta e para estudos futuros, bem como reverberar a importância de um mundo em que o racismo, o sexismo e classismos sejam destituídos.

As vozes que estão por trás de pesquisas como esta são muitas, centenas e milhares em suas mais peculiares diferenças. Elas ecoam a voz de quilombolas, ribeirinhas, encarceradas, periféricas, faveladas, analfabetas, políticas, acadêmicas, portadoras de deficiência, trans, lésbicas, bissexuais, catadoras, intelectuais, moradoras em situação de rua, palafitas ou sem terra e/ou teto, domésticas, lavadeiras, faxineiras, profissionais do sexo, trabalhadoras rurais, cuidadoras, benzedoras, mães de santo, caciques de terreiro, pastoras, estudantes, cozinheiras ou professoras. Somos tantas, tão diferentes e, por vezes, tão parecidas.

No processo de escrita, me senti como minhas antepassadas que foram escravizadas. Era como se eu estivesse atravessado o transatlântico. O *banzo* tomou conta de cada parte do meu corpo, tive uma nostalgia e dor profunda. Cantarolando rezas aos/às Orixás<sup>27</sup>, encontrei meu ponto de equilíbrio entre a dor e a esperança de estar produzindo algo que seja considerado como um ato político. Constatar que o que essas mulheres mais temiam aconteceu, de reviver as dores de suas mães velhas, de saber que a opressão, o silenciamento e o apagamento foi algo cíclico em suas trajetórias.

A resistência e a luta com punho cerrado, servirá para as nossas mães novas, as que estão por vir, que elas possam ter novas e outras possibilidades de ser e/ou de inventar o ser no mundo. Essa imagem que segue, foi feita por uma amiga, que prefere não ser identificada. Ela simboliza a esperança de um mundo mais igualitário. Ela evoca a força da mulher negra que busca sua liberdade para seguir (re)existindo e livre para ser o que ela quiser e estar nos lugares que assim achar pertinente. Longe de qualquer tipo de opressão ou apagamento. Que possamos sonhar em alcançar voos altos, que nossas vozes ecoem e que ninguém mais tenha a ousadia de nos silenciar, nunca mais! Que nas artes de ser em nossas escrituras de mulheres

---

<sup>27</sup> A reza significa comunicar nosso desejo às divindades para que nos apoie e nos ajudem a assegurar que nossos desejos se concretizem.

negras saiamos vencedoras, de cabeça erguida e com a certeza que toda luta e resistência vale a pena.

*Mo dúpé fun gbogbo = Obrigado(a) por tudo.*

Imagem 22



## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria, Lúcia. ABADE, Flavia. **Para reinventar as rodas:** rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo. Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2020.

ALVES, Cristiane Miriam. **A Matriz Africana:** Epistemologias e Metodologias negras, descoloniais e antirracistas. Porto Alegre: Rede Unida, 2020.

ARRAES, Jarid. **Heroínas Brasileiras em 15 Cordões**. São Paulo: Pólen, 2017.

ASSUMPÇÃO, Jorge E. **Pelotas: escravidão e charqueadas (1780-1888)**. Porto Alegre, PPGH/PUC-RS, Dissertação de Mestrado, 1995.

DUARTE, Melissa; RAMOS, Raphaela; MEDEIROS, Gabriela. Femicídio de negras cresce em dez anos como sintoma da desigualdade Assassinatos contra mulheres brancas, amarelas e indígenas diminuíram 26,9% no período. Já o total de negras vítimas desse tipo de crime aumentou 2%. **Jornal o Globo**, 09. set/2021. disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/seguranca-publica/femicidio-de-negras-cresce-em-dez-anos-como-sintoma-da-desigualdade-25190000>, acesso em 20.out/2022

BALLESTRIN, Luciana. América latina e o Giro decolonial. **Revista brasileira de Ciência Política**. Nº 11- Brasília: maio-agosto pp.89-117, 2013.

BANDEIRA, Lourdes Maria. “Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação”. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, maio/ago. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/se/v29n2/08.pdf> Acesso em 14/10/2022.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo, Companhia das letras, 2022.

Biasoli-Alves, Z. M. M. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16, 233-239. 2000.

CAETANO, Ester. Charqueadas de Pelotas ignoram passado escravocrata e promovem festas privadas. **Nonada** 06.jul/2021. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2021/05/charqueadas-de-pelotas-ignorampassado-escravocrata-e-promovem-festas-privadas/> Acesso em: 14/04/2022.

CAETANO, Marcio, Paulo Melgaço da Silva Junior, e Treyce Ellen Silva Goulart. 1. Famílias, masculinidades e racialidades na escola: provocações queer e decoloniais. **Revista da FAEBA - Educação E Contemporaneidade** 25 (45), 127-43. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2016.v25.n45.p127-143>.

CAETANO, Marcio; LIMA, Carlos; MOTTA, Amanda. DIVERSIDADE SEXUAL, GÊNERO E SEXUALIDADES: TEMAS IMPORTANTES À EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA. **Colloquium Humanarum**. 16(3), 5–16. 2019. Recuperado de: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3179>. Acesso em: 12/05/2022.

\_\_\_\_\_; SANTOS, Luciane; dos; SOUZA, Nil. A (re)existência macumbeira nos espaçostempos das redes sociais: facebook e instagram. **ETD - Educação Temática**

**Digital**, 24(2), 451–471. <https://doi.org/10.20396/etd.v24i2.8660184>. 2022. Acesso em: 20/06/2022.

CARVALHO, Maria. C. B. **A família contemporânea em debate**. In: ROMANELLI, Geraldo. *Autoridade e poder na família*. São Paulo: EDUC/Cortez. 2000.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA Empreendimentos Sociais; TAKANO Cidadania (Org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

\_\_\_\_. **Mulheres em Movimento**. São Paulo: Estudos Avançados, 2003.

\_\_\_\_. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Tese de Doutorado (**TESE**), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, SP. 2005.

\_\_\_\_. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo negro edições, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York/London: Routledge, 2000.

\_\_\_\_. Aprendendo com a outsider Within\*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127. Brasília, 2016.

\_\_\_\_. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

COUTINHO, Eduardo (entrevista) Os dois lados da câmera. In: FILÉ, Valter (org) **Batuques, fragmentações e fluxos**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000:69/82. Acesso em 21/06/2022.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.

\_\_\_\_. A urgência da interseccionalidade. Vídeo da palestra no evento **Technology, Entertainment and Design (TEDWomen 2016)**. Disponível em: <<http://bit.ly/2FX0Ecs>>. Acesso em: 14 julho de 2022.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça, classe**. São Paulo: Plataforma Gueto, 2013.

DIAS, Raquel. Mulheres Negras Odara: Corpos contadores de histórias. **Tese de doutorado**, Programa de pós graduação em Educação em Ciências. Universidade Federal de Rio Grande. 2021.

DU BOIS, W. E. B. **Darkwater**. New York: Harcourt, Brace and Howe, 1920.

\_\_\_\_\_. **Black reconstruction**: an essay toward a history of the part which black folk played in the attempt to reconstruct democracy in America: 160-1880. New York: Harcourt, Brace and Company, 1976.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado; LOPES, Goya. **Escrevivência: A escrita de nós**: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. João Pessoa: Ideia/Editora universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**: cultura afro-brasileira, ano 1- n 1, p.52 -57. 2005.

\_\_\_\_\_. **Literatura Negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, Belo Horizonte, n. 25, v. 13, 2. sem., 2009a, p. 17-31.

\_\_\_\_\_. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

\_\_\_\_\_. **Olhos D'água**. 2, ed – Rio de Janeiro: Pallas, míni, 2018.

\_\_\_\_\_. **Becos da Memória**. 200p. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

\_\_\_\_\_. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FACO, V.; MELCHIORI, L. Conceitos de Família: adolescentes de zona rural e urbana. In: VALLE, T. G. M. (Org.). **Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 121-135. 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador. Editora EDUFBA. 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Minas Gerais: Editora UFJF, 2010.

GILL, Lorena.; LONER, Beatriz A. Os Clubes carnavalescos negros de Pelotas (RS). In: **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/5798/4217> Acesso em 12/06/2022.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**- saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 2017.

GOMES, Nilma. **Movimento negro e educação**: ressignificando e politizando a raça. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul-set. 2012 Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/>

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (Org.). **O lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

\_\_\_\_\_. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado et al. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. In: **ANPOCS**, Brasília, 1984. p. 223-244. (Ciências Sociais Hoje, 2).

\_\_\_\_\_. **A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social**. Brasília: Raça e Classe, 1988.

\_\_\_\_\_. A categoria político-cultural da amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

GONZALEZ, Lélia **A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social**. Brasília: Raça e Classe, 1988d.

\_\_\_\_\_. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Anpocs: Revista Ciências Sociais hoje**, 1984. Plataforma Gueto, 2013.

GOULART, Treyce. CAETANO, Marcio. MELGAR, Eduardo Garralaga. **Das pedagogias de gênero à performatização heteronormativa**: narrativas sobre as infâncias na escola. Reflexo e Ação, Janeiro-Abril. Unisc, V. 28 nº 1. 2020.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. Sítio Charqueador Pelotense. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf, et al (org). **História Geral do Rio Grande do Sul**: Império. Vol. 2. Passo Fundo: Méritos, 2006.

\_\_\_\_\_. CAETANO, Marcio. SILVA, Marlon Silveira da. Projeto: Conta-me a sua história: Currículos e experiências androcêntricas na escola. **Atos de pesquisa em Educação**. 11(2): 634, setembro 2016.

HOOKS, bell. **Erguer a voz** : Pensar como feminista, pensar como negra. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_. **Vivendo de Amor**. Disponível em: <https://www.geledés.org.br/vivendo-de-amor/2010>. Acesso em: 12/05/2022.

\_\_\_\_\_. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

\_\_\_\_\_. **Intelectuais negras**. Tradução de Marcos Santarrita. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 1995. Ano 3, p. 464-478, n2/95.

\_\_\_\_\_. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

\_\_\_\_\_. **Tudo sobre o amor**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo. Editora Elefante. 2021.

IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2019c. 130p. - Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296; ISBN 978-85-240-4511-0.

JESUS, Carolina M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Edição Popular, 1963.

LORDE, Audre. **Sister outsider**: essays and speeches. California: The Crossing Press, 1984.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LOPES, Nei. **Partido-alto**: samba de bamba. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, 935-952. 2014.

MEDEIROS, Marielda Barcellos. **Sonoridade Adinkra**. Pelotas: MS2 Editora, 2021.

MBEMBE, Joseph-Achille. **A Universalidade de Frantz Fanon**. Lisboa: ArtAfrica, 2012.

\_\_\_\_\_. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

\_\_\_\_\_. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus Identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Editora Global, 2006.

\_\_\_\_\_. **Negritude: Usos e sentidos**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro**. São Paulo: Editora 34, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

\_\_\_\_\_. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. O negro visto por ele mesmo. Revista Manchete, Rio de Janeiro, p. 130- 131, set. 1976.

\_\_\_\_\_. Ôrí. Cineasta Raquel Gerber, 91 minutos. Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NKOSI, Deivison Faustino. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo In Blay, Eva Alterman. **Feminismos e Masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75-104.

NUNES, Georgina; MARQUES, Sônia. Narrativas Quilombolas, a pluralidade na luta das mulheres e o descentramento de estratégias políticas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 566-594, maio/ago. ISSN 1645-1384 566 <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v19.n2.08>. 2019. Acesso em 30/07/2022.

OLIVE, Gilbert. **A história de Sojourner Truth, a escrava do norte**. São Paulo: Principis, 2021.

OLIVEIRA, Ediane. Do fogo que em mim arde: Experiências e epistemologias de mulheres negras. **Dissertação de mestrado** - Universidade Federal de Pelotas, programa de pós graduação em antropologia. 2021.

OLIVEIRA, Pedro de. **A justificação da desigualdade em discursos sobre a posição social do negro (1990-2000)**. São Paulo. Psicologia Política, 2013.

PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson (Org.) **Os clubes sociais negros no Estado do Rio Grande do Sul** . Dados eletrônicos. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.

Petzold, M. The psychological definition of the family. In M. Cusinato (Ed.), **Research on family: Resources and needs across the world** (pp. 25-44). Milão: LED-Edizioni Universitarie. 1996.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

QUIJANO. Aníbal. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. p. 193-238.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, Instituto Kuanza, 2006.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula: romance original brasileiro**. São Luís, Typographia do Progresso, 1859.

RIBEIRO, Stephanie. Quem somos: mulheres negras no plural, nossa existência é pedagógica. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. **Explosão Feminista**. Arte, Cultura, Política e Universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 261-286.

RIBEIRO, Tiago. SOUZA, Rafael de. SAMPAIO, Carmen. **Conversa como metodologia de pesquisa**. Por que não?. Rio de Janeiro: Ayuv, 2018.

ROSA AMARELA. **Canto de Oyá**. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/4Ba4W2NDJFyh8htWnajWVx?highlight=spotify:track:1HQ3ldCO6GEmfHo4R17gYl>. Acesso em jan. 2022.

SAMPAIO, Carmen. ; RIBEIRO, Tiago. Pesquisas com os cotidianos e formação docente: artes de fazer com. In: GARCIA, A. OLIVEIRA, I. B. (Org.). **Aventuras de conhecimento**: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação. Petrópolis: De Petrus; Rio de Janeiro: Faperj, 2014. p. 147-158.

SANTOS, Milton. **O território e o saber local**: algumas categorias de análise. Cadernos IPPUR, ano XIII, n. 2, 1999.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: Associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). Dissertação (**Mestrado em História**) – Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2011.

SILVA, Fernanda de Oliveira. Associativismo negro em terras sulinas: das irmandades aos clubes para negros em Pelotas (1820-1943). **Revista Thema**, 8(2). 2011. <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/99> Acesso: 12/05/2022.

SILVEIRA, Maria Helena Vargas da Silveira. **As filhas das lavadeiras**. Porto Alegre: Grupo Cultural Rainha Ginga, 2002.

SOARES, Elza. Portal Geledés, 2019. Disponível em: Elza Soares sobre festa da diretora da Vogue: “**escravizar, nem de brincadeira**” (geledés.org.br). Acesso em 23/05/2022.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade**: a forma social negro-brasileira. Salvador: Imago, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pensar Nagô**. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 2017.

SOUZA, Alves Mariana. BARBOSA, Valéria Maria. Mulheres Negras ocupando espaços por meio de narrativas e “escrevivências”. Núcleo de Estudos de Gênero - **Caderno Espaço Feminino**, 2020. p. 267-285, v.33, n. 2.

SOUZA, Hebert Geraldo de. MÃES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: fragmentos da clínica. 124 fls. **Dissertação** (PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA). UFMG, Belo Horizonte, Maio/2016.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar se negro**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983

LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La Colonialidad Del Saber : Eurocentrismo Y Ciencias Sociales : Perspectivas Latinoamericanas**. 1. ed. Buenos Aires, Argentina : CLACSO. 2000.

TEIXEIRA, Julio Cesar. **Alimentação de bovinos leiteiros**. Lavras, UFLA - FAEPE, 267 p. 1997.

TRUTH, Sojourner. Ain't I a woman? In: SCHNEIR, Miriam. **Feminism: the essential historical writings**. New York: Vintage Books, 1994. Disponível em: <http://www.historyisaweapon.com/defcon1/aintwomantruth.html>

VEIGA-NETO, Alfredo; NOGUEIRA, Carlos. Ernesto. Conhecimento e saber: apontamentos para os estudos de currículo. In: DALBEN, Ângela et al. (org.). **XV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Coleção didática e práticas de ensino**. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Políticas e práticas educacionais. Volume: Currículo, Ensino de Educação Física, Geografia e de História e Escola, Família e Comunidade. Belo Horizonte: Autêntica e UFMG, p. 67-87, 2010.

WERNECK, Jurema. **O Livro da saúde das mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil**. Rio de Janeiro: Criola, 2010.

## Anexo 1

### **Nome completo e data de nascimento**

- Tu tens consciência da sua negritude?
- Pra ti como é ser negra na cidade de Pelotas, quais dificuldades encontras no teu dia a dia?
- Tu te sentes pertencente a esta cidade, bem como na sociedade?
- Tu sentes indiferença ou perseguição ao entrar numa loja, supermercado, farmácia?
- Se em algum momento tu pudesse deixar de ser negra retinta, tu farias essa troca?
- Seus relacionamentos foram interraciais em algum momento da tua vida?
- Como foram suas relações amorosas, em algum momento teve relacionamento tóxico?
- Quantos filhos tu tens e como foi criá-los?
- Em relação aos estudos formais, qual sua formação?
- Qual sua profissão?
- Quais conhecimentos que tu tens, aqueles que não aprendemos em sala de aula?
- Como é a comunidade que tu moras e quantos anos tu moras nela?
- Qual tua religião?
- O que a ancestralidade significa pra ti?
- Se tu pudesses deixar uma frase para futuras gerações, o que tu gostarias de deixar escrito?
- Tu tens alguma pessoa negra que seja tua inspiração, tua referência?

